

Anexos |

ANEXOS

Anexo 1. Declaração de Autorização da Investigação para Coordenadores dos Clubes

Joana Cerqueira

Mestranda em Psicologia do Desporto

e-mail: joanacerqueira_fcp@live.com.pt

A/c do Exmo. Director Técnico,

Eu, **Joana Catarina da Costa Cerqueira**, estudante da Escola Superior de Desporto de Rio Maior, encontro-me a realizar a investigação **“Conceptualização do Jogador Talento no Futebol, A Perspectiva de diferentes Treinadores e o contributo da Psicologia para a sua operacionalização”**, no âmbito do Mestrado em Psicologia do Desporto. Para tal, venho por este meio solicitar a participação do clube nesta investigação, mais concretamente, os seus jogadores e treinadores dos Sub 14 aos Sub 17. Relativamente aos jogadores serão aplicados dois instrumentos com o objectivo de avaliar as suas competências psicológicas. Com os Treinadores, será realizada uma pequena entrevista individual, com o objectivo de analisar e compreender alguns processos e conceitos inerentes à formação de jovens jogadores no Futebol.

Qualquer assunto que queira ver esclarecido, não hesite em contactar.

Aguardo atenciosamente a sua resposta,

Com os melhores cumprimentos,

(Joana Cerqueira)

Anexo 2. Declaração de Protecção de Dados

INSTITUTO POLITECNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE DESPORTO DE RIO MAIOR



mestrado em Psicologia do Desporto e do Exercício

Declaração de Protecção de Dados

(Atenção: Aconselha-se a leitura na íntegra do documento antes de iniciar o preenchimento)

1. RESPONSÁVEL PELO TRATAMENTO

Nome: _____

Instituição: _____

Profissão/Actividade: _____

Endereço: _____ CP _____ - _____

Tel.: _____ e-mail: _____@_____ NIF: _____

Representante do Responsável do Tratamento

Nome: _____

Instituição: _____

Profissão/Actividade: _____

Endereço: _____ CP _____ - _____

Tel.: _____ e-mail: _____@_____ NIF: _____

2. ENTIDADE ENCARGUE DO PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO

Instituição: _____

Endereço: _____ CP _____ - _____

Tel.: _____ e-mail: _____@_____ Fax: _____

3. DADOS PESSOAIS CONTIDOS EM CADA REGISTO**Tipos de dados pessoais****Descrição**

4. RECOLHA DE DADOS

Legitimidade do Tratamento

- Consentimento dos titulares dos dados
- Para cumprimento de obrigações legais
- Execução de obrigação contratual
- Para protecção de interesse vital do titular
- Execução de missão de interesse público
- Prossecação de interesse legítimo.....
- Exercício de direito em processo judicial.....
- Inexistência de risco de intromissão na vida privada ou de discriminação

Recolha directa

peçoal telefone Internet

por impresso outra _____

Recolha indirecta

Descrição

5. COMUNICAÇÃO DE DADOS

Existe comunicação de dados

Não

Sim

Por telecomunicações

Em suporte de papel

Em suporte informático _____

6. MEDIDAS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DAS INFORMAÇÕES

Segurança implementada no sistema

Cópias de *backup* (segurança) dos dados Sistemas de processamento de *backup*

Password de acesso às informações Informação cifrada

Outras _____

7. TEMPO DE CONSERVAÇÃO DOS DADOS PESSOAIS

Qual o tempo de conservação dos dados

8. FORMA E CONDIÇÕES COMO O TITULAR PODE CONHECER, CORRIGIR E ELIMINAR OS DADOS QUE LHE RESPEITEM

Descrição _____

ATESTA A VERACIDADE DA DECLARAÇÃO APRESENTADA

___ / ___ / ____

O RESPONSÁVEL DO TRATAMENTO

NOME:

ASSINATURA

ATESTA A VERACIDADE DA DECLARAÇÃO APRESENTADA

___ / ___ / ____

EU,

____,

DECLARO TER TOMADO CONHECIMENTO DE TODO O PROCESSO DE RECOLHA, TRATAMENTO E DIVULGAÇÃO DE DADOS TIDOS EM CONSIDERAÇÃO NESTA INVESTIGAÇÃO.

ASSINATURA

Anexo 3. Questionário Demográfico para Treinadores



INSTITUTO POLITECNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE DESPORTO DE RIO MAIOR



Mestrado em Psicologia do Desporto e do Exercício

Código: _____

Entrevistado: _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / _____ Sexo: Masculino Feminino

Número de Anos de exercício da Profissão: _____

Breve Currículo Académico e Profissional:

Anexo 5. 1ª e 2ª Versão do Guião de Entrevista para Treinadores



INSTITUTO POLITECNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE DESPORTO DE RIO MAIOR



Mestrado em Psicologia do Desporto e do Exercício

Conceptualização do Jogador Talento no Futebol,

A Perspectiva de diferentes Treinadores e o contributo da Psicologia para a sua operacionalização.

Guião de Entrevista para Treinadores – 1ª VERSÃO

1ª Parte – O Futebol

- 1) Como caracteriza a modalidade de futebol actualmente?
- 2) Aliado ao modelo de jogo, dito técnico e tático, que “modelo de jogo psicológico” construiria? Que competências psíquicas apresentam os seus jogadores?
- 3) De que modo contribui ou poderá contribuir, a presença de um psicólogo na sua equipa de Sub ____ ?

2ª Parte – O Jogador e a Prática Desportiva

- 1) Enquanto treinador, quais as suas funções no processo de formação de um jovem jogador? E aos familiares dos jogadores?
- 2) E os demais agentes desportivos, dirigentes, árbitros, médicos?
- 3) Ao treinar actualmente o Escalão de Sub ____, quais são as suas principais preocupações?

3ª Parte – A Excelência Desportiva

- 1) Como define “talento desportivo”?
- 2) Como distingue um “talento” dos demais?
- 3) Que características técnico-táticas salienta? E Físicas? E Psíquicas?
- 4) A discussão de qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos indivíduos, genética ou através da experiência adquirida, tem gerado opiniões distintas na comunidade científica. Como encara este dilema, um talento no

futebol *nasce* ou *faz-se*?

- 5) Relativamente ao conceito de prática deliberada, acho que este pode ser a chave para o alcance do sucesso desportivo?
- 6) Na sua opinião, qual a idade de início de prática aconselhável na modalidade de futebol? A especificidade precoce apresenta-se como um perigo ou uma solução?
- 7) Diversos autores consideram que a análise de rendimentos superiores deverá ser feita através de diferentes domínios, sendo, tático-técnico, físico, cognitivo e mental / emocional. Estes diversos domínios são considerados na detecção e selecção de talentos?



INSTITUTO POLITECNICO DE SANTARÉM
ESCOLA SUPERIOR DE DESPORTO DE RIO MAIOR



Mestrado em Psicologia do Desporto e do Exercício

Conceptualização do Jogador Talento no Futebol,

A Perspectiva de diferentes Treinadores e o contributo da Psicologia para a sua operacionalização.

Guião de Entrevista para Treinadores – 2ª VERSÃO

1ª Parte – O Futebol

- 1) Quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-sócio-desportivo complexo. Concorda com esta designação? O que o torna complexo? O que o distingue das restantes modalidades?
- 2) Para cada posição específica em campo, sabemos que a ela correspondem uma serie de acções e comportamentos coerentes com um modelo de jogo bem definido e estruturado. A cada posição, poderemos também atribuir competências psicológicas específicas? Que “modelo de jogo psicológico” construiria? Que competências psíquicas apresentam os seus jogadores?

- 3) De que modo contribui ou poderá contribuir, a presença de um psicólogo na sua equipa de Sub ____ ?

2ª Parte – O Jogador e a Prática Desportiva

- 1) Que importância confere á sua actividade enquanto treinador na formação de jovens jogadores e conseqüentemente á sua promoção enquanto jovens promessas no Futebol? Como poderá promover esta potenciação?
- 2) E aos familiares dos jogadores?
- 3) E os demais agentes desportivos, dirigentes, árbitros, médicos?
- 4) Ao treinar actualmente o Escalão de Sub ____, quais são as suas principais preocupações? Que características já deverão os jogadores ter adquirido, e quais aquelas que irão estar adquiridas aquando do termino do escalão de _____? Qual a sua opinião em relação ao facto de muitas vezes vemos jogadores mais novos a treinarem e a competirem em escalões mais velhos? A que se deve esta transição de um escalão para outro?

3ª Parte – A Excelência Desportiva

- 1) Atendendo ás diversas definições e caracterizações de “talento”, para si, como define um jogador considerado de excepção?
- 2) Como distingue um “talento” dos demais?
- 3) Que características técnico-tácticas salienta? E Físicas? E Psíquicas?
- 4) Poderemos afirmar que existe um tipo de característica primordial face a outra?
- 5) A discussão de qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos indivíduos, genética ou através da experiência adquirida, tem gerado opiniões distintas na comunidade científica. Como encara este dilema, um talento no futebol *nasce* ou *faz-se*?
- 6) A investigação remete-nos para o conceito de prática deliberada como chave para o alcance de performances de excelência, referindo que é uma prática pouco agradável, exige esforço, concentração por parte dos jogadores, durante um período mínimo de 10 anos. Para si, qual o verdadeiro sentido e aplicação da prática deliberada? A quantificação de horas e anos de prática será por si só suficiente? O que poderemos conjugar com este conceito?
- 7) Na sua opinião, qual a idade de inicio de prática aconselhável na modalidade de

futebol? Poderemos inferir quanto mais cedo iniciarem a prática de futebol, mais possibilidades têm de alcançar o *top*? A especificidade precoce apresenta-se como um perigo ou uma solução?

- 8) Diversos autores consideram que a análise de rendimentos superiores deverá ser feita através de diferentes domínios, sendo, tático-técnico, físico, cognitivo e mental / emocional. Estes diversos domínios são considerados na detecção e selecção de talentos?

Anexo 6. Entrevistas dos Treinadores do Grupo de Elite

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 1, Treinador de formação do escalão de Sub 14
a 7 de Outubro de 2010, Tempo de duração da entrevista: 2h 10

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema complexificado . No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinadores, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

TF1: Há dois aspectos fundamentais para nós percebermos o que é o futebol, quanto a mim, tem a ver com a natureza do jogo e tem a ver com a natureza de quem joga o jogo. O jogo por natureza é um jogo complexo, porque implica uma série de estruturas complexas, mais as regras e uma série de condições e circunstâncias que o tornam por natureza complexo, e fundamentalmente é jogado por pessoas que de simples têm muito pouco, e no caso do processo de formação, por jovens em processo de aprendizagem. Ou seja, olhando para o futebol como algo simples é retirar a essência do futebol da sua natureza, ou seja é esquecer que o futebol é tudo menos aquilo que realmente é. O que é o futebol? É algo que é complexo. Porquê? Quando nós vimos um jogo, vemos interações entre os jogadores, vemos interações entre as equipas, vemos uma interação entre o público, vemos interações entre as duas equipas com o árbitro, vemos interações em termos grupais, vemos uma série de dinâmicas ao nível das mesmas equipas, dentro da mesma equipa, dentro da própria equipa ao nível sectorial, ao nível grupal, dentro desses grupos ao nível do indivíduo, que eu não consigo conceber esse fenómeno como algo que seja simples, porquê? Porque é jogado por pessoas que pensam, é jogado por pessoas que têm capacidade de se ajustar nas diferentes situações, o que não é nada sempre igual, é sempre tudo diferente. Quando conseguimos tornar o futebol mais simples, encontramos a beleza dele, mas mesmo esse simples torna-se complexo, porquê? Porque continua a acontecer ao nível das interações dos jogadores, ao nível das dinâmicas entre os jogadores e ao nível da capacidade de cada um decidir mediante uma série de circunstâncias e experiências que já teve, uma série de situações que o fazem decidir de uma determinada maneira, e basta pensar nisso, e concebe-lo como algo simples acho que não faz sentido. Onde é que vemos o futebol que seja algo simples? Fruto daquele pensamento que existiu há muito tempo atrás, que fez com que as pessoas pensassem e olhassem o futebol como algo sendo “os gajos atrás da bola que o querem é fazer golo”. Acho que é extremamente redutor, e quando se estuda e quando se pensa em termos “científicos” (de ciência que o procura modelar), quem partilhar disso, quanto a mim está no caminho errado, está no caminho que está a retirar a essência do jogo, está a retirar a essência ao nível da complexidade porque essa complexidade tem a ver com a natureza do jogo e com a natureza do homem, por isso não consigo conceber o jogo sem esta complexidade. Como é que nós conseguimos pensar o jogo de forma a que ele seja inteligível? De forma que seja perceptível, de modo a que o consigamos perceber tornando-o mais simples olhando para as orientações do jogo, olhando para aquilo que o é capaz de organizar. O que é que acontece no jogo? Nós somos capazes de identificar um conjunto de organizações quer a nível do ataque,

quer ao nível da defesa, quer da forma como transitamos de uma para outra que nos permite identificando algumas regularidades, mas mesmo aí vai ser sempre complexo, nessas interações desses momentos nós nunca sabemos o que vai acontecer, nós podemos tentar perceber e antecipar de certo modo o que pode acontecer, existem uma série de opções que podem acontecer, mas nunca sabemos o que é que vai acontecer, porquê? Porque vai ser sempre o jogador a decidir, e o jogador vai decidir mediante uma série de questões que têm a ver com a experiência dele, com a prática dele, com o momento dele, com o que se passa no jogo, com a emotividade do jogo, com uma série de situações e circunstâncias que o fazem decidir de uma determinada maneira. Desta forma, nós ao olharmos para o futebol como algo complexo, tornando-o inteligível, tentamos torná-lo em algo que seja capaz de ser aprendido por alguém, e aí vamos diminuir a complexidade, mas mesmo nessa diminuição dessa complexidade nunca deixa de ser complexo.

JC: Nós ao exercermos a nossa profissão de psicólogos junto de escalões de formação, de que modo podemos contribuir para que o jogador seja capaz de atingir um nível de excelência? O Professor considera que poderia usufruir dessa prática na formação dos seus jogadores?

TF1: O papel da psicologia, o papel das ciências que ajudam a tornar o fenómeno futebolístico mais inteligível, são todas intervenientes e positivas do processo, são todas capazes de ajudar com as suas perspectivas. No entanto, nunca nos podemos esquecer do que é fundamental, fundamental é o jogo e o jogador, e o que tem a ver com o jogo e o jogador. Nessa perspectiva, a psicologia, a sociologia, as neurociências, a fisiologia, vamos a essas ciências perceber até que ponto elas nos podem ajudar, balizando e tornando relevante sempre o que é importante. No caso da psicologia porque é que nós olhamos para a psicologia como algo que pode ajudar o futebol? Ou como pode ajudar o jogador de futebol? É um homem no desporto, é um homem em competição, é um homem que se tenta superar, é um homem que tenta aprender uma série de coisas, é um homem que decide em contextos emocionalmente alterados e variáveis, sendo o seu papel fundamental. É um fenómeno psico-social? Claro. Porquê? Porque estamos imbuídos numa sociedade que influencia as tais decisões? Claro. Influencia a nossa capacidade de vir treinar e de vir jogar? Claro. Implica que a nossa família também tenha implicações na nossa performance? Claro, porquê? Porque tudo isto influencia a nossa capacidade de decidir, influencia a nossa capacidade de jogar, influencia a nossa de estar no momento presente a sentir de determinada forma. Então quanto maior for a relevância do ensinamento e da procura das várias aprendizagens que estão ao dispor, e neste caso a psicologia porque é extremamente relevante, sabendo porque caminhos vamos percorrer, sabendo o que é que nós queremos. Porque uma coisa é nós falarmos no jogo, outra coisa é falarmos da equipa, outra coisa é falarmos do jogador, outra coisa é falarmos do jogador que tem problemas, outra coisa é falarmos do jogador que quer elevar o nível do seu rendimento, e outra é falarmos do jogador que se quer superar continuamente.. Depende sempre dos objectivos que nós temos, depende sempre das essências que nós temos, depende sempre da natureza das coisas. Agora que tudo influencia? Claro. Como é que nós vamos tornar o processo inteligível sem ser espartilhado, sem ser empobrecido, ou seja, sem retirar complexidade? Não reduzindo, não tornando aquilo pobre... agora é o psicólogo que trabalha, agora é o treinador que trabalha, agora é o nutricionista que trabalha, as coisas vistas desta forma nunca vão ser quanto a mim, correctas, estamos a perder as interações que existem no

presente e no futuro, estamos alterar a essência do homem, que é um homem complexo que vive, que dorme, que chora, que come, que pensa, que decide em todos os momentos da sua vida, então, porque é que nós vamos espartilhar as coisas? Porque é que vamos reduzir as coisas? Acho que fazendo isso, estamos a perder o contributo que a psicologia nos pode dar. Ao pensar no fenómeno enquanto psico-social, atribuímos ao futebol uma importância e uma relevância extrema, porquê? Quem quer jogar futebol tem de ter algumas características, e que tipo de características tem que ter? se calhar, as que fundamentalmente lhe permitem jogar o jogo. Agora que tipo de jogo nós queremos jogar? Que tipo de características tem de ter para jogar aquele jogo? Ok, mas eu ate domino algumas coisas mas não domino todas, como é que eu consigo ir evoluindo nesses domínios e nessas competências para que consiga evoluir o meu rendimento?

JC: Professor, voltando à questão do fenómeno em si, neste momento, assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma mediatização às diferentes modalidades. O que torna o futebol um fenómeno tão especial?

TF1: O futebol existe há muitos anos e acompanhou a evolução das sociedades, para se jogar futebol não é preciso muita coisa, é preciso uma bola, quatro pedras e jogadores, e fazemos um 2x2, 3x3, como tiver que ser, logo por aí é fácil de se jogar. As dezassete regras que existem tornam o jogo muito fácil. Nestes dias li uma entrevista do Platini e ele dizia que há uma regra fundamental que é a regra do fora de jogo, que tirando essa regra torna-se um jogo estúpido, torna-se um jogo banal, essa regra torna o jogo um pouco mais inteligível, porquê? Porque é um jogo de oposição, como é que eu consigo desequilibrar um adversário para alcançar o meu objectivo, e o adversário por outro lado é, como é que eu tento não me desequilibrar para ganhar a bola para eu alcançar o meu objectivo. Esta relação de oposição e cooperação em e entre as equipas muitas vezes fazem parte da essência do homem, que é, eu estou a competir porque eu quero conseguir algo, neste caso quero conseguir marcar um golo. É uma essência básica do homem, e a Joana pode-me dizer assim “ok, mas o basquetebol também é e o andebol também é!”, ok, mas no basquetebol temos resultados de 90 -100, há muito sucesso, e as pessoas não gostam assim de tanto sucesso. No futebol os resultados são muito aproximados, nem sempre a equipa mais forte ganha, enquanto na maior parte das modalidades, as equipas mais fortes por natureza ganham, quase conseguimos adivinhar quem vai ganhar. Num jogo com duas equipas no futebol, por vezes acontecem uma série de surpresas, mas só acontecem surpresas para quem não sabe o que é o futebol, que foi criado com onze, ok é com estes onze que nós vamos jogar e é demasiado complexo, então implica não ter muito sucesso, no futebol de certeza que se fosse 10 – 5, 15 – 20, as pessoas não gostavam tanto de futebol, mas 1 – 0 tem aquela emotividade, e essa emotividade, essa competição, esse risco que existe de nós ganharmos, podermos perder, nós nunca sabemos como é que vai ser, é mais difícil de controlar o resultado, é mais difícil de controlar o sucesso, então dá mais prazer entrarmos nessa competição, porquê? Porque nunca sabemos, e obriga-nos a que? Obriga-nos a superar, obriga-nos a dar mais de nós, obriga-nos a “hoje estou aqui no meu máximo, ou então não consigo lá chegar”. E mais uma vez voltando à essência das coisas, qual é a essência do futebol? É a competição, é a relação de oposição que existe com alguém, eu tenho que atacar e eu tenho que defender, essa é a essência do homem, eu tenho de estar nesta vida, eu tenho de sobreviver, eu tenho que viver, há os que sobrevivem e há uns que vivem, eu sobrevivo

eu defendo, eu vivo eu ataco e defendo, onde é que eu quero chegar? Ao meu objectivo então vou fazer para isso.

JC: (por exemplo, é possível estender uma relação de reciprocidade entre a sociedade e o futebol? De influência mútua?)

TF1: Sem dúvida! Por exemplo, a nossa sociedade, quanto a mim, vive um mal fruto da evolução, as quais muitas vezes são involuções, são regressões. Nós vivemos todos cheios de pressa, nós vivemos todos acelerados, nós vivemos todos quanto mais melhor, quanto mais coisas eu tiver melhor, perdemos um pouco a capacidade de nos relacionarmos, e quanto a mim isso não é o mais correcto. A nossa sociedade caminha para uma individualização “ok eu vou ficar fechado em casa porque tenho a internet que me permite chegar a todo o lado, tenho telefone já não preciso de me encontrar com as pessoas”, cada vez mais a interacção humana vai sendo reduzida, fruto da suposta evolução da capacidades tecnológicas que temos. O futebol sofre muito disso, quando a fisiologia chegou ao futebol, quando as máquinas de musculação chegaram ao futebol, quando a suposta ciência chegou ao futebol, fez o futebol perder um pouco a sua essência. O futebol de antigamente era jogado por homens que tinham um prazer enorme em jogar, a consequência do jogo deles era sempre um prazer, era sempre um sucesso na busca do como “nós não queremos ganhar, nós queremos ganhar de determinada forma”. Hoje em dia, o resultado parece que é o fundamental, “nós só queremos é ganhar”, mas temos as excepções, como o Barcelona e o Arsenal, por exemplo, mas esse “só queremos ganhar” está de acordo com o que existe na sociedade. Vendo um jogo de futebol hoje em dia, é muito mais rápido do que há 10 anos atrás, é muito mais veloz, mas o que é isto da velocidade? Quanto a mim, corre-se muito mais rápido, mas também se pensa mais rápido também é uma verdade, mas tornou o jogo por vezes muito pobre, porque deixou-se de jogar a tal relação de “como é que eu vou enganar o meu adversário para conseguir o meu objectivo” para um jogo de aproveitamento, de desconfiança, com falácias, “eu quero correr quero lá chegar rápido”, mas o que é certo é que os resultados continuam muito ajustados, de muito equilíbrio, quer dizer que há um equívoco no futebol, tal como há um equívoco na sociedade, quanto mais rápido não é sinal de melhor, não. Então nós vimos as excepções que são aquelas equipas que se preocupam em jogar um futebol mais bonito, um jogo com mais qualidade, que muito desse jogo tem temporização, tem pausa, tem o pensar o jogo, mas também tem velocidade fundamentalmente ao nível da execução e do pensamento, quando nós observamos e pensamos nisso e dizemos “isto é mais bonito, isto é diferente dos outros”, porquê? Voltamos à essência do jogo, como é que eu me relaciono, porque são onze, e como é que nós os onze vamos tentar desequilibrar o adversário para conseguirmos o nosso objectivo como vamos interagir, com que dinâmicas, de que forma... Há um paralelo, eu não tenho dúvidas.

JC: Professor, em campo, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas para cada posição assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-técnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...Acha possível a construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado às diferentes posições ocupadas pelos diferentes jogadores em campo?

TF1: Eu considero relevante e considero isso um avanço ao nível da psicologia no futebol se isso realmente vier a acontecer, ou seja, se os psicólogos que estiverem a estudar o fenómeno se preocuparem com isso, isto porquê? No modelo de jogo que nós temos definido, e vou falar do nosso modelo de jogo, porque existem vários modelos e supostamente cada treinador tem as suas ideias e tudo o que tem a ver com o modelo, e o modelo consiste numa parte relevante, nas ideias que o treinador tem para o jogo e contudo o que está relacionado com isso. Mas o modelo é muito mais complexo do que isso. Tem a ver com a cultura, com a liderança, com o passado, com o futuro a que aspira, com a equipa, com os jogadores que se tem, com os objectivos definidos, com a metodologia utilizada, enfim, é algo complexo. Nós pensamos e definimos no nosso modelo uma série de organizações, uma série de dimensões, uma série de questões que nos permitem tornar o jogo inteligível, que nos permite tornar o jogo capaz de ser aprendido por alguém. Se nós queremos não tornar ou não espartilhar mas tornar complexo algo que é complexo não tornando simples, nós dividimos as nossas equipas pela organização do ataque, da defesa, da transição defesa-ataque, da transição ataque-defesa. Temos os jogadores também divididos por posição, cada um deles tem papéis, comportamentos, funções, como lhe quiser chamar, diferentes uns dos outros, porquê? Porque jogam em determinadas zonas, porquê? Porque essa estrutura que nós escolhemos, permitem eles se relacionarem uns com os outros. Permitem um determinado tipo de interacções e dinâmicas específicas. Se nós fazemos isso, se nós escolhemos determinadas estruturas, se nós escolhemos determinados e regulares comportamentos para determinados jogadores (sem os limitar ao ponto de não serem livres mas apenas poderem-se relacionar de forma específica), porque é que nós não temos dadas características para os jogadores. A Joana facilmente reconhece que para defesa central tem de ter basicamente, isto não é limitativo, algumas características, um defesa direito normalmente é diferente de um defesa central, um ala é diferente de um defesa central, ou seja, por natureza existem características físicas que os diferenciam, por natureza existem papéis e comportamentos, no jogo, que os diferenciam, porque não existir componentes psicológicas que também os possam diferenciar?

JC: (não quero que entenda que digo que existem competências psíquicas únicas para dada posição, mas sim, algumas primordiais de acordo com as acções que tem de desenvolver em campo...)

TF1: Era mesmo aí que eu ia entrar, porque, todos eles têm de saber receber uma bola, todos eles têm de saber passar uma bola, todos eles têm de saber fazer um remate à baliza, todos eles têm de saber de jogar de cabeça, ou seja, existem uma série de competências ao nível do domínio táctico, ao nível do domínio técnico, ao nível do domínio físico, ao nível do domínio psicológico, que têm de existir, porque se não eles não conseguem jogar futebol, ou pelo menos não conseguem jogar futebol a um nível elevado, se nós escolhemos, decidimos e definimos quais são as primordiais ao nível táctico, técnico e físico, porque não ao nível psicológico? Aí entramos naquilo que eu acho que deve ser, e mais uma vez refiro-me ao nosso modelo... fundamentalmente nós procuramos jogadores inteligentes, e essa é uma capacidade ao nível da capacidade mental, esta é a base do nosso jogo, um jogador que não seja inteligente a jogar dificilmente jogará cá connosco, até pode ter uma série de coisas, mas essa é uma competência básica, indo por posições nós sabemos que, e começando pelo guarda-redes, e vou pegar num exemplo antigo, num chavão, de que o guarda-redes tinha de ser maluco, e dizia-se “um guarda-redes para ser bom tem de ser alto e maluco”, o guarda-redes não tinha nada de ser maluco, que abstracção é essa? O que é isso? Tem

sim de ser alguém que transmita a capacidade de alguém de serenar a equipa, de dar segurança à equipa, de dominar os conceitos de ansiedade e do nervosismo porque senão, numa posição tão chave, é o último a ser ultrapassado e é o primeiro a construir, e se a nossa construção é baseada em pilares que tremem, ou seja, que não são seguros, que são ansiosos, que tipo de construção é que nós temos? E no guarda-redes, a questão do domínio da ansiedade tem de ser muito controlada, ou seja, queremos que eles consigam trabalhar isso da melhor forma possível, e ao mesmo tempo a questão da segurança que eles têm de ter em jogo, e a segurança tem a ver com o quê? Tem a ver com a confiança, tem a ver com a minha capacidade de estar o mais disponível possível para decidir bem, e quando eu estou mais confiante, normalmente decido bem, isto não esquecendo a questão da motivação, e estas são aquelas questões mais básicas. Fundamentalmente eu elejo a questão do controlo da ansiedade, do controlo do nervosismo, e tudo associado a isso. Posso partilhar um exemplo, ainda há pouco tempo falava com um guarda-redes da nossa formação e ele me dizia que tinha muita dificuldade em lidar com os erros, quando ele errava entrava num processo de ruminação, entrava num processo de “eu vou estar aqui a massacrar-me sobre aquele erro, não consigo passar á frente”, isso é algo que pode ser grave. Quando eu num jogo por um motivo qualquer erro, o que é que me vai acontecer? Vou voltar a entrar nesse processo, vou sentir que “não consigo sair disto”, então se calhar é algo que nós temos de resolver já, como é que nós vamos resolver isso? Entrando numa competência técnica, e quem entra nessa competência técnica? Para mim, o psicólogo, que junto com o treinador deverá resolver essa situação, porquê? Porque é fundamental, sempre de acordo com o treinador, sempre de acordo com o jogador, sempre de acordo com o problema que existe. O treinador tem de ser capaz de o ajudar, mas tem de ter a humildade suficiente de reconhecer que se calhar não tem a competência técnica suficiente para o ajudar, mas não deverá espartilhar esse problema, vou reduzi-lo, e vou tratar no psicólogo, não, o psicólogo é a pessoa que mais competência técnica tem para ajudar naquele sentido, mas o treinador tem de saber para o ajudar, a equipa não tem de saber mas tem de lhe dar contextos e oportunidades para que ele consiga resolver aquilo, por exemplo, se a bola não chegar à baliza como é que ele consegue resolver? Nós muitas vezes temos esse problema, os nossos guarda-redes em dada fase da competição nunca tocam na bola, ou muito dificilmente tocam na bola, dificilmente fazem uma defesa séria, se nós temos esse problema e o quisermos resolver porque foi identificado, se não criarmos no treino contextos em que isso possa ser resolvido, como é que nós conseguimos resolver? Vamos estar á espera dos jogos? Não, os jogos são só mais uma oportunidade para... E este é um exemplo de como as coisas podem acontecer, não é responsabilidade do psicólogo, é alguém que tem mais uma competência técnica especializada para resolver aquilo, para ajudar o jogador a resolver, para ajudar o treinador também a resolver e a fazer evoluir o se jogador e consequentemente a sua equipa.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF1: Nós temos uma enorme responsabilidade, nós temos neste caso mais de trinta jogadores, em que os pais depositam a confiança em nós, em que o clube deposita a confiança em nós para os tornarmos melhores jogadores de futebol, e ao mesmo tempo melhores jovens e futuros adultos, melhores homens, melhores pessoas capazes de estarem em sociedade, melhores pessoas capazes de se superarem, melhores

indivíduos, e isso é uma grande responsabilidade. Se nós formos centrar exclusivamente no que é futebol, no que é importante para o jogo, estamos a tornar algo que é complexo, como nós começamos, em algo que mais do que simples é redutor. Ou seja, nós nunca podemos correr o risco de olhar para a formação de um jovem como algo que seja redutor, ou seja, para mim, o treinador de futebol tem de se preocupar com tudo o que é importante para a vida do jogador, não esquecendo que o fundamental no seu papel é fazer evoluir-lo enquanto jogador de futebol, mas esquecendo a sociedade, esquecendo a família, esquecendo os amigos, esquecendo o clube em que está, esquecendo tudo o que faz parte da vida do jogador, podemos cometer uma série de erros, uma série de reduções que vão ser limitativas. Então, o fundamental será o que é que ele tem de evoluir para ser melhor jogador de futebol, em que domínios? No domínio táctico, técnico, físico e psicológico, e depois todos os outros que estão relacionados com isto, ao nível da família, ao nível dos amigos, é importante? Claro que é importante. Como é que nós vamos no treino e no jogo de futebol neste clube não esquecer isso? Os nossos jogadores são todos amigos uns dos outros, se calhar não são todos amigos uns dos outros, mas cá muitas vezes eles têm os melhores amigos deles, eu ainda hoje tenho bons amigos, ou se calhar um dos meus melhores amigos foi um jogador que jogou comigo, ou seja, isto segue com a vida, não é? Então nós não temos a responsabilidade de olhar para uma equipa de futebol como um contexto de amizade? Sim, vamos tornar isso importante? Nós num ambiente que gostamos somos mais capazes de render mais, mas isso não é fundamental, isso é algo que é importante, o que é que é fundamental? Fazer evoluir o jogador nos domínios que são importantes para ele jogar futebol, táctico, técnico, físico e psicológico, mas tudo o resto é importante. A nossa metodologia de formação baseia-se na Periodização Táctica, que é uma metodologia que olha para o individuo como algo que é global, como algo que é complexo, que se preocupa em fazê-lo evoluir em termos do que é fundamental no futebol, mas reconhece a importância de todas as outras áreas. Agora, no treino o fundamental é o que faz uma equipa jogar de determinada forma e o que faz o individuo crescer de determinada forma, porque o treino não tem de ser igual para toda a gente, mas o treino tem de fazer a equipa jogar de uma determinada forma, ou seja, como é que nós no treino conseguimos operacionalizar o nosso modelo para que a nossa equipa jogue como nós queremos, e ao mesmo tempo respeitando a individualidade de cada um, isto é, ser individualizado sem ser individualizante, ou seja, fazer cada jogador evoluir naquilo que mais precisa, porque entramos na questão dos alas, dos pontas de lança, dos centrais, todos eles precisam evoluir competências básicas, mas todos eles têm competências individuais que necessitam de ser evoluídas, que necessitam de ser cada vez melhores, e a esse ponto o treinador tem um trabalho, quanto a mim, extremamente difícil, que é como é que nos jogamos de determinada maneira, como é que nós tornamos o nosso fenómeno complexo, e cá o nosso jogo é um jogo bastante complexo, que implica uma cooperação e uma interacção colectiva muito forte, muito pensada, em que os jogadores intervêm muitas vezes no jogo, ou seja, não é um jogo reducionista e simplista, e ao mesmo tempo como é que os fazemos evoluir, e isto é de uma complexidade enorme, é respeitando a individualidade a todos os níveis. Ou seja, se nós temos um jogador, por exemplo, um ala que tem determinado tipo de características e se nós vamos só colocar esse ala que gosta de fazer situações de 1x1, que é extremamente criativo, é extremamente imaginativo, resolve problemas da forma como só ele sabe, colocando-o a jogar um jogo só de passe toca e vai, que tipo de jogador é que nós vamos ter? se calhar estamos a tornar um jogador extremamente criativo num jogador igual aos outros, mas se calhar um jogador que mal saiba

passar, aqui nem consegue jogar, ou seja, nós não queremos jogadores todos iguais, nós queremos jogadores cada um à sua maneira que seja capaz de jogar o nosso jogo, e aí entramos na competência básica que é fundamental para nós, que é a questão da inteligência, mas a inteligência é demonstrada quando nós estamos a jogar, na nossa capacidade de adaptação às diferentes exigências, ao que o jogo nos diz, o que é que o jogo nos diz? Que em todos os momentos ele é diferente, e nós não temos equação para dizer se é assim, ou senão é assim, ao ser diferente um jogador tem que estar capaz de se adaptar aquela exigência e decidir naquele momento sem ser o treinador a dizer, sem ser o pai a dizer, tem de ser ele. E como é que nós conseguimos isso? Definindo princípios e Sub – princípios de jogo, que são referenciais de interação e criando no nosso treino contextos competitivos em que ele seja capaz de ir evoluindo nessa capacidade de decisão, nessa capacidade de execução, nessa capacidade de operacionalização do jogo, porque o jogo é jogado com o corpo e com a mente, quando dissociamos uma coisa da outra estamos mais uma vez a reduzir algo que é complexo, por isso é que nós no treino treinamos a questão táctica, técnica, física e psicológica de acordo com a nossa forma de jogar.

JC: Para além da importância dos treinadores muito bem realçada por si, na formação de jogadores, considera que poderão existir outros contextos primordiais ou agentes formativos no alcance de performances de elite?

TF1: Não nos podemos esquecer que é um jovem que vive sempre, e vive em determinados contextos, e esses contextos são a casa, são a escola, são a família, são a rua, são o cinema, seja o que for, ele vive nesses momentos. Nós temos de ter a capacidade de perceber que isso existe na vida dele. Por exemplo, ainda hoje falava com um jogador sobre um assunto, cheguei ao final do treino e senti-o durante esta semana triste, um jogador que normalmente é um jogador não muito extrovertido mas alegre, normalmente sentimos uma tranquilidade, uma serenidade e uma alegria em jogar, e durante esta semana ele não pareceu nada disso, então cheguei ao final desta semana e fui tentar perceber o que se passava e ele diz-me assim “*Mister* chatee-me com a minha namorada, acabei com a minha namorada na terça-feira e não estou a conseguir resolver isso”. Como é que uma simples decisão, que não é tão simples assim, mas uma simples decisão ao nível da vida particular de um jogador pode influenciar a capacidade de ele treinar, pode? Influencia. Como é que ele treinou durante esta semana? Se calhar não se conseguiu superar uma única vez, mas teve imensas dificuldades em estar desperto e livre no contexto do treino. Aqui está um bom exemplo de como o que existe fora do treino, o que existe fora do jogo, influencia o nosso rendimento, porquê? Porque muitas vezes não conseguimos controlar isso, então, vamos ser autistas ao ponto de não reconhecer o que existe fora é importante? Que agentes são importantes? Tudo aquilo que intervém na nossa vida. No caso do jogador de futebol o que intervém fundamentalmente? O treinador, a equipa técnica, os pais...

JC: (mas está a referir-se ao escalão Sub 14?)

TF1: Falo do escalão de Sub 14 e falo a nível do processo de formação, quanto a mim é tudo relevante. Se nós temos um pai em casa que coloca extrema pressão no filho “tu tens que jogar” e o filho não está a jogar, como é que o filho se vai sentir?

JC: (mas considera que essa importância dos diferentes agentes de formação poderá ser variável com a idade do jogador?)

TF1: A importância dos pais vai variando com a idade, porque à medida que o jogador vai formando a sua personalidade, vai ficando cada vez mais capaz de tomar decisões por ele próprio. Um miúdo com 12 anos ouve muito mais o pai, do que um miúdo com 18 anos, isto depende sempre de cada família e de cada individuo, mas em termos gerais, a necessidade de os pais acompanharem os filhos vai sendo cada vez mais diminuta. Nós nascemos e não sabemos comer, precisamos que nos alimentem, nós precisamos que nos eduquem, e essa necessidade vai diminuindo ao longo da vida, no caso do futebol é a mesma coisa, e partindo do futebol de formação, um jogador que não seja ensinado pode crescer, pode evoluir, se calhar pode é não ser da melhor maneira, muitas vezes eles evoluem sozinhos e muito bem, ok se calhar, o chamado futebol de rua era assim, os miúdos cresciam e evoluíam porque não tinham regras, porque não tinham ninguém que os castrassem, mas uma coisa é nós castrarmos a evolução outra coisa é nós ajudarmos e facilitarmos a aprendizagem. Não estou a dizer que é obrigatório ensinar, que é obrigatório dar pistas ou dar testes para, não, eles têm é que estar em determinados contextos em que cresçam, que evoluam. Quando não conseguem sozinhos, os treinadores estão cá para os ajudar, e estão cá outros agentes que estão cá para os ajudar (ou para os limitar...).

JC: Se eu lhe pedir para traçar um trajecto de formação, ou seja, desenhar a formação ideal atravessando os diferentes escalões, como desenharia recorrendo aos diferentes domínios de acção de um jogador, tático, técnico, cognitivo, físico, emocional?

TF1: E tornando mais uma vez o processo inteligível, nós poderemos fazer isto de várias formas, temos de ter a capacidade de escolher como fazer as coisas porque achamos que assim será mais adequado, e ao mesmo tempo reflectimos sobre isso. Para tornarmos isto um pouco mais organizado, e porque para nós faz todo o sentido, nós dividimos cá o nosso processo de formação em três etapas fundamentais, que será a etapa desde que eles começam a jogar futebol, e podem começar a jogar futebol desde que nasçam, desde que são capazes de se mover, desde que são capazes de controlar uma bola, agora o jogo não é eu e uma bola, o jogo é eu, uma bola, uma cooperação e uma oposição. Quando existe isso, eles são capazes de jogar o jogo, agora cá, se calhar não faz sentido um miúdo de 1 ou 2 anos estar cá, mas se calhar a partir dos 3, 4, 5 anos não vamos delimitar, mas vamos dizer que eles são capazes de controlar uma bola, são capazes de se relacionar com alguém, então vamos pô-los a jogar futebol, um 2x2, é jogo de futebol ou não é? É, é um jogo com uma complexidade muito diminuta, comparando com um 11x11. Eles conseguem fazer isso? Conseguem a partir dos 4, 5 anos eles conseguem fazer isso.

JC: (a construção do conhecimento, no meu entendimento, e no do professor pelo que referiu, acredito nesta construção por etapas, no caso do futebol por exemplo, numa fase inicial existo eu enquanto jogador, depois existo eu e uma bola com quem eu posso brincar, depois o companheiro com quem eu posso partilhar esta acção (noção de trabalhar em equipa), seguidamente, o objectivo que eu posso alcançar com o meu colega, a baliza, depois vai surgir o adversário que eu vou ter de ultrapassar com os meus companheiros, e o conseguir evitar que os adversários alcancem o mesmo objectivo que eu...)

TF1: Exactamente, ou seja, nós definimos cá fundamentalmente três tipos de etapas, que é a etapa desde que eles começam a jogar futebol até aos 12, 13 anos, a fronteira será entre os Sub 13 e os Sub 14, e depois entre os Sub 14 e os Sub 16 / 17, e pensando dos Sub 17 até aos Sub 19, como uma terceira etapa. Apesar disto, não as podemos considerar estanques. São adaptáveis, variáveis, individuais e fluidos. Existe um contínuo entre elas, tal como no jogo. Como características fundamentais destas etapas nós temos que mais uma vez voltar à essência das coisas, quando os miúdos com 10, 11, 12 anos jogam futebol, eles vão crescendo, eles vão aprendendo, eles vão evoluindo não através de um processo consciente, muitas vezes eles não têm noção daquilo que fazem, mas eles são capazes de aprender, eles são capazes de jogar de determinada forma e não jogar de uma forma qualquer. Ou seja, eles são capazes de fazer algo que lhes é indicado, e ao mesmo tempo isso que lhes é pedido não seja castrador e limitativo, que os deixem jogar, que os deixem criar, mas esse processo não é um processo consciente, porquê? Porque eles não interiorizam aquilo como “eu tenho de fazer isto porque isto tem uma vantagem para mim, porque eu vou conseguir ter sucesso desta forma”, não, “eu faço isto porque é assim, eu decido porque é assim”, eles não têm que pensar nisso, eles vão ter muito tempo para fazer isso. Ou seja, nessa primeira etapa, tem que existir uma série de experiências, uma série de contextos em que eles joguem em que tenham muito prazer a fazer aquilo que fazem, “eu vou treinar porque é aquilo que eu mais gosto, eu vou jogar porque eu adoro jogar é isto que eu mais gosto de fazer”, e o jogar implica uma situação de cooperação e uma situação de oposição, o sistema para eles ainda não faz tanto sentido, eles só querem jogar. O treino tem de ser um treino que mesmo partindo dos 4, 5 anos até aos 12 anos vai aumentando em termos de complexidade, que os ensinem a cooperar e a interagir, que os ensine a dominar uma bola, de se relacionarem bem com bola, e nós relacionamo-nos muito bem com bola quanto mais tivermos com bola, quanto mais experiências tivermos com bola, e isso implica o quê? Implica muito toque, implica muitas vezes, muito tempo estarmos com essa bola, para quê? Para que o nosso corpo se adapte a essa bola. Porque é que se diz que os jogadores devem começar o mais cedo possível? Porque à medida que nós vamos crescendo vamos dando informação ao nosso corpo ao nível de uma série de estruturas corporais, mas fundamentalmente ao nível dos nossos mecanismos sensoriais e proprioceptivos, que isto são movimentos que eu quero controlar, e quanto mais vezes eu fizer aquilo, ao nível das diferentes estruturas, ao nível dos diferentes contextos, dos diferentes pisos que podem existir, quanto mais eu fizer isto mais o corpo reconhece como algo que é meu, aquilo não é algo de estranho, aquilo é algo que eu faço, e à medida que eu vou fazendo mais vezes, ao nível da repetição sistemática, o meu corpo vai-se adaptando aquilo, e cada vez mais vou sendo melhor a fazer aquilo, sabendo que varia sempre, mas cada vez mais o jogador vai ficando mais apto a responder melhor. Ou seja, fundamentalmente nesta primeira etapa essa relação com bola tem de ser incentivada, e eles relacionam-se com essa bola nos vários contextos, não esquecendo que eles são capazes de aprender e a essência do jogo tem que ser ensinada, e a essência do jogo é, é um jogo de cooperação entre a minha equipa, e de oposição. Nós vamos ver um jogo de miúdos cá de 7, 8 anos, e vimos que existe uma organização, que vai ser sempre limitativa, mas não é limitativa ao ponto de não os deixarem fazer o jogo que eles querem fazer, permitem é eles estarem organizados, permitem é eles cooperarem uns com os outros, e isso é o fundamental, eles perceberem que “nós temos um objectivo a cumprir que é não sofrer e marcar, porquê? Porque nós queremos ganhar”, porque a competição faz parte, e quanto mais cedo eles perceberem que a competição faz parte, porque

ninguém gosta de perder, é uma competência básica do homem, alguém quer perder alguma coisa? Assim sendo os miúdos também não gostam, aliás eles até lutam para ganhar, como? De uma forma mais agradável, à nossa maneira, e em que eles tenham prazer de jogar. Mesmo num jogo simples como é o jogo de 5x5 em miúdos de 7 anos, que seja um jogo em que exista essa organização não limitativa, que exista uma organização que os permita relacionarem-se uns com os outros, de interagirem uns com os outros, e isso é fundamental, para quê? Para que ao nível da evolução quando eles passarem para a segunda etapa, que será uma etapa onde eles aí vão aprender de uma forma consciente o jogo. O que distancia a primeira etapa da segunda? É a capacidade de eles perceberem, é a capacidade de eles dizerem “agora eu vou jogar, eu vou jogar porque existem objectivos muito mais para além daqueles de marcar um golo e não sofrer um golo”, como é que nos vamos fazer isto? Como é que nos vamos aprender a jogar de determinada forma, que é uma forma complexa, e ao mesmo tempo estabelecendo ao nível consciente, ao nível da percepção, ao nível da inteligência, que “eu faço isto por causa daquilo porque queremos outra coisa, nós relacionamo-nos uns com os outros desta forma porque isto é inteligente, e nós acreditamos nisto”, ou seja, esta segunda etapa vai ter cada vez mais sucesso quanto mais os nossos jogadores perceberem as coisas, quanto mais nós formos capazes de os tornar inteligentes, quanto mais eles forem capazes de decidir o melhor possível mediante situações diferentes. Agora, é uma etapa muito difícil, eu não digo que seja a etapa mais fundamental porque se na primeira eles não ficarem com a capacidade executora muito boa, ou muito positiva pelo menos, eles dificilmente vão ser jogadores capazes de, até posso pensar muito bem mas sou incapaz de decidir, então isso torna o jogo não tão atractivo, ou seja, eu não sou tão bom jogador, eu até penso bem mas depois não sou capaz de executar, ou seja, isto está tudo relacionado, a capacidade táctica ao nível da decisão, está a influenciar a capacidade técnica, eu posso pensar mas depois não consigo fazer, então não vou fazer, então penso em outra coisa qualquer, vou fazer uma coisa mais simples por exemplo, mas eu até posso pensar bem ao nível da decisão, vou executar, mas hoje não sei porquê não me sinto tão confiante, então não escolho esta, escolho uma mais simples, como é que nós conseguimos fazer isso tudo, então pesamos, eu escolho esta decisão, vou fazer porque tenho essa capacidade de fazer, até me sinto bem, mas estou na parte final do jogo e já não tenho força, como é que isto está tudo relacionado? E isto o jogador tem de decidir num milésimo de segundo, mas estes quatro domínios e outros mais talvez, fundamentalmente ao nível inconsciente, passam pela cabeça dele, não em todos os momentos, mas em muitas situações, então tudo influencia ou não? É total? É global? É, vamos é fazê-los decidir melhor, vamos fazer com que eles interajam uns com os outros, em que ao nível dessa interacção seja perceptível o que é que nós queremos, que tipo de princípios (os tais referenciais de interacção), que tipo de indicadores eles vão ter para se relacionarem uns com os outros, e aí está o grande sucesso desta etapa, que é eles perceberem o porquê e o como das coisas, e depois, somos capazes de o fazer ou não? Somos em treino, e porque é que não somos em jogo? Somos em jogos só com o adversário mais fácil, ou em todos os jogos? Isto é um processo, e um processo tem avanços e recuos, e o sucesso será maior quanto mais eles forem capazes de reflectir a prática deles, tornar aquilo consciente. E por isso nos Sub 14 muitas vezes os questionamos acerca do porquê das coisas, mas nós sentadinhos nestas cadeiras podemos se calhar responder a uma série de coisas, vamos para dentro de um campo de futebol, já não somos capazes de responder a isso, já não somos capazes de executar, porquê? Porque temos a emoção associada, muitas vezes o jogador é

capaz de responder quando é questionado, mas depois é incapaz de o fazer, porquê? Porque ainda não faz parte dele, ainda não aquilo como algo próprio, que é individual... “ok, eu faço porque o meu treinador quer que eu faça”... investindo muito tempo nisso para que ele não sinta como obrigação mas sinta que é importante para ele porque reconhece o sucesso que tem, a partir de certa altura, provavelmente aquilo vai começar a fazer parte dele, vai começar a não ser só algo que é decidido mas vai começar a fazer parte do inconsciente dele, vai-se incorporar nele, ou seja, ele muitas vezes vai decidir por aquele caminho por determinado princípio porque já nem precisa de pensar nele, ou seja, já faz parte dele já é inconsciente, e quando assim é, normalmente estão aptos a decidir melhor. Como o futebol é adaptativo e variável, quanto mais eles incorporarem isso mais sucesso vão ter, porque melhor irão decidir. Entrando na terceira etapa a exigência do jogo aumenta, a dificuldade vai sendo cada vez maior, onde é que nós temos que evoluir? Partindo do princípio que o que está nas outras duas etapas está, pelo menos ao nível das bases, assegurado, nós vamos entrar no nível do que não nos deixa ter um rendimento máximo? O que é que não nos deixa estar no máximo das nossas capacidades? Porque é que as equipas não jogam tão bem em determinados momentos? Ou durante muito tempo? Tem a ver com a maturação do nosso conhecimento jogo, tem a ver com a maturação da nossa capacidade tática, técnica, física e psicológica, tem a ver com aquilo que nós somos cada vez mais conscientes à medida que vamos sendo adultos de uma série de coisas que tem a ver com a nossa sociedade. Eles começam a perceber a importância de uma série de coisas, “isto agora é mais exigente, isto agora é mais difícil, isto agora é mais complexo”, então a emoção, aquelas competências que muitas vezes fazem a diferença que quanto a mim são as competências psicológicas, começam a interferir muito mais, já não falamos de questões táticas e técnicas já falamos de “eu não consigo porque, não é porque não consigo fazer o passe, não é porque não tenho força, eu não consigo porque há algo que não me deixa decidir bem”, muitas vezes essa diferença é a nível mental, e por isso muitas vezes temos jogadores de 13, 14 e 15 anos muito bons jogadores e à medida que vão crescendo não conseguem dominar esses princípios psicológicos mais básicos, então começam a decidir pior, começam a não ser capazes de responder no jogo, porque a nossa capacidade de sermos bons ou não é sempre quando somos colocados à prova, e somos colocados à prova em treino e em jogo, é visível com a carga emocional mais fundamentalmente no jogo. Então porque é que nós muitas vezes não somos capazes? Porque há algo que não nos deixa. Ou seja, esta capacidade de nós lidarmos com a emoção, e com a nossa capacidade mental de “eu vou-me manter no meu ponto ideal de decidir bem”, na maior parte das vezes é fundamental, e é aqui que nós temos de trabalhar, é a este nível, por isso se torna importante quanto a mim, o psicólogo acompanhar, neste caso, os jogadores, porquê? Porque vai-se apercebendo como ele está a crescer, vai percebendo que em determinados momentos vamos ter que intervir em alguns processos, em algumas competências, porque senão eles vão chegar aos Sub 17, 18 e 19 e não vão conseguir.

JC: Já que fala nessas questões de desenvolvimento e maturidade, não sei se o exemplo que lhe vou apresentar agora já lhe aconteceu, mas por vezes verificamos que jogadores, por exemplo, Sub 14 realizam treinos e competições por escalões de Sub 15 e por vezes até mesmo Sub 16. Concorda com esta transição, ou poderemos considerar como uma situação contra-natura?

TF1: Eu sou apologista da nossa capacidade de observarmos um fenómeno e perceber que características estão subjacentes a ele, e no caso do processo formativo do jogador, onde é que está a ser limitativo já, onde é que está a ser redutor já, e quando é que ele precisa de estímulos mais complexos para o fazer evoluir a um ritmo diferente. Mais uma vez, eu não concordo que olhemos para as coisas a nível psicológico só, nós temos de olhar para os jogadores como um todo, e esse todo tem a ver com as competências, com os domínios que falamos á pouco. Se nós olharmos para ele como um todo, se ele na capacidade técnica resolve bem, se na capacidade táctica decide por bem, se tem capacidade física para resolver os problemas do jogo, estamos a falar de como ele é em jogo e em treino, nós não estamos a falar de alguém que sentado numa cadeira fala sobre futebol, não, como é que ele é em jogo e em treino? Se ele nisto tudo consegue responder perante os desafios que tem, então onde é que está o problema de ele ir crescendo em termos de complexidade? Não há problema, ou há? Eu acho que há problema se olharmos para ele, e pela questão da idade, e dizemos “não pode crescer porque só tem 14 anos”, mas ele tem capacidade para jogar em termos operacionais, consegue estar em jogo nos Sub 17, tendo 14 anos e consegue jogar aquele jogo, se calhar não vai ter tanta força, se calhar não vai ser tão rápido, mas ele consegue jogar aquele jogo, mas consegue jogar o jogo a um nível elevado, ele consegue responder perante os problemas do jogo, e nós dizemos assim “mas ele ainda não está formado em termos mentais”, mas ele não está formado em termos de nada, se calhar é esse provocação que vai fazê-lo crescer em alguns pormenores e em algumas competências. Se ele vai crescer ao nível das competências nós temos de perceber onde é que vamos perder algo, porque perde-se sempre algo e ganha-se sempre algo, e como conseguimos fazer com que aquilo que ele perdeu se for algo grave, paremos para pensar, se essa perda não for relevante para a personalidade dele, para as competências que o permitam que ele continue a ser um bom homem e bom jogador, então “ele ganha muito mais do que senão for”, então vamos ter medo só por causa da idade? Muitas vezes a idade cronológica, a idade óssea, não tem nada a ver com a idade mental ou maturacional. Então se existem essas excepções porque é que nós não permitimos? Eu acho que não devemos ter medo em promover esse processo de formação do jogador, e mais uma vez eu digo que temos é que observar o fenómeno de acordo com aquilo que é mais importante para ele.

JC: (não haverá perigo na formação do jogador, se depois desta experiencia de sucesso ele fizer o retorno ao seu escalão de origem?)

TF1: Isso poderá acontecer quando desenquadrarmos o jogador daquilo que são os princípios básicos da nossa formação. Se nós dissermos “ok, tu vais ter estas experiencias para ver se tu és capaz de”, nós estamos a enquadrá-lo dentro de determinados objectivos, dentro de determinados princípios. Valorizando ou desvalorizando seja o que for, se tivermos sucesso é mais fácil nós vivermos com esse sucesso, se não tivermos sucesso, esse insucesso ou essa suposta regressão, se o enquadramento não for o mais correcto poderá ser pela negativa, agora, também estamos cá nós para resolver isso. Não é problema nenhum nós cairmos, ou seja, só será problema se não nos soubermos levantar, se eu retomo o que é que aconteceu que me fez retomar? É porque não tenho algo básico? Estou a lidar com o insucesso? Eles lidam com o insucesso na vida deles, na escola, na família, no jogo de futebol, é mais uma questão que ele tem que lidar. Agora temos de perceber é que até que ponto essa experiência vai ser limitadora para o crescimento dele, até que ponto o vai marcar para que isso seja limitador no futuro, aí nós confiamos nos profissionais

que trabalham connosco de forma a antecipar uma série de cenários, antecipar uma série de situações, enquadrar muito bem tudo. Não voltamos atrás? Não, simplesmente temos umas experiências que nos fazem ter outros ganhos e perdas, nessas perdas como é que vamos reagir? Vamos desvalorizar? Se calhar não. Agora cada caso vai ser um caso. Esta semana falava com um jogador que neste momento tem 15 anos e está a ter experiências a outro nível competitivo, e que, a conversa que ele tem sobre a evolução dele, é uma conversa de jogador sénior, aliás não sei se alguns jogadores seniores tem essa capacidade, porque ele consegue reflectir sobre a prática dele, consegue reflectir sobre como é que ele decide, consegue reflectir sobre os problemas dele, consegue dizer “eu não fiz aquele passe porque tive medo de perder a bola”, “então mas estavas sem confiança?” “não naquela situação, naquela decisão eu não quis”, e houve pessoas que disseram que ele teve medo, que ele estava sem confiança, ele não estava sem confiança, ele optou por não realizar, isso são as excepções. Se calhar é esse o caminho que nós temos que percorrer, tornar os nossos jogadores reflexivos. Compete-nos a nós fomentar neles essa reflexão, para quê? Para eles perceberem, porquê? Porque é importante para tal tomada de consciência e futura incorporação, o tal fazer parte deles como único e próprio.

JC: Estas excepções de que o Professor fala são realmente uma minoria, já adquiriram e praticam algo que os da idade deles ainda têm muitas dificuldades. Poderemos considerar estes indivíduos como talentos?

TF1: Nós temos de olhar para o talento como alguém que tem algo que os distingue dos outros. Eu só sou um talento porque sou capaz de fazer uma coisa que pouca gente é ou muitos podem fazer de uma forma semelhante, mas eu faço à minha maneira e essa maneira é reconhecida por todos os outros como uma maneira que tem qualidade e eficaz. Há uma questão sobre os talentos que a mim me deixa algo inquieto que é, nós nunca podemos esquecer que o que torna um jogador talento nunca é uma característica só, é um conjunto de características que o distinguem, mas ele é talento por ser aquele individuo, e nós reconhecemos uma série de características, mas os outros também têm. Se nós fossemos fazer um relatório, o relatório ao nível das palavras é sempre todo muito semelhante, e nós dizemos, “mas eles não são jogadores iguais?” Não eles são jogadores muito diferentes porque as palavras não são capazes de descrever aquilo que eles são, mas nós que o fomos ver jogar, observamos que eles são capazes de se distinguirem uns dos outros. Quando nós conseguimos observar “ele faz isto e mais ninguém faz, ou faz isto muito bem” estamos perante um talento. Agora não existe equação nenhuma que nos diga o que é o talento, não existe regra nenhuma que diga que para ser um talento tem de ter isto, isto e isto, não! Eles são indivíduos que fazem as coisas à maneira deles, quem reconhece isso como talento é quem quer jogar de determinada forma. Muitas vezes um jogador talento cá, em outros clubes nem sequer jogaria. Um jogador cá que seja capaz de pensar o jogo de uma forma muito evoluída e que seja capaz de o operacionalizar, mas que seja pequenino por exemplo, cá joga, ou tem mais tendência a jogar porque é capaz de resolver os problemas do jogo, em muitos outros clubes se calhar não jogaria porquê? Porque é pequenino, porque os outros são maiores, porque o jogo é mais simples, é de chuta e vai. Mas para nós o talento tem características que o distingue cá, mediante o nosso modelo, mediante a nossa forma de pensar e de jogar o jogo, o quê? A vários níveis, como? Temos de falar caso a caso. Agora é sempre algo que os distingue, mas essa distinção vai ser sempre complexa, nós não vamos dizer aquele é especial

porque tem isto de especial, não, tem muitas outras coisas e mais algo que o torna especial. Por isso é que muitas vezes o talento faz coisas muito bem e têm outras coisas que não fazem tão bem. O Cristiano Ronaldo quando tinha 17 anos era fantástico a driblar, conseguia passar por 2 e 3 jogadores, e agora se calhar 2 e 3 não consegue, mas o Messi consegue passar por 2 e 3, o que é que o Cristiano Ronaldo perdeu que não o permite fazer isso? O que é que o Messi manteve durante o processo de crescimento dele? Se calhar foram alterar a forma corporal do Cristiano Ronaldo, se calhar agora está muito mais preparado para jogar um jogo muito mais físico ou muito mais combativo, porque alguém deve ter dito “ele para passar por eles tem de ter uma capacidade física mais forte”, se calhar enganaram-se, se calhar tornaram-no em algo que não era aquilo que ele era. Hoje em dia o Ronaldo é conhecido como alguém que chuta muito bem, não é alguém que é capaz de desequilibrar muito, enquanto que o Messi continua a ser e o Messi era assim aos 5 anos, aos 10, aos 15 e agora aos 20, e continua a ser o Messi porque não alteraram nada nele, apenas “vamos continuar a jogar”. Muitas vezes a nossa capacidade de intervir junto dos talentos, interfere sobre a maneira, então o que é que temos de fazer? Quanto a mim, continuar a criar os contextos para que a individualidade continue a ser distinguida, que continue a ser a característica que os distingue, isso é muito difícil, porquê? Porque a tendência dos treinadores muitas vezes é reduzir, ele tem é de ser capaz de fazer aquilo que faz muito bem na equipa, então a equipa tem de lhe dar as condições para ele exponenciar o talento, isso só vai acontecer quando nós criamos um conceito de equipa, quando a nossa equipa está organizada e quando a nossa equipa permite que os nossos talentos a todos os níveis se evidenciem e então toda a gente participa, toda a gente é capaz de, toda agente tem oportunidades para.

JC: relativamente ao seu escalão de Sub 14, consegue enumerar algumas características, dos diferentes domínios, que distinguem os jogadores muito bons dos bons?

TF1: Não me vou referir ao escalão de Sub 14, vou-me referir à etapa em que eles estão inseridos, porque será o mais correcto, porque são Sub 14 em termos de idade cronológica, mas há três meses atrás eram Sub 13, daqui a nove meses são Sub 15, ou seja não vamos diferenciar tanto por aí, vamos diferenciar um pouco mais ao nível das etapas. Eles estão num processo de aquisição de competências ao nível do entendimento do jogo, se eu começo a pensar eu começo a introduzir em mim algo que é novo, ao introduzir isso vou introduzir uma série de coisa que me criam às vezes desconfiança, outras vezes motivação para ser melhor, outras vezes, “mas eu não gosto disto, o que é que eu vou fazer?” ou seja, a questão da motivação para jogar o jogo neste escalão terá de continuar a ser um processo fundamental. Muitas vezes o processo de aquisição de competências a outros níveis, o crescimento ao nível da personalidade, o desenvolvimento da personalidade muitas vezes faz com que eles vão perdendo essa motivação pelo jogo, vão perdendo o prazer em jogar, então nós não vamos perder isso, isso continua a ser fundamental. Essa é uma das características que para mim, que o jogador de top tem, ele vê uma bola e o primeiro instinto dele é “eu vou jogar aquela bola, eu vou tocar naquela bola”, eu reconheço isso a vários níveis, essa é um dos indicadores básicos mas fundamentais para um jogador. Se eu vir uma bola e for indiferente, eu nunca vou ser jogador, ou seja, eu não gosto daquilo o suficiente para me superar, eu vejo a bola e os meus olhos reluzem, eu vejo a bola e tenho vontade de a ir tocar? Muitas vezes nós vamos evoluindo no nosso pensamento e esquecemos isso, porque estamos envolvidos naquilo que ele

tem de aprender e esquecemos o facto de ele ter que ter prazer em jogar, ele tem de vir treinar e jogar motivado, não tem de estar preocupado se vai ganhar se vai perder. Ok, isso acontece? Muito bem. Isso não acontece, então vamos ver o porquê. Pensando a questão da ansiedade, vai sendo cada vez mais evidente, porque é que vai sendo cada vez mais evidente? Porque ele começa a pensar sobre as coisas, eu começa a colocar-se em causa, começa a dizer “se eu não conseguir fazer isto talvez aconteça isto e eu não quero que isso aconteça” isso provoca em mim o quê? Essa desconfiança, essa ansiedade, esse nervosismo, como é que eu lido com isto? O jogo agora é mais complexo, eu não estou a ser capaz de o resolver, eu não estou a ser capaz de o jogar, o que é que isso cria em mim? Amanha vou treinar e vou pensar “ontem não correu bem, será que vou ser capaz?”, passado um mês continuo a não conseguir resolver isto, como é que eu fico? Fico tranquilo em relação a isso? Não se calhar fico preocupado se calhar fico ansioso, se calhar vai-se desenvolver em mim essa preocupação. Não é o treinador que cria, é a evolução que cria é o contexto que cria, é a capacidade que temos de resolver os nossos problemas, como é que nós vamos responder perante isso? Há uma questão para mim que é fundamental tem a ver com o espírito competitivo, tem a ver com a capacidade que nós temos em ter um prazer enorme a competir, o mesmo que eu sinto perante a bola, eu tenho de o sentir em competição, e perante esta competição eu tenho, quanto a mim, de estar sempre disponível para ela, aquilo não tem que me criar problema algum, porque quando cria problema algum, eu estou-me a limitar, ao me estar a limitar não estou a render o meu máximo, então como é que eu vou resolver isso? Por isso faz sentido, quanto a mim, nesta etapa, o psicólogo já existir, e felizmente nós temos uma psicóloga a trabalhar connosco. Há uma questão fundamental a este nível também que tem a ver com a liderança. Muitas vezes nós assumimos que um líder é um jogador que é capaz de aglutinar os outros à sua volta, é capaz de motivar os outros perante as ideias dele, mas muitas vezes o líder não se vê por aí, vê-se pela competência que tem em jogar e que consegue por essa competência atrair os outros. E nós devemos estar preparados neste escalões para desenvolver ambas, que todos eles sejam capazes de liderar pela sua competência, que todos eles sejam eleitos pela sua equipa como alguém competente para jogar. Por outro lado, à uns que têm apetências naturais para liderar, mas eles nasceram com aquilo? Eu ainda hoje não sei se eles nasceram, se aquilo foi desenvolvido ao nível da idade deles, ao nível do processo evolutivo deles, sei que eles apresentam aquelas características, e quando têm acho que é nossa obrigação continuar a desenvolvê-las. Agora, vai haver sempre um líder? É o treinador. Dentro de campo são os jogadores, não vai ser um jogador, e quando esse jogador líder não puder jogar? A equipa não joga? A equipa não sabe? E por isso é que nós cá, estimulamos essa capacidade de liderança, cada um é líder do seu jogo, cada um é o centro do jogo, cada um tem que ter a competência de resolver os problemas dele, e os colegas podem confiar nele, todos eles.

JC: Professor, há pouco, quando falamos na formação dos jogadores ficou pouco claro qual a idade aconselhável para iniciar a prática da modalidade. Qual será na sua opinião?

TF1: Nós só podemos jogar futebol federado quando ele existe, e eu acho que em Portugal só existe a partir dos 8 anos, salvo o erro, ou seja logo aí temos essa limitação.

JC: (mas essa idade delimitada como a idade de inicio dever-se-á a diferentes factores...)

TF1: Exactamente. Nós temos de ter cuidado no que é que essa competição influencia. Porque nós se formos ver hoje em dia, jogos de miúdos com 10 anos, e os pais que estão na bancada, não a ter o prazer em ver o filho a jogar, não a ter o prazer de assistir a um jogo de futebol, mas a comandar o filho, a dirigir o filho, a insultar o árbitro inclusive. Ou seja, a experiência competitiva para um jogador não é a mais enriquecedora, porquê? Porque ele vai entrar muitas vezes no espaço competitivo, não pela competição em si, mas vai valorizar aquilo que vem de fora. Eu quando estou a treinar estou em competição com alguém, a questão da prática federada só nos obriga a ter um calendário organizado e com um árbitro a apitar o jogo, até aí nada demais. Agora existe esse problema dos pais e aí é um problema que nós não conseguimos controlar, e ninguém vai conseguir controlar, a não ser a educação da sociedade. Agora nós podemos ver cá miúdos com 7 e 8 anos a competirem, e miúdos mais novos até, eles querem ganhar? Querem. É a essência humana, eu quero ganhar, eu quero competir, qual é o problema? Agora a prática federada tem de haver um início e tem de haver um término, a partir dos 8 anos, dos 9 anos não é relevante, agora poderá ser condicionante para, como não existe uma liga organizada, existem muitos jogadores que podem não jogar, porquê? Porque não existem espaços competitivos nos clubes, e aí é mau, perdemos experiências, agora se esse clubes acreditam que não precisam de campeonato para terem os miúdos a jogarem, melhor.

JC: Como referiu anteriormente, o início da actividade desportiva poderá ocorrer por volta dos 8, 9 anos de idade, e em alguns casos até por volta dos 3, 4 anos. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar rendimentos superiores?

TF1: Eu acho que primeiro devemos distinguir o que é a especialização e o que é a especificidade. Se a especificidade for eu jogar o jogo, então para mim quanto mais cedo melhor. Como? Adequado ao nível da nossa capacidade de jogar, um miúdo de 3 anos não vai ser capaz de jogar um 11x11, é absurdo, mas com certeza é capaz de jogar o 1x1 e 2x2, é possível de certeza absoluta porque eu já os vejo a jogar. Para mim, a especificidade tem a ver com as minhas experiências com o jogo com bola, como é que eu vou melhorar com bola, e muitas vezes vai ser essa adaptabilidade que vou criando em mim, no meu corpo, a minha relação com a bola, a minha relação com o jogo, que me vai permitir cada vez mais ter a capacidade para decidir melhor, ou melhor, executar de forma mais positiva, mais eficaz, porquê? Porque eu domino isso, eu domino o meu corpo, e sou capaz de me adaptar, não vejo qualquer tipo de problema começar o mais cedo possível. Agora, quando nós entramos na esfera da especialização, quem é que nos diz que um jogador com 5 anos ou 7 anos ou 10 anos, vai jogar naquela posição? Acho que só os autistas que não conseguem perceber o que é o futebol é que dizem. O miúdo vai ter tanto para crescer e para evoluir que o que nós não podemos fazer é limitá-lo... castrá-lo. Nós temos de o deixar jogar, e por isso é que nos jogos de 4x4 e 5x5, que são jogos adequados às idades mais baixas, existem apenas noções básicas ao nível da organização. Mas eles vão jogando o jogo, vão estando em especificidade, vão estando na modalidade. A nossa questão da especificidade cá no clube é muito mais que isto, é muito mais do que jogar futebol com uma bola, tem a ver com uma série de princípios sobre a nossa metodologia. Mas comparando a especificidade com a especialização, essa é que é negativa, essa é que é limitadora. Então quando nós vimos os nossos miúdos a serem comandados pelos treinadores e pelos pais, já os estamos a

limitar. Quando nós estamos a dizer “só podes fazer isto ou aquilo” nós estamos a limitá-los, é mau. Ou seja, a especialização é má, a especificidade será o adequado para a evolução deles, e quanto mais cedo eles forem capazes de se irem adaptando, mais cedo são capazes de criar neles as sensibilidades ao nível do seu corpo que lhes permita estar num ambiente variável caótico e que necessita de adaptação constante de uma forma mais natural, e aí podemos ter cada vez mais cedo jogadores que sejam capazes de se superarem no jogo.

JC: Professor,, tenho uma questão que faz referência à observação de jogadores. Não sei se o professor faz observação de jogadores para pudermos futuramente integrar as equipas da formação, mas quando realizamos esta observação que características devem ser tidas em consideração? Porque uma questão é você com os seus jogadores já os conhecer e perceber rapidamente a sua evolução ou não, outra questão é observarmos um jogador pela primeira vez em que temos poucas referências ou nenhuma dos seus padrões de funcionamento...

TF1: Esta entrevista insere-se no âmbito de uma tese sobre psicologia no futebol, e eu vou começar por esta parte, quando sou destacado para ver determinado jogador tenho que perceber de forma eficaz, mas não obrigatória, eu não tenho nenhuma receita de “tu tens que cumprir isto para vir jogar para o clube”, não, nós temos mais uma vez que perceber o que é que aquele jogador, como ele responde em jogo, como ele é capaz de jogar aquele jogo que está a jogar, e se é capaz de vir a crescer e jogar o nosso jogo, entramos nos domínios táctico, técnico, físico e psicológico. Em termos físicos, será o mais fácil de nós percebermos onde é que as coisas jogam, atendendo às características antropométricas, atendendo à capacidade de ele correr, de ele ser rápido, de ter resistência, tem força ou não tem força, ou seja, são dados mais objectivos, são dados mais facilmente identificáveis. Em todas as outras questões, já não é tão fácil. Agora depende da capacidade do observador, depende do conhecimento do observador, e identificar isso, e quanto mais conhecimento tiver o observador mais apto estará a decidir, mas vai decidir de acordo com aquilo que será o objectivo, que é o jogador vir jogar para determinado clube, para determinada equipa, para determinada posição, com determinadas características para essa posição. Então, atendendo a esses vários domínios, nós temos de ser capazes de encontrar regularidades desses domínios, na dimensão psicológica o que ele nos apresenta, e a Joana diz-me assim “mas nós somos capazes de observar no jogo as competências psicológicas? Claro! Claro que somos, e muitas vezes, quanto a mim, é isso que faz a diferença. Nos meus relatórios do ano passado, em todos eles estavam as competências psicológicas que eu conseguia observar, as questões da liderança, a questão do espírito competitivo, a questão da tranquilidade, a questão da suposta ansiedade, a questão do prazer, a questão da capacidade decisional ao nível das escolhas, a capacidade de eu após errar como é que eu reajo, nós somos capazes de observar isso, e são competências psicológicas que vimos em treino, e em grande escala em jogo. Então se somos capazes, e isso influencia, é dado objectivável? Se calhar foi naquele jogo, mas naquele jogo aconteceu, é real. Agora é científico? Aconteceu, não sei se é científico ou não, mas aconteceu, foi identificado, porquê? Porque existem os indicadores que nos permitem dizer que é naquela forma. No global nós vamos escolher os jogadores, e mais uma vez refiro, o relatório vai ser um conjunto de palavras, nós temos é que perceber se o jogador é capaz de fazer aquilo naquela equipa e melhor ainda, fazer na nossa equipa. A questão vai ser sempre uma questão individualizada, mas todos estes domínios entram, ou

todos estes domínios são importantíssimos. E cada vez mais, que vamos evoluindo ao longo das etapas de formação, a capacidade psicológica vai sendo determinante, porque muitas vezes nós aos 17, 18 anos não temos tanta intervenção ao nível técnico, os jogadores evoluem sempre até terminar a carreira, a todos os domínios, em todas as competências, não temos dúvidas acerca disso agora, vai sendo cada vez mais difícil nós introduzirmos alterações naquilo que eles apresentam, aos Sub 17, 18 e 19, as competências psicológicas se houver algo de muito redutor, muitas vezes faz a diferença. Há um exemplo que os gostaria de dar, é uma gíria, “é muito bom jogador mas não tem cabeça”, que abstracção é esta? E nós vamos continuar a perder jogadores, que são muito bons supostamente, mas que não têm cabeça? Se calhar eles não são muito bons, se calhar eles relacionam-se muito bem com bola, se calhar têm um remate muito forte, se calhar tem algo que as pessoas gostam, mas eles não são muito bons, porque se fossem muito bons seriam jogadores de futebol. Agora, onde é que falham? Muitas vezes o que faz a diferença é a capacidade psicológica. No desporto de rendimento, e falando no nível sénior, e em outros desportos, num treino muito similar, as competições são ganhas, em segundos, em milésimos de segundo, o que é que faz a diferença? Quanto a mim é a capacidade psicológica, é a capacidade de eu naquele momento, ir buscar os meus recursos todos ao serviço daquilo que eu estou a fazer, e isso tem a ver com a minha capacidade de me superar a mim. No caso do futebol é fundamental, quanto mais nós percebermos que a intervenção da psicologia no futebol nos vai ajudar a resolver estes casos, e cada vez mais cedo melhor, se for acompanhado melhor, se o treinador é especialista em algo, com toda a certeza não é especialista na área da psicologia, é o psicólogo, então porque é que não nos podem ajudar a que tantos jogadores não se percam por “não terem cabeça”? Como é que nós fazemos os fazemos render? Porque uma coisa é jogar no nosso quintal, outra coisa é jogarmos num estádio com 50.000 pessoas, eles não dizem que não são capazes de fazer um passo, muitas vezes o que dizem é que não conseguem dominar as emoções. E porquê? Porque não tenho os meus princípios básicos controlados, mas se ele for jogar com os amigos, faz uma coisa fantástica, mas isso não interessa, o que interessa é que naquele momento, naquele acontecimento tu seres capaz de, quando não és o porquê, quem é capaz de os ajudar? Uma serie de pessoas. Quem é o líder da equipa? É o treinador. Quem os ajuda? Toda a gente que intervém na vida dele pode ajudar, muitas vezes será a esposa que o vai ajudar, muitas vezes o filho que vai dar um sorriso que o vai fazer ficar feliz da vida, mas isso são excepções. Mas no desporto de alta competição, e no desporto de formação não há tempo para excepções, não há tempo para momentâneos, há tempo para regularidades, há tempo para processos conscientes e construídos.

JC: Professor, de minha parte, a nossa discussão termina aqui, agradeço-lhe mais uma vez o seu pertinente contributo para a realização desta investigação.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 2, Treinador de formação do escalão Sub 15 a **6 Outubro de 2010**, Tempo de duração da entrevista: 1h 08m.

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um fenómeno complexificado. No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinadores, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 2 (TF2): Considero como algo complexificado, ao ponto de nós neste momento olharmos para os jogadores de elite e haver poucas coisas em comum entre eles, nos domínios físicos, nos domínios técnicos, nos domínios tácticos, mesmo falando até de jogadores que ocupam a mesma posição. Dificilmente encontra na equipa A de um qualquer clube da 1ª Liga, ou de uma equipa de top, encontras dois jogadores para a mesma posição que sejam idênticos. Na minha perspectiva, todos os jogadores de top têm algo especial, e o algo de especial pode ser também no domínio da psicologia desportiva. E neste momento o que há de pouco em comum na formação deles, muitas vezes, tem a ver com o contexto no qual eles são formados. Olhamos para os jogadores sul-americanos, nomeadamente os brasileiros, e temos uma semelhança muito própria relativamente aos jogadores do norte do Brasil e do sul do Brasil. Olhamos para os jogadores argentinos, que apenas estão divididos por uma fronteira, e já têm um perfil totalmente diferente. Olhamos para os jogadores portugueses e têm um perfil totalmente diferente dos que já referi, e comparar por exemplo, com jogadores do norte da Europa, então o perfil já é totalmente o oposto, seja a nível físico, mas fundamentalmente também ao nível psicológico, e isso já tem a ver com o lado social no qual eles estão envolvidos, no contexto social no qual eles estão envolvidos. Olhando para a formação, vêes claramente atletas muito mais desenvolvidos em patamares muito superiores ao nível da maturidade, dependendo do contexto social no qual eles estão inseridos, muitas da vezes a adversidade fá-los crescer, fá-los ser responsáveis, fá-los ser mais autónomos, e isso leva a que eles tenham um desenvolvimento superior aos outros, e faz também lá está, fá-los diferenciar muita das vezes dos que vão conseguir chegar a determinados níveis de exigência dos que não vão conseguir, apesar de terem talento físico, táctico e técnico semelhante, ou até mesmo superior. Acredito que esse seja um pormenor muito importante, ou seja um (por)maior e não um pormenor, que os leva a conseguir chegar a níveis de excelência, e nós investimos pouco nisso. Quando digo nós, digo futebol, investimos pouco nisso, comparativamente se calhar com outras modalidades, não em Portugal mas se calhar em países muito mais desenvolvidos e muito mais adiantados ao nível da formação de atletas. O futebol investe ainda pouco nisso, vive ainda um pouco das tais adversidades que eles encontram, e ainda não se adaptou à evolução que a sociedade tem, e não é por acaso que se calhar o Brasil ainda com o desenvolvimento um pouco atrasado em determinados estados, consegue ter um número de jogadores tão elevado. Também tem a ver com o número de habitantes, tem a ver com a cultura do futebol como é evidente, mas eles aparecem muito mais prontos aos 18, 19 anos, são jogadores prontos, são jogadores que estão a competir nas grandes equipas europeias, e cada vez menos vemos jogadores formados nas academias, cada vez menos vemos jogadores formados em países desenvolvidos, Portugal, Espanha, Itália, Inglaterra, que

consigam atingir isso. Os nossos juniores, os nossos Sub 18 e 19, estão num patamar muito atrasado comparando relativamente com esses tais países que ainda têm essa cultura de rua, essa adversidade, esse lado social. Agora se é possível nós arranjarmos estratégias para contornar isso, eu acho que será possível, mas é preciso em primeiro lugar admitir que isso é importante, em segundo lugar investir, para, posteriormente conseguirmos desenvolvimento nessa esfera.

JC: Professor, falou na questão da comparação com outras modalidades colectivas, e, falando em termos de mediatização, neste momento, assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma mediatização às diferentes modalidades. O que torna o futebol um fenómeno tão especial?

TF2: Em primeiro lugar tem a ver com a cultura. Indo mais ao pormenor da questão que me colocou tem a ver com o que vende, a nível mediático, a nível comercial da comunicação social, e a comunicação social é comercial, publica o que se vende, não é? Vende é o comboio chegar atrasado, o comboio que chegou a horas não é novidade para ninguém. E aí também entre um pouco aquilo que eu estava a referir, o filho do jogador de hóquei em patins não tem a mesma pressão do filho do jogador de futebol, o filho do jogador de hóquei em patins vai ter de sobreviver perante uma adversidade que o filho do jogador de futebol não a tem. O filho do jogador de futebol é reconhecido na família, no prédio, na cidade, na aldeia, e o filho do jogador de hóquei em patins não o é. Por isso são contextos de formação totalmente diferentes, e que depois nos leva a ver, lá está, a Selecção de Sub 20 de andebol a ser vice-campeã da Europa, a de Sub 17 ou Sub 18, se não estou em erro a ser campeã da Europa ou do Mundo, e nós na formação de futebol cada vez temos mais dificuldades, porquê? Porque estamos a viver se calhar um mundo que não é real, e ainda não nos preocupamos de uma forma séria com esse lado, que o criar adversidade, o perceber o contexto social do jogador, perceber o contexto competitivo, já começamos a ter essas preocupações como é evidente, mas ainda não investimos o suficiente nesse aspecto, na minha perspectiva.

JC: Professor, e seguindo a sua linha de raciocínio, em campo, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas para cada posição assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-técnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...Acha possível a construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado às diferentes posições ocupadas pelos diferentes jogadores em campo?

TF2: A primeira resposta mais abrangente é não, porquê? Porque temos a posição por exemplo, de defesa central, onde muitas das vezes temos um central frio, um central inteligente, temos um jogador de muito mais de antecipação, que não impede que o exactamente o oposto seja também um talento. O central agressivo, o central de marcação, o central muito competitivo, lá está, aquela diferenciação, ou aquele lado original que cada jogador tem de ter que eu referi há pouco, como as equipas de top, faz com que numa forma mais abrangente eu diga que não, embora hajam comportamentos que se calhar se possa aplicar aos requisitos psíquicos que eles devam de ter. um defesa tem clara noção que joga numa zona de maior risco do que o meio campo, os avançados têm a noção de que têm uma responsabilidade diferente da do meio campo. É muito individualizado para cada jogador. Há pontas de lança que vivem

constantemente da acção de finalizar, outros pontas de lança vivem mais da acção de construir e fornecer jogo para os outros, e depois aí também entra outra questão muito importante que tem a ver com os princípios colectivos, para além do perfil individual, há fundamentalmente o principio colectivo que domina, é evidente, embora o principio colectivo deva respeitar o perfil individual de cada jogador. Nós olhamos para as grandes equipas, mesmo ao nível de sistemas tácticos, você olha para as grandes equipas, equipas de top, e de uma forma abrangente, obviamente que identifica o 4:3:3, ou o 1:4:4:2, mas depois até que ponto eles respeitam essa estrutura, até que ponto você olha para o Barcelona, e pode identificar a estrutura táctica do Barcelona, há ali princípios colectivos que os ligam uns aos outros, mas depois há uma identificação muito própria, há um contributo muito próprio de cada uma das peças do puzzle, o que faz com que o jogo seja tão atraente, no caso do Barcelona.

JC: (ou seja, ao termos uma série de individualidades a jogar, a interacção que eles provocam uns nos outros é de uma variabilidade tremenda, e ao trocarmos por exemplo a posição de ponta de lança, esta troca de jogadores, vai permitir outro tipo de variabilidade de interacções na equipa, e apenas mudamos uma peça do tal puzzle...)

TF2: Exactamente, há um contágio constante relativamente às diferentes peças que formam uma equipa...

JC: (daí a extrema complexidade de análise do jogo...)

TF2: Mesmo a nível estratégico, eu acho curioso alguns treinadores falarem da questão estratégica da equipa, sem respeitarem as individualidades, eu acho que isso é impossível. Por exemplo, eu se quero um jogo circulado, obviamente que tenho de ter jogadores dentro desse perfil, se eu quero que o ponta de lança seja um elemento de apoio, ele tem de ter um determinado perfil, mas se eu quero acrescentar algo ao jogo na perspectiva de dar maior profundidade nesse espaço, eu tenho de se calhar colocar outro jogador com outro perfil, porque dificilmente um jogador dentro do perfil de apoio, de relação com os médios e extremos, vai conseguir entrar em outro registo. O que eu vejo muitas vezes é treinadores quererem que um determinado jogador seja o que eles pretendem, e não respeitando a identidade própria do jogador...

JC: (podem estar a exigir algo do jogador, o qual pode não ter recursos suficientes para conseguir dar a resposta que o treinador pretende...)

TF2: É evidente. Nós olhamos, por exemplo, para a equipa A do FC Porto, e o Belluschi já passou muitas das vezes durante o jogo pela posição de extremo direito, e de certeza absoluta que o líder do processo não pretende do Belluschi a mesma coisa que pretende quando coloca lá o Hulk. Olhando para o Barcelona, de certeza que o líder do processo não pretende a mesma coisa do Messi do que quando coloca lá o Iniesta. O jogo em si, e a compilação destas identidades próprias é que é o acto mais estratégico que o jogo pode ter para o líder do processo, no caso do treinador.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF2: Ser líder do processo em Sub 15 é totalmente diferente de ser líder do processo em Sub 16, e sê-lo também em Sub 14, e falei dos escalões que estão imediatamente antes e depois, e já liderei processo de Sub 14 e Sub 16 por isso estou à vontade para falar. Como será certamente liderar os Sub 19 e os Sub 8. Mas neste caso dos Sub 15, acho que é um caso muito particular. É uma idade como costuma dizer o Prof. são muito híbridos os miúdos. Todos os grupos são a compilação de várias identidades como é evidente, mas nos Sub 15 acho que essas identidades são muito irregulares, tanto podes encontrar um miúdo super responsável, super autónomo, e aí falamos outra vez no contexto em que ele está inserido a nível familiar, a nível social, a nível escolar, como podes encontrar um miúdo que ainda depende totalmente do líder, depende do líder de casa, depende do líder da escola, depende do líder da turma, depende do líder do treino, dependo do líder treinador, dependo do líder do grupo dentro do balneário. E é complicado nos Sub 15, muitas das vezes, gerir isso, não é fácil. Enquanto que nos Sub 14 eles estão muito nivelados para baixo, e nos Sub 16 já estão muito nivelados para cima, porquê? Porque a maioria já domina, a maioria já está no patamar acima, nos Sub 14 a maioria ainda está no patamar abaixo, ali nos Sub 15 há uma divisão muito grande, e liderar o processo dos Sub 15 no contexto em que eu estou inserido, e nunca estive num contexto diferente que não este, é muito interessante por isso, acaba por ser extremamente estimulante por causa disso. Em primeiro lugar tem de ser um líder forte, porque todos mesmo os que estão mais desenvolvidos e os que estão menos desenvolvidos, identificam-se muito com o líder, procuram seguir muito o que o líder faz e o que o líder manda. Por outro lado, uma das complexidades que os Sub 15 têm é o contexto competitivo no qual estão inseridos, é muito facilitador, enquanto que os Sub 14 estão integrados num campeonato de iniciados onde defrontam equipas de Sub 15, enquanto que nos Sub 16 são mais uma vez uma equipa de primeiro ano num escalão que termina nos Sub 17, nos Sub 15 é muito facilitador, e por vezes o sucesso pode ser enganador. O sucesso é, sem dúvida alguma, algo que nos ajuda muito a que eles nos persigam, como é evidente, mas também é complicado quando queres desenvolver alguns comportamentos, perspectivando o que vem a seguir, nomeadamente as fases finais e o escalão seguinte, tendo uma visão muito mais a longo prazo na formação principalmente individual do talento do que propriamente do imediato, aí é mais complicado de gerir isso. Mas por outro lado também tem uma coisa interessante nos Sub 15 que é o facto do contexto ser facilitador, o facto de eles ainda terem um pouco daquela infantilidade, faz com que também seja mais fácil despertá-los para determinadas coisas que sejam a alegria no jogo, o jogo bonito. O contexto por vezes é enganador e leva-os a que eles ainda se comportem dessa forma, quem percebe esse tipo de jogo como é evidente. Enquanto que nos Sub 16 já é muito complicado que isso aconteça, porque a adversidade é muito grande, e aí é complicado despertá-los para o lado lúdico, para o lado alegre, para o lado da qualidade, e eles perseguem constantemente o resultado, um resultado que até então era fácil de conquistar, agora já é muito difícil. E nos Sub 14 eles ainda têm isso de uma forma irresponsável quase.

JC: Para além da importância dos treinadores muito bem realçada por si, na formação de jogadores, considera que poderão existir outros contextos primordiais ou agentes formativos no alcance de performances de elite?

TF2: Dependendo do contexto, a ordem é diferente. Por exemplo, é interessante a Joana assistir a um treino de Sub 13, 14 e 15, e assistir a um treino de Sub 16, 17 e 18. Nos Sub 13 tem a bancada cheia, e

nos Sub 17 tem a bancada vazia, no treino, e isso já nos quer dizer alguma coisa relativamente à pressão que pode ou não existir, ou a autonomia que os jogadores têm ou não perante o contexto que estão inseridos, nomeadamente o familiar. Por exemplo, eu não tenho dúvidas que um jogador Sub 18 e 19 ouve o pai, ouve as palavras que lhe são ditas em casa mas respeita muito o treinador, e se calhar começa é a ouvir o agente ou o empresário. Enquanto o jogador Sub 14 ouve o pai e respeita o treinador em função de jogar ou não, em função de estar a ter sucesso ou não. E nós treinadores temos de ser suficientemente transparentes e humildes a tentar perceber isso. Porque é isso que acontece, é isso que acontece, um jogador chega a casa, e vamos ser específicos à posição de ponta de lança, depois do treino e a primeira pergunta que o pai lhe faz é quantos golos é que ele marcou no treino, e o treinador nesse treino até queria desenvolver capacidade de ele sair em apoio, de ele servir os médios de ele servir os extremos. Por isso a capacidade que eles têm de gerir isto, se eles próprios conseguirem gerir isto, é que vai fazer com que muitas das vezes eles não se afundem perante uma pequena adversidade que possa surgir. Depois há outras posições onde isso também é interessante, por exemplo a do guarda-redes é precisamente o oposto do ponta de lança, se ganharam 4 – 2, ele sofreu dois golos por isso não esteve bem, independentemente de ter culpa ou responsabilidade, ou o colectivo ter estado bem ou não. Depois há posições onde os jogadores se sentem mais confortáveis, porque ali o médio não há um perfil uma pergunta predefinida para se avaliar, mas se calhar o ponta de lança, o guarda-redes são aquelas posições mais complexas nesse sentido. A fase terminal do processo de formação, é um momento de pânico para os jogadores, é um momento de pânico porque eles sabem, muitas vezes fizeram o percurso dentro do clube, que ali terminou, e sabem que a transição de escalão para escalão era algo normal, e chegam ao juniores e não é normal passar para a equipa A, muitas vezes até em equipas da 2ª Liga, por isso é uma forma de eles se sentirem inseguros, porque socialmente se diz que os empresários são influentes e que conseguem muitas vezes coisas que eu não concordo, e estou no meio e sei perfeitamente que não existe. Nos escalões mais baixos os pais têm uma preponderância muito grande, ali naquela fase dos 16 anos as relações que eles começam a ter também podem ter alguma importância. A necessidade de eles mostrarem muitas das vezes que jogam ou que não jogam perante a namorada que vai ou não ver o jogo, são pequenos pormenores que às vezes nos passam ao lado e que a eles não lhes passa certamente ao lado, e tem influencia no rendimento deles. Eu estou à vontade para falar, porque já trabalhei num escalão Sub 17, com miúdos que eu conhecia muito bem, ao ponto de conseguir identificar claramente quando havia ali alguma instabilidade ao nível do comportamento, e muitas das vezes tinha a ver com isso. No espaço de treino o jogador, independentemente da idade, vai sempre respeitar o treinador, vai sempre fazer o que o treinador lhe pede, vai sempre respeitar e perseguir o caminho que o treinador o convida a seguir. O treinador sabe que muitas das vezes o miúdo chega a casa e tem um discurso totalmente diferente, e é importante nós termos um pouco de conhecimento relativamente a isso.

JC: Professor, quais são as características que o escalão evidencia e quais são as suas principais preocupações?

TF2: Eu não gosto muito de utilizar conceitos, mas eu acho que há duas palavras que dificilmente os Sub 15 conseguem perceber, que é a responsabilidade e a humildade. A humildade dentro do tal sucesso que eles têm é complicado se manter. Uma equipa que ganha de uma forma regular, que não perde pontos

numa primeira fase com vinte e tal jogos que se calhar tem um jogo complicado porque ganham só 2 – 0, é complicado eles terem a humildade e terem uma visão mais a longo prazo, nomeadamente no próprio ano ou até mesmo na perspectiva futura de formação individual. E por outro lado é a responsabilidade, porque, como referi há atletas que já estão num patamar seguinte, já são mais responsáveis, já são mais autónomos, e conseguem por vezes ser contagiantes perante os outros, ou não, mas normalmente sim, porque os que são mais responsáveis acabam por ser os mais maduros, os mais maduros vão liderar, e os líderes conseguem contagiar os outros. Mas é complicado que eles percebam que, muitas das vezes, tenham uma visão a longo prazo, e essa responsabilidade no processo, eles serem responsáveis por algo que é para o bem deles, que depois de uma forma, quase que paralela, não direi de uma forma coincidente, que vai contribuir para o colectivo como consequência. Eles têm alguma dificuldade em perceber essas duas palavras. Depois há outro aspecto muito importante nos Sub 15, é que o grupo é tão heterogéneo que convém que nós consigamos identificar claramente o patamar de desenvolvimento que cada um está, e para além do desenvolvimento colectivo, como é evidente, que temos de provocar, sermos muito individuais no sentido de não deixar para trás ninguém, e de não impedir o crescimento de outros que já estão preparados. Por isso é muito mais individualizado o processo psíquico do que no patamar seguinte.

JC: Se eu lhe pedir para traçar um trajecto de formação, ou seja, desenhar a formação ideal atravessando os diferentes escalões, como desenharia recorrendo aos diferentes domínios de acção de um jogador, tático, técnico, cognitivo, físico, emocional?

TF2: Eu acho que nós para procurarmos perceber qual é o caminho do sucesso temos de olhar para os casos de sucesso, e nós olhamos mais uma vez para o jogador de elite e há algo em comum neles q é o percurso inicial que quase todos tiveram ao nível da adversidade, e mais uma vez refiro os jogadores latino-americanos, até que pelos contextos sociais, são jogadores que normalmente são obrigados a sobreviver, não é, estão habituados à lei da sobrevivência. Mas agora, a nível técnico, indiscutivelmente que quanto mais cedo começar melhor, e a prática faz com que provoque desenvolvimento e provavelmente se já têm algo especial, poderá desenvolver, e muito provavelmente com mais treino, mais prática, mais anos de prática, níveis de rendimento mais elevados. Ao nível da prioridade de treino, de trabalho, do conteúdo do treino, o que é que nos diz um jogador brasileiro? Diz-nos que, normalmente joga na rua, no bairro e na favela até aos 14, 15 e 16 anos, e depois aí sim começa a entrar em clubes, aí sim começa a entrar nas selecções, e aí sim começa a aperfeiçoar o seu comportamento colectivo. Por isso, transportando isso para um contexto totalmente diferente que é o que nós temos aqui em Portugal, nomeadamente nas grandes cidades, até aos 14, 15 anos uma grande dominância do trabalho técnico, e quando digo técnico, não é um jogador e uma bola, mas uma grande dominância relativamente às capacidades individuais num jogador, e depois aí sim, começar-lhes gradualmente e com a gestão, como é evidente, da complexidade, introduzir-lhe princípios colectivos. Outra coisa que nos tem de fazer reflectir é relativamente aos jogadores de elite, que tem a ver com o perfil de cada um, por exemplo, vou ser mais específico, nós vemos no Barcelona jogadores baixos, Iniesta, Xavi, temos no FC Porto Ruben Micael, Belluschi, João Moutinho, temos no Benfica o Aimar, o facto de estes jogadores não serem jogadores com um percurso de sucesso numa idade jovem e depois aparecerem numa fase terminal da sua formação,

deve-nos fazer reflectir, porquê? Foram jogadores que passaram por uma grande adversidade, foram jogadores que tiveram sempre de sobreviver dentro da competência técnica e tática. O facto de nós olharmos para os escalões de formação e vemos uma grande maioria de jogadores nascidos no primeiro semestre, ou até mesmo no primeiro trimestre, o facto de nós olharmos para as equipas da formação que nos últimos anos conseguiram conquistar campeonatos, nomeadamente nacionais, e vemos jogadores que normalmente são mais desenvolvidos maturacionalmente, deve de nos fazer reflectir. O facto de nós olharmos por exemplo para o Ruben Micael que nunca foi a uma selecção ao longo da sua formação, nem numa selecção nem num Benfica, nem num Porto, nem num Sporting, e de certeza que o viram porque a rede de prospecção destes três grandes é tão forte ao nível nacional, que de certeza que ele estava identificado, ou pelo menos já tinha sido observado, e isso deve-nos fazer reflectir precisamente dentro daquilo que referi há pouco que é, a competência técnica muito importante até determinado momento, dar depois numa fase mais terminal da formação o aperfeiçoamento e a relação colectiva e tática.

JC: Professor, a par desta demarcação que realizou em termos de idade relativamente ao processo de formação, verificamos que jogadores, por exemplo, Sub 14 realizam treinos e competições por escalões de Sub 15 e por vezes até mesmo Sub 16, é a esta complexificação que se refere? Concorda com esta transição, ou poderemos considerar como uma situação contra-natura?

TF2: O que é que acontece com um jogador que é Sub 14 ou é Sub 15, uma idade onde eles dão o salto pubertário, e até a nível físico eles são muito heterogéneos, o que é que acontece a um jogador Sub 15 que tem 1,50m e que pesa 40kg, e que tem de treinar, porque não pode alterar o bilhete de identidade, então treina e joga constantemente com colegas de 1,70m com 60/70kg, o que é que lhe acontece? Ele vai estar inserido num escalão acima do dele, porque a idade civil é uma, mas a idade maturacional e física é outra, então é isso que nós procuramos provocar. Agora o motivo que leva o jogador a transitar de escalão, o motivo que leva o jogador ou as competências que identificamos no jogador para que ele possa jogar nos Sub 17 quando ainda é Sub 15, isso é que é o importante, isso é que é o essencial. Nós pegarmos num jogador que nos Sub 15 é muito forte, por exemplo, nas saídas em profundidade, porquê? Porque é mais rápido do que os outros, porquê? Porque se calhar está mais desenvolvido a nível físico, isso não nos pode deixar enganar, não pode ser algo que nos deixe ludibriar porquê? Porque o que nos leva a transitar um jogador dos Sub 15 para os Sub 17, se calhar é a capacidade de um Sub 15 antecipar as acções de jogo, se calhar é a capacidade de um Sub 15 tecnicamente ser um jogador com recepções de qualidade, com passes de qualidade, com qualidade na técnica de remate, ser um jogador que consegue ter uma visão periférica no jogo, isso é que nos deve levar a reflectir e se calhar a aumentar-lhe a exigência. Porque, temos jogadores que estão no escalão de Sub 15 e que têm uma visão de jogo, têm uma capacidade de leitura do jogo, têm uma capacidade de antecipação do jogo que está ao nível dos Sub 17, e então aí temos de o colocar no contexto que lhe provoque desenvolvimento. A adversidade exagerada pode ser castradora, mas a adversidade controlada, não faz sentido colocar um jogador Sub 15 por muito bom que ele seja a jogar numa equipa A, dificilmente isso poderá acontecer, mas temos de lhe provocar adversidade para que ele possa evoluir, então nós queixamo-nos dos quadros competitivos e não contornamos isso a nível interno? Enquanto os quadros competitivos forem como são com um facilitismo enorme em determinados escalões, nós temos de procurar controlar isso da melhor forma...

JC: (poderá ser uma estratégia para não permitirmos a estagnação das capacidades do nosso jogador...)

TF2: Exactamente, fundamentalmente é isso. E depois também o aspecto que vos diz mais respeito que é ao nível motivacional. Costumo dizer que o primeiro passo para nós melhorarmos alguma coisa é percebermos o que temos de melhorar e percebermos o porquê de termos de melhorar, pensar sobre as coisas. O que é que vai dizer a um jogador que fisicamente é muito desenvolvido, que o primeiro toque na bola nem é perfeito mas ele normalmente não perde a bola, não se pode só avaliar o resultado, a eficácia que ele tem, temos de avaliar a forma como ele consegue a eficácia. Num médio que nunca perde a bola, mas que o primeiro toque nunca é bom mas depois ele consegue é a nível físico contornar, protegendo e passando, o que é que vai avaliar num ala que fisicamente é muito mais desenvolvido que os outros e passa constantemente em profundidade? Mas depois tem grande dificuldade no jogo em espaços mais reduzidos. É esse tipo de coisas, é esse conteúdo que nós temos de avaliar e sermos muito específicos. Se calhar, e era isso que eu queria dizer há pouco, vai despertar a atenção desse tal ala para a capacidade de jogar em espaços reduzidos, quando ele deixar de ter sucesso, porque os outros são da idade dele, não a nível civil, mas são da idade dele a nível físico, e não vão permitir que ele tenha tanto sucesso, ou de uma forma tão facilitadora ter sucesso só naquele registo, e ele ali vai conseguir perceber que “eu não tenho sucesso por aqui, vou ter de procurar outra saída”...

JC: (exactamente porque até a um certo ponto eles criam aquele automatismo de resposta, e não procuram ações alternativas, não procuram um plano b de acção...)

TF2: Exactamente, por muito que se provoque a nível da comunicação, ao nível do visionamento de imagens, ao nível fundamentalmente do treino, eu acredito muito no treino, ele nunca vai estar tão desperto como quando passar pelas coisas, e quase como dizer a uma criança “o fogo queima, o fogo queima”, mas só quando ele se queimar a primeira vez é que ele vai saber que o fogo queima mesmo. E o tal médio que eu referia há pouco, que nunca recebe bem no primeiro toque, que não tem capacidade de antecipar o primeiro toque na bola, fazendo uma leitura antecipada do que poderá ser a acção seguinte, ele se calhar só quando perder a bola constantemente por causa do primeiro toque, é que ele se vai preocupar realmente com o primeiro toque, ele vai-se preocupar com o primeiro toque se nunca perde a bola?

JC: Professor existe algo que quer acrescentar ou solidificar quanto à formação dos jogadores? Algo relevante que tenha ficado por questionar?

TF2: Há algo que é muito importante que é, e tem a ver, com o contexto social e familiar no qual eles estão inseridos, mas isso é um caminho muito complexo, muito complexo, e temos grandes equipas da Europa a perseguir caminhos diferentes, e quando as grandes equipas da Europa e do Mundo, perseguem caminhos distintos, é sinal que não há um caminho que esteja identificado como o caminho a percorrer para alcançar o sucesso, porque senão toda a gente seguia aquele caminho. Tem equipas que “ignoram” os pais, e a presença dos pais e a influência que os pais possam ter nos miúdos, tem equipas que respeitam de uma forma se calhar exagerada os pais e aí procuram envolver os pais no processo, tem equipas ou tem processos, e não equipas, tem processos que procuram identificar os contextos no qual eles estão

inseridos, e depois só com os miúdos trabalhar lacunas que eles possam ter, e potencializar capacidades que eles já têm. Por isso é um caminho muito adverso, porque não depende dos intervenientes no processo, é complicado chamar se pais para o processo, é muito complicada deixar os pais fora do processo, mas sabe de antemão que os pais são muito importantes no processo. Por isso é um caminho muito complexo que mesmo a nível de prospecção e de *scouting*, ainda não está muito otimizado. Depois há aqui factores importantes, você tem um jogador que tem uma grande capacidade ao nível do rendimento desportivo, mas que socialmente tem comportamentos que muitas vezes não se adequam à imagem da própria instituição, até que ponto se abdica do talento que ele possa ter, em função do lado social. Agora, eu falo por mim, eu preocupo-me com, e lá está estamos a dar o primeiro passo para que possamos desenvolver, eu preocupo-me com, mas daí até conseguir descobrir o caminho, e eu tenho a certeza de uma coisa, não vai ser um caminho igual para todos, agora qual o princípio geral ainda estou reticente, falo por mim.

JC: Professor, convidava-o agora a focar a nossa discussão em questões de excelência desportiva. E para começarmos esta reflexão, iríamos nos centrar no início da questão, a definição do conceito, como caracteriza um talento desportivo? Como o define?

TF2: Talento é quando o jogador tem algo de especial, pode ser algo de especial a nível técnico, normalmente é a nível técnico, e dentro do técnico há a técnica de remate, a técnica de passe, a técnica de recepção, a técnica do desarme a nível defensivo, a técnica de cabeceamento, há uma variedade muito grande, mas fundamentalmente é ter algo de especial, ser especial a nível tático, embora aí seja uma complexidade muito mais difícil de atingir, e dentro de determinados princípios, o físico também, não é o mais importante, não é isso que eu procuro, mas admito que possa ser algo de especial para determinados registos de jogo.

JC: Se eu lhe pedir para realizar uma comparação daqueles que considera melhores, daqueles que ainda ficam um pouco aquém, que tipo de características o Professor enunciava?

TF2: Acho que é mais fácil irmos a exemplos concretos, por exemplo, nós temos o Messi, vamos falar dos melhores jogadores do Mundo que até se calhar são melhor identificados, até mais conhecidos pela generalidade das pessoas. Temos o Messi baixo, que é forte no drible, e temos o Cristiano Ronaldo alto e forte fisicamente que é forte no drible, agora eles não driblam da mesma forma. Por isso é que eu digo que a complexidade do talento técnico é uma variável enorme e estávamos aqui dias e dias a falar sobre isso. Nós temos por exemplo o Hulk que é um talento a nível físico e que também tem algo de especial a nível técnico, a forma como ele remata, a forma como ele dribla, é algo especial que fazendo a junção, ou fazendo a fusão com a capacidade física que ele tem dá um talento super especial como de facto ele é. Temos por exemplo, o Aimar que é claramente um talento técnico-tático, ou seja, ele consegue fazer uma leitura do jogo colectivo, consegue identificar espaços, e depois explorar esses mesmos espaços de uma forma que muitos jogadores não conseguem fazer, e os jogadores de meio campo são muito especiais nesse sentido, porquê? Porque há aquele jogador que até conhece o jogo, lê o jogo, identifica o espaço, da mesma forma que o outro identifica, mas ele depois não consegue explorar da mesma forma, porque a

técnica de execução do passe já não é idêntica à do outro jogador, e aí é que faz a diferença da excelência para o rendimento normalizado.

JC: (e especificando no seu escalão?)

TF2: É assim, nos Sub 15 há algo que leva a que haja um sucesso imediato, sendo o escalão onde eles dão o tal salto a nível físico, normalmente os jogadores mais desenvolvidos fisicamente têm maior tendência para terem sucesso imediato, e nesse sentido também é um escalão muito complexo, porquê? Porque pode-se deixar enganar pelo estado maturacional mais desenvolvido que determinados atletas têm e que levam no imediato a que eles tenham sucesso que os outros não o têm, mas se calhar são estes que têm as bases que o vão fazer um jogador especial. E nós procuramos nos Sub 15 respeitar isso, entrando muitas vezes em conflito com o sucesso, porque se por exemplo, nós temos um médio centro com 1,80m num escalão de Sub 15, ele vai ter de certeza absoluta sucesso em determinados comportamentos, mas há outros comportamentos que a mim me interessa mais como treinador dentro de um processo que está muito bem definido, e sabemos bem o que procuramos, interessa muito mais o tal jogador que não erra o primeiro toque ao nível da recepção, que pode perder a bola se calhar no segundo toque porque fisicamente não consegue proteger a bola do tal colega de equipa de 1,80m, mas é este conflito que nos Sub 15 torna o escalão muito complexo, e o que diferencia o talento do bom jogador, já não direi do jogador vulgar, mas do bom jogador é essa tal capacidade de por um lado sobreviver, mesmo no momento não tendo sucesso, porque isso acontece muitas das vezes, de certeza que o Ruben Micael no seu processo de formação, existiram determinados patamares em que ele teve muita dificuldade em sobreviver, lá está, por isso é importante que eles sobrevivam, e por outro lado os que já têm sucesso agora ter uma perspectiva mais a longo prazo, não se deixando levar ou enganar pelo sucesso imediato, olhando para o que os leva a ter sucesso agora, e o que vai ser necessário para que eles tenham sucesso mais à frente, eu acho que isso é fundamental para depois eles conseguirem ser talentos, ou serem bons jogadores.

JC: Professor, o nosso estudo tem focado também especial atenção à questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática poderá ser predictor ou indicador de uma performance de excelência?

TF2: Acho que mais uma vez é importante irmos ao conteúdo, ele pode treinar muito se está a treinar mal não vai ser um talento, não está a provocar desenvolvimento. Eu respeito muito o treino, mas é um treino direccionado para os princípios e para o processo que nós pretendemos, agora o treinar mal, mais vale não fazer nada, e muitas das vezes o que acontece é que inconscientemente estamos a treinar mal os talentos, e voltamos outra vez ao assunto anterior. Acho que é importante nós basearmos muito o que pretendemos para o futuro, o que é que nós vamos querer a longo prazo, a nível colectivo, a nível individual, mas fundamentalmente a nível individual que é esse o tema. Nós temos de olhar para o talento, e perceber o que é que ele tem de especial e depois provocar desenvolvimento, potencializar o que ele já tem de especial e perceber, e isso é que é o lado mais sensível do desenvolvimento do talento, até que ponto é que ele pode desenvolver coisas que não faz tão bem. Por exemplo, até que ponto é que o Messi, houve

preocupação no processo de formação dele, para que ele desenvolva-se o pé direito? Houve se o caminho foi o oposto, foi potencializar a capacidade que ele tem do pé esquerdo, isto é um exemplo. Até que ponto a tal prática deliberada, relativamente, à quantificação das horas e ao número de anos de prática de treino e jogo, nós podemos estar a treinar o dobro das horas que o Messi treinou, pegávamos no Messi aos 12 anos e tínhamos processos de treino completamente diferentes. Eu não tenho dúvidas que o que provocaram no desenvolvimento do Messi foi potencializar as capacidades que ele tem, eles não se preocuparam muito em que o Messi jogasse com o pé direito, acho que eles se preocuparam essencialmente em potencializar aquilo que ele já tinha de bom e o que o torna especial, daí eu dizer há pouco que talento é quando o jogador tem algo de especial. Mas por outro lado, também tens talentos dentro de um registo diferente, tens aqueles talentos que sobrevivem dentro da capacidade competitiva que eles têm, da concentração, da capacidade de trabalho. Agora, esses são talentos se calhar diferentes, já são se calhar o talento do trabalho, se quisermos chamar assim, e aí também entra a especificidade da posição e entra a especificidade dos princípios colectivos no qual esse talento está inserido. Por exemplo, um médio que é especial nas acções com bola, se estiver inserido numa equipa que constantemente sobrevive no momento defensivo, se calhar aí ele pode ter uma prática de 10, 15, 20 anos, o tempo que ele quiser porque ele não está a potencializar aquilo em que ele é bom, vamos formatá-los e é isso que nós não pretendemos, que é formatar e ter jogador todos iguais. Eu comecei por dizer que os centrais muitas das vezes têm de ser diferentes, os pontas têm de ser diferentes, e respeitar essas diferenças é fundamental para que eles possam desenvolver o talento.

JC: Como referiu anteriormente, o início da actividade desportiva deverá ocorrer o mais cedo possível. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar rendimentos superiores?

TF2: Mais uma vez depende do perfil individual de cada caso. Eu acho que, por exemplo, dentro de um registo de jogo, que neste momento o Barcelona tem, o FC Porto tem, se calhar vai encontrar os futuros centrais dessas equipas a jogarem a médios centro em outras equipas, daí a complexidade de cada caso é um caso. Porque é que em Portugal dificilmente se encontra pontas de lança? Por exemplo, é uma questão que nós devemos reflectir, e nós, na instituição em que estou inserido, já falamos muito sobre essa temática, ou porque é que não se encontram defesas esquerdos? Porque é que Portugal, mesmo ao nível da Selecção A, de encontrar defesas esquerdos? Porque o que acontece é “és esquerdino, vais para extremo esquerdo”, e “atacas mal, então vais para defesa esquerdo”, “és alto vais para ponta de lança, não jogas nada, vais para central”, lá está, depende muito do perfil de cada individualidade. Ainda ontem vi a Selecção Brasileira a jogar, e dificilmente encontro centrais daquele registo em outras selecções, porque se calhar aqueles centrais até aos 14 anos tiveram uma dominância fundamentalmente técnica, a tal divisão que eu fiz há pouco, eles até aos 14, 15 anos jogavam na rua e tinham de driblar, passar, simular, porque é esse o espírito do futebol que eles têm. Nós olhamos para o percurso de formação de determinados jogadores de top, e são muitos aqueles que não percorreram a formação dentro das posições na qual eles estão inseridos, mas há outros que isso acontece, eu acredito que eles possam percorrer a formação dentro da especificidade da posição se depois houver um contexto colectivo para eles, acredito que se o contexto não existir o que acontece muito provavelmente é eles aparecerem em outras posições a

nível do futebol profissional. Mais uma vez refiro à posição dos centrais, e se lhe perguntarem em que posições jogaram, quase todos foram médios, foram avançados, foram pivots e só depois é que foram centrais, porque se calhar nas equipas onde eles estavam, o central que eles procuravam não era aquele...

JC: (é algo que não depende do jogador, não depende unicamente de quem coordena o processo, mas sim das interações que se estabelecem, as quais criam uma série de necessidades... depois é utilizar os recursos humanos que temos para colmatar aquelas necessidades específicas para aquele contexto...)

TF2: Exactamente. Eu referia há pouco a questão dos jogadores baixos, há jogadores altos de enorme qualidade, atenção não é isso que estou a querer pôr em causa, há jogadores altos de enorme qualidade, o Lucho tem 1,85m e é um jogador de enorme qualidade, ele tem um corpo que não se adequa à forma de jogar dele, porque ele antecipa de uma forma que até parece que teve sempre 1,60m. mas o que é que acontece com os jogadores baixos? Acontece precisamente isso, eles sobreviveram com as armas que eles tinham. Porque é que a grande maioria dos jogadores mais frágeis fisicamente tem uma grande capacidade de passe e recepção? Porque eles sabiam que se não recebessem bem a bola, fisicamente no contacto iam perdê-la, eles sabiam que se não passassem bem dificilmente voltavam a ter a bola. Porque é que a grande maioria deles tem uma dinâmica, interpretação e exploração de espaços sem bola fantástica? Porque eles sabiam que se não chegassem primeiro, se não procurassem o espaço, se recebessem a bola sobre pressão, que iam perder a bola. Por isso, por um lado eu defendo que se ele está no contexto ideal para o perfil individual dele, se o contexto colectivo respeita o perfil individual, acredito na especificidade da posição, que eles percorram um processo dentro da sua posição. Se eles estão num contexto que não é o ideal, o qual não respeita o perfil individual, aí sim, defendo que se calhar muitas vezes eles vão ter de percorrer outras posições para sobreviver e até quem sabe os vai ajudar a potencializar determinadas competências.

JC: Professor, tenho uma questão que faz referência à observação de jogadores. Não sei se o professor faz observação de jogadores para pudermos futuramente integrar as equipas da formação, mas quando realizamos esta observação que características devem ser tidas em consideração? Porque uma questão é você com os seus jogadores já os conhecer e perceber rapidamente a sua evolução ou não, outra questão é observarmos um jogador pela primeira vez em que temos poucas referências ou nenhuma dos seus padrões de funcionamento...

TF2: Nós respeitamos um factor que para mim é muito importante, que é, até que ponto é que ele está inserido num contexto que provocou o desenvolvimento ou não, e isso é importante, se ele está inserido num contexto que lhe provoca constantemente desenvolvimento, ou seja, está inserido numa equipa com capacidade, se calhar a margem de progressão dele é muito diferente de um jogador que está inserido num contexto onde, por vários motivos e várias circunstâncias, não lhe potencia tanto o desenvolvimento, isso era logo o primeiro factor, a margem de progressão que ele pode vir a ter ou não. O que nós procuramos são talentos, o que nós procuramos é algo de especial, e quando nós vemos um jogo de um determinado jogador que está referenciado, procuramos identificar até que ponto ele tem de facto algo de especial. Já referi há pouco que a nível de *scouting* o contexto social e a avaliação psicológica poderia ser importante,

e acredito que sim. mas fundamentalmente é isso, percebermos se ele tem algo de especial, algo que o torne original. Depende do perfil do jogador, da posição, porque é mais fácil identificar por exemplo um extremo que é fortíssimo na relação com bola, no drible, é mais fácil identificar esse jogador, salta mais à vista, do que propriamente um médio centro que é muito forte ao nível posicional, que tem muita qualidade de passe, se ele está inserido numa equipa que não circula é difícil identificar a capacidade que ele tem ao nível do passe, um ponta de lança que tem algo de especial ao nível da sua capacidade de interpretação e de ocupação de espaços na área e mesmo na execução de finalização, o remate e o jogo de cabeça, se a equipa no qual ele está inserido não procura zonas de finalização de forma apoiada, não procura ou não chega às zonas de finalização de forma regular, é complicado avaliá-lo. Por isso há perfis, e há posições, e há jogadores que são muito mais fáceis de avaliar do que outros.

JC: (por exemplo, objectivando a nossa observação para as competências psíquicas, são componentes que nós conseguimos observar e caracterizar através do comportamento ou reacções que os jogadores têm face a distintas situações...)

TF2: Sim, mas eu por exemplo, eu tenho algumas dúvidas em relação a isso, são as tais dúvidas que eu referi há pouco que ainda não sabia bem qual era o caminho a seguir. Porque nós vemos jogadores de elite, talentos, os melhores jogadores do mundo, que tiveram muitas expulsões na sua formação, que tiveram um percurso social que se calhar não é o mais indicado, daí essa dúvida que eu tenho, até que ponto é que nós, se nos for apresentado neste momento um jogador que é um super talento a nível desportivo, mas que é muito mal comportado, tem problemas na escola, que não se sabe relacionar com os colegas até que ponto é que nós vamos ou não pegar nele, até que ponto nós vamos ser capazes de o moldar não direi, mas até que ponto vamos conseguir dar-lhe aquilo que ele não tem, de forma a potencializar aquilo que ele já tem a nível desportivo, as minhas dúvidas vão muito nesse sentido, temos casos de sucesso e temos caso de insucesso, nós temos casos de jogadores que nós muitas vezes referimos “era muito bom jogador, mas não teve cabeça”, mas temos outros casos de sucesso.

JC: Professor, indo mais uma vez ao centro da discussão dos talentos, na sua opinião a que dimensão devermos atribuir o origem das capacidades talentosas, à genética ou à experiência adquirida? Um talento nasce ou faz-se?

TF2: É uma questão que eu gostava de saber responder de forma peremptória. O que eu sei é que por exemplo, não é por acaso que os filhos de antigos jogadores, normalmente têm até determinado patamar de exigência da formação, têm sucesso, porque se calhar estão em casa e jogam à bola como ninguém, se calhar vêem futebol como ninguém, se calhar em casa fala-se de futebol como em poucos locais, mas por outro lado também temos miúdos que são talentos e que se calhar em casa não se vê futebol, não se joga futebol. Quando falo do exemplo dos filhos dos jogadores de futebol, não estou a respeitar o lado genético atenção, estou a respeitar o contexto no qual ele cresceu, de uma estimulação constante e frequente. E eu falo porque já trabalhei com muitos atletas que são familiares de jogadores, e familiares directos, nomeadamente filhos, e há algo que é comum a todos eles, que é a paixão pelo jogo e o conhecimento do jogo. Mas mais uma vez, também temos o lado oposto, eu não sei qual era a profissão dos pais do Messi, mas temos o caso do Ronaldo que nasceu numa família onde tinha muitos irmãos mais velhos e nenhum

deles jogou futebol. Temos os jogadores sul-americanos que aparecem de um contexto de sobrevivência, mas depois aparece um Kaka, que foi melhor jogador do mundo. Por isso, eu acho que é mais fácil a identificação com um certo tipo de caminho, do que dizer “o caminho é este”, de uma forma peremptória e absoluta, acho que não é fácil que isso aconteça. Agora um talento tem de ser estimulado isso é um ponto assente. Um talento se não for bem estimulado, e voltamos à questão anterior, se o talento não estiver no contexto ideal, se não se potencializar, se não se estimular, mais tarde ou mais cedo vai deixar de o ser. É interessante ver vídeos, e isso está publicado na internet, dos agora actuais melhores jogadores do mundo no processo de formação, e quase todos eles fisicamente eram mais baixos do que os colegas. O facto de o jogador ser baixo faz com que ele desenvolva determinados requisitos que são fundamentais para sobreviver na exigência máxima do futebol, na elite do futebol. Um jogador que não antecipe dificilmente terá capacidades para sobreviver no futebol, e lá está um jogador que é baixo ao longo da formação, o que ele vai fazer de uma forma regular conscientemente ou não, estimulado pelo treinador e pelo processo de treino ou não, é antecipar. Se geneticamente influencia? Eu acredito que não, embora respeite que possa haver casos onde isso tenha influencia, mas por exemplo, temos o avançado da Selecção Inglesa com 2m, isso é genético, não foi o treino que lhe deu 2m de altura. Eu acredito muito no estímulo, no potencializar dentro do contexto indicado para, e respeitando o perfil individual do jogador.

JC: Da minha parte, a nossa discussão termina aqui, no entanto se tiver algo a acrescentar que possa clarificar ou solidificar algumas ideias tem o devido tempo para isso...

TF2: Não, está tudo.

JC: Professor agradeço-lhe mais uma vez o seu pertinente contributo para a realização desta investigação.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 3, Treinador de formação do escalão de Sub 16 a **14 de Outubro de 2010**, Tempo de duração da entrevista: 1h 10m

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-sócio-desportivo complexo. No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinadores, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 3 (TF3): Eu penso que a prática da modalidade, desta e de outras modalidades colectivas, pelo menos das outras modalidades colectivas que eu conheço, acho que a prática dessas modalidades é um fenómeno complexo, o mérito é de facto tornar essa complexidade, operacionalizada e operacionizável da forma mais simples possível. Agora eu penso que o fenómeno em si é extremamente complexo, e o facto de justamente no futebol serem 22 jogadores e não apenas 10 como no basquetebol, o facto de o espaço de jogo ser o que é, tão grande, e depois a própria carga emotiva que normalmente existe á volta do jogo de futebol, acabam por tornar o fenómeno realmente uma entidade, no meu entender, complexa portanto.

JC: Professor, fez a comparação com outras modalidades colectivas, e, neste momento, assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma mediatização ás diferentes modalidades. O que torna o futebol um fenómeno tão especial?

TF3: Eu acho que é uma questão cultural. Noutros países as coisas não são assim, por exemplo, uma pessoa vai á Lituânia, e o desporto nacional é o basquetebol, e provavelmente se houver alguém a fazer um estudo deste género na Lituânia, está a falar com um treinador de basquetebol e não com um treinador de futebol. Penso que é uma questão cultural, e no caso concreto do futebol, se calhar tem raízes tão fortes num país como o nosso, ou outros países como o Brasil, por exemplo, que são países com algum défice em termos de desenvolvimento, e para jogar futebol não é preciso muito de facto, é preciso uma bola e algum espaço, enquanto que para jogar basquetebol, ou para jogar voleibol, é necessário mais alguma coisa para além disso, não chega uma bola no basquetebol, é preciso uma bola que salte, é preciso tabelas, é preciso cesto. No futebol, duas pedras fazem uma baliza, e um meia ou duas meias fazem uma bola. Portanto, eu penso que o facto do futebol ser um fenómeno tão popular e tão facilmente praticável, eu acho que acaba por ser uma questão cultural, criou raízes e as pessoas habituaram-se quer a praticar quer a gostar de futebol, habituam-se em Portugal desde muito novas. Ainda que, a minha experiência como treinador já seja relativamente larga e a sensação que eu tenho é que neste momento, comparado com há quase 20 anos atrás que foi quando comecei, eu acho que na altura havia seguramente menos opções desportivas ou de prática desportiva para os jovens, neste momento há muitas mais de facto, mas ainda assim o futebol continua a ser a modalidade que suscita mais entusiasmo, mais emoção e eu penso que será uma questão cultural.

JC: (por exemplo, assistimos a diferentes tipos de futebol no mundo...é possível estender uma relação de reciprocidade entre a sociedade e o futebol?)

TF3: Sim, penso que é possível ainda que a tendência seja cada vez mais para...a tendência é cada vez para uma maior multi-culturalidade no futebol. Há 20 anos atrás por exemplo, íamos a Inglaterra e víamos muito poucos estrangeiros lá a jogar, e neste momento há equipas que praticamente não utilizam jogadores ingleses, e isto naturalmente implica uma redefinição do próprio conceito de jogo, daquilo que é valorizável no jogo, daquilo que as pessoas apreciam ou não num jogo, agora há matrizes culturais e, há até quem diga que pode ter a ver com o clima, que de facto tornar possível encontrar alguns padrões de jogo em determinados países de facto, e acho que ninguém tem dúvidas que o futebol, isto em termos gerais, praticado no Brasil é diferente do que praticado por exemplo na Islândia. Acho que é possível realmente encontrar essas formas diferentes de jogar e que são culturais também, de facto.

JC: (um dos exemplo que poderá ser dado e que poderá evidenciar este enraizamento é o jogo FC Porto x Benfica, onde no próprio dia, e nos dias seguintes, as notícias que provieram deste evento “abafaram” todas as questões económicas e financeiras que se levantam actualmente no nosso país, não sei se concorda com este exemplo...)

TF3: Concordo totalmente, concordo totalmente. Eu penso que...e às vezes como o nosso futebol tem muitas confusões e muitos problemas, há quem diga que a melhor solução para resolve-los seria fechar o futebol durante algum tempo, eu acho que isso seria dramático. Acho que as pessoas, ou muitas pessoas já não conseguem viver, nunca se habituaram a viver sem o futebol, e muitas vezes a sensação que dá é que os meses mais angustiantes que passam durante o ano, são meses em que não há futebol, o campeonato pára. Portanto, acho que as coisas estão enraizadas a esse ponto, ao ponto de por vezes o futebol perder ou ganhar uma transcendência na vida das pessoas que racionalmente não deveria ser assim no meu entender, não deixa de ser um jogo, mas de facto para nós não é apenas um jogo, é uma questão que faz parte da nossa identidade, faz parte da nossa identidade e do nosso ser, e não conseguirmos dissociar disso é difícil.

JC: Professor, em campo, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas para cada posição assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-tecnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...Acha possível a construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado às diferentes posições ocupadas pelos diferentes jogadores em campo?

TF3: Eu não sei se podemos falar disso de uma forma tão taxativa, agora o que eu penso é que não há dúvida que determinadas características terão de estar necessariamente presentes em alguns jogadores, ou em predominância comportamental em algumas posições específicas, determinado tipo de padrões, ou seja, é suposto e se calhar acho que poderemos quase generalizar que determinadas posições implicam quase um determinado registo comportamental, um determinado padrão psicológico se quisermos. Eu sou um bocadinho céptico em relação a isso, porque penso que é possível, por exemplo, geralmente estão

associados aos defesas jogadores que terão que ser necessariamente agressivos, jogadores que terão que ser extremamente fortes no duelo, não apenas no duelo físico mas também no duelo mental, têm que chegar primeiro, têm que ser mais fortes, têm que ser antecipativos. Eu penso que, tirando a questão antecipativa que é muito importante, eu penso que é possível...porque a agressividade às vezes também não está bem explicada, associa-se muito á questão física, e eu acho que a agressividade não tem apenas em si só a ver com isso. Mas eu penso que é possível, por exemplo, ser um bom defesa não sendo necessariamente um jogador fortíssimo no contacto físico, defender bem não passa necessariamente por isso. Agora, acredito que, não sendo uma generalização, acredito que determinadas características psicológicas possam estar mais associadas e eventualmente mais comprometidas com determinadas funções dentro do campo, sem que eu considere isso necessariamente uma certeza absoluta, mas admito que haja e reconheço que possa haver alguma conexão entre essas duas ideias.

JC: Nós ao exercermos a nossa profissão de psicólogos junto de escalões de formação, de que modo podemos contribuir para que o jogador seja capaz de atingir um nível de excelência? O Professor considera que poderia usufruir dessa prática na formação dos seus jogadores?

TF3: Sim, acho que poderá ter um contributo muito grande e acho que as condições que estão ou têm vindo a ser criadas nos últimos tempos, acho que favorecem cada vez mais a intervenção da psicologia no futebol...

JC: Está sensibilizado para os campos de acção e de intervenção da psicologia?

TF3: Eu nunca tive nenhuma acção de formação em relação a isso, nunca tive ninguém a dizer-me especificamente, “nós podemos fazer isto, isto e isto”, ou seja, nunca ninguém da área da psicologia chegou á minha beira e me disse quais eram as áreas de intervenção onde poderia exercer a sua acção. Agora, da minha experiencia pessoal e daquilo também que na faculdade nos foi ensinado, tenho ideia de algumas das áreas, se não todas ou muitas das áreas onde a psicologia pode ter uma acção importante.

JC: Por exemplo Professor, poderemos considerar duas vias distintas de intervenção, uma via mais directa em que trabalhamos directamente com os jogadores, e uma via mais indirecta porque realizamos o nosso trabalho com os jogadores mas através do treinador. Estas duas perspectivas fazem sentido para si, ou privilegia uma em detrimento de outra?

TF3: Ambas fazem sentido na minha opinião, e eu provavelmente não direi que uma é mais importante que a outra, acho que ambas são muito importantes, e digo isto porque, eu penso que a acção directa do psicólogo sobre o jogador é muito importante, nomeadamente a partir do momento em que certas barreiras se vençam, acredito que criando-se uma relação de confiança, é possível que o jogador transmita ao psicólogo, e é possível que o psicólogo, dadas as suas competências, consiga aperceber-se de determinados aspectos relacionados com o jogador que o próprio treinador poderá não conseguir chegar, sobretudo se se conseguir estabelecer uma determinada relação que o treinador muitas vezes não consegue nem deve se calhar ter com todos os jogadores, ou seja, ou consegue ter essa relação com todos e portanto não há uma relação de preferência de uns em relação a outros, ou então na minha opinião o treinador deve exercer uma relação que lhe permita chegar a todas, ainda que de forma diferente mas a

níveis semelhantes, na minha opinião, a não ser que haja uma situação extrema, mas também acho que é muito importante a acção que o psicólogo possa ter concertado com o treinador para desenvolver determinadas estratégias do grupo ou para estar mais atento a algumas situações, e acredito que os olhos do psicólogo treinados de outra forma, possam ter um contributo importante. Considero, portanto, que ambas as formas, directa ou indirecta são importantes.

JC: (Apesar de recorrermos a vias de intervenção e modos de intervenção diferenciados, penso que em ambas, partimos de um ponto comum, a relação de confiança que é estabelecida entre o treinador e o psicólogo. Concorda com este ponto de partida, ou poderemos levantar outro?)

TF3: Sim, sim, entre o psicólogo e o treinador tem de existir essa relação de confiança, e entre o psicólogo e o jogador também.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF3: Eu enquanto treinador deste escalão, eu tenho de gerir um grupo de jogadores e, ainda que, todos saibamos que há jogadores a quem perspectivamos mais probabilidades de poder chegar á equipa A, e são esses que nos devem preocupar, eu tenho que ter muito cuidado na gestão que faço do meu grupo, eu não posso de uma forma explicita ter uma intervenção, um tratamento e um cuidado em treino diferente de uns relativamente a outros. No entanto, a minha acção tem que se exercer naturalmente através do exercício, ou seja, eu através das situações que crio no meu treino, a minha intenção é através delas desenvolver, corrigir, melhorar e potenciar características e capacidades que eu identifico nos jogadores de modo a torná-los ainda melhores e cada vez melhores, e faço naturalmente através dos exercícios e faço depois através das correcções e das conversas que tenho com eles, chamar-lhes atenção de umas e de outras coisas.

JC: Professor, quais são as características que o escalão evidencia e quais são as suas principais preocupações?

TF3: As preocupações são as mesmas, as preocupações são as mesmas treinando eu os Sub 19 ou os Sub 9, e são aquelas que eu acabei de dizer, ou seja, desenvolver ao máximo as competências dos jogadores que eu tenho. Os atletas neste escalão, já têm naturalmente as suas características muito mais definidas, ou seja nós temos de ter a noção que a área de intervenção num atleta de Sub 16, ou a zona que é possível fazer crescer é muito menor, e a percepção que eu tenho, é que se calhar, a grande diferença que nós conseguimos fazer a este nível e nesta idade tem mais a ver com questões do conhecimento do jogo, questões mentais, questões de saber lidar com a pressão, ou seja, não digo que são questões menores, são questões de pormenor, na minha opinião, questões que são também bastante importantes mas que á medida que se aproxima o trajecto profissional dos jogadores, acho que assumem uma importância ainda maior. Quando estamos a trabalhar com Sub 16, com atletas Sub 16, olhamos para aqueles jogadores, e conseguia ver em todos o potencial crescimento em questões de natureza táctico-técnica.

JC: Para além da importância dos treinadores muito bem realçada por si, na formação de jogadores, considera que poderão existir outros contextos primordiais ou agentes formativos no alcance de performances de elite?

TF3: Eu penso que o ambiente familiar, a família, tem sempre uma acção importante seja nos talentos, seja nos que não são talentos, e isso pode ser sempre um factor ou inibidor ou potenciador desse mesmo jogador. Acredito que o grupo onde o atleta está inserido, ou seja a equipa, a própria equipa pode ser também um factor e uma entidade se é que podemos chamar entidade a toda uma equipa, mas se pudermos penso que também pode ter um contributo muito importante a esse nível. Eu não tenho dúvidas que um jogador, um jogador que é talento na minha opinião, um dos principais aspectos que distingue um talento de todos os outros é que o talento, por ser talento, requer ou pede estímulos cada vez mais fortes, cada vez mais complexos, ou seja como estamos a falar dos jogadores com potencial, eles para desenvolverem esse potencial necessitam de estímulos cada vez mais exigentes e os obrigam a transcender, e um jogador que seja talento que esteja inserido num grupo amorfo de baixa qualidade, na minha opinião, vai ter muito mais dificuldades em conseguir exprimir esse mesmo talento, exprimir nem é tanto essa questão, é potenciar. Enquanto que um jogador que é talento e que é posto regularmente, diariamente, sistematicamente em contextos de complexidade exigência, a sua superior qualidade e capacidade obriga-o a transcender, e ele consegue transpor-se, se ele for talento ele vai conseguir transpor as dificuldades normais que um contexto destes implica, e portanto eu estou convencido que o próprio grupo de trabalho é muito importante nesse desenvolvimento. Outras entidades, acredito que a acção do psicólogo possa ser também muito importante a esse nível. Quando estamos a trabalhar com jogadores de elite eu acredito que as questões psicológicas podem fazer toda a diferença entre um jogador conseguir lá chegar ou não chegar lá, e esse é um dos aspectos que nós enquanto gestores do programa de desenvolvimento de talentos temos em conta, a nossa convicção é esse de que é necessário um acompanhamento ainda maior se possível do que aquele que é feito regularmente para todos os jogadores, porque esses jogadores na minha opinião em alguns casos revelam determinados indicadores que pressagiam que é importante uma intervenção a esse nível.

JC: Professor, referia anteriormente que os jogadores com determinadas características talentosas deveriam ser colocados num ambiente complexificado para que consigam desenvolver as suas capacidades. Verificamos que jogadores, por exemplo, Sub 14 realizam treinos e competições por escalões de Sub 15 e por vezes até mesmo Sub 16, é a esta complexificação que se refere? Concorda com esta transição, ou poderemos considerar como uma situação contra-natura?

TF3: O exemplo que me deu, os atletas Sub 14 a jogarem ou a treinarem em Sub 15 ou Sub 16, acho que é um exemplo que precisa de um pouco de cuidado, atendendo á idade em causa, porque á atletas que nós conhecemos como talentos mas que estão com o seu salto pubertário mais atrasado e naturalmente se os colocarmos em contextos de exagerada complexidade, nomeadamente onde as questões de natureza físico-motora sejam de tal modo difíceis de acompanhar por parte desse jogadores isso pode até acarretar alguma frustração e alguma infelicidade, chamemos-lhe assim, ao jogador. Eu acho que um aspecto muito importante para um jogador é ele sentir-se feliz e gostar daquilo que faz, e geralmente um jogador gosta

daquilo que faz quando tem êxito, ou quando tem perspectivas de ter êxito. Agora, eu por principio acho que isso faz todo o sentido, ainda que isso seja feito de uma forma irregular, não de uma forma permanente, porque eu acho que um jogador quando colocado em contextos de superior complexidade, mesmo que ele não consiga numa primeira instância resolver os problemas, provavelmente vai pelo menos obriga-lo a reflectir naquilo que não conseguiu fazer, e aí é muito importante a acção do treinador fazê-lo reflectir “mas porque é que tu não conseguis-te”, “que dificuldades é que tu sentis-te”, “de que forma é que tu achas...”, “que problemas é que sentis-te”, “com os instrumentos que tens, com as armas que tens não terias ainda assim ter sido capaz de resolver o problema?”, ou seja, confrontar o jogador com outro tipo de dificuldades e fazê-lo crescer com isso. Eu acho que por principio a ideia faz sentido e é positivo, é preciso ter cuidado sempre, é preciso ter cuidado nomeadamente na gestão da frustração quando os resultados imediatos não são excelentes. Aliás, este ano vou ter, no próximo fim de semana, no próximo jogo, vamos ter um jogador Sub 16 e um jogador Sub 17 a jogarem no escalão de Sub 19, e já é a segunda vez que isso acontece, e a primeira experiência que houve esta época desse género eu acho que foi extremamente positiva, mas eu não tenho dúvidas que se eu fosse avaliar o desempenho dos dois jogadores objectivamente, eu não vou dizer que o desempenho foi excelente, porque não foi apesar de eu reconhecer neles competências de excelência, mas contextualizando atendendo a que jogaram num nível de complexidade superior que não conhecem muito bem as dinâmicas da própria equipa em que foram inseridos nem houve tempo nesse primeiro caso para que essas dinâmicas fossem minimamente apreendidas, se fosse avaliar objectivamente não diria que foram dois desempenhos excepcionais, mas subjectivamente tenho de reconhecer que os objectivos foram cumpridos e tenho a certeza que eles aprenderam alguma coisa, ou pelo menos houve situações no jogo que os obrigaram a reflectir e eventualmente cresceram um pouco mais, e a ideia é essa.

JC: Se eu lhe pedir para traçar um trajecto de formação, ou seja, desenhar a formação ideal atravessando os diferentes escalões, como desenharia recorrendo aos diferentes domínios de acção de um jogador, tático, técnico, cognitivo, físico, emocional?

TF3: O que eu penso é que iniciando a prática com 8 anos, 9 anos, 7 anos, eu não tenho dúvidas que a componente técnica é muito importante, quando falo de técnica falo de técnica coordenativa no fundo, acho que é extremamente importante, e nessas idades eu acho que é isso que deve predominar, a aquisição desse tipo de competências, não de uma forma estanque, não de uma forma analítica, não falo daquela técnica do passe da recepção, do frente a frente, eu falo é de colocá-los em situações em que eles tenham muito contacto com bola, que estejam em permanente relação com bola, com o espaço, eventualmente com a baliza, com um colega, dois, ou seja, em ambientes de elevada complexidade, mas que os obriguem a estar em contacto permanente com a bola antes de tudo, e depois os obriguem também a ter êxito, ou seja, eles a descobrirem como podem ter êxito, jogando sozinhos e não passando a bola ao colega, se passa a bola ao colega reconhece nele também competência, isto no fundo já é jogar, já é começar a compreender o jogo, perceber que há ali uma equipa, perceber que muitas vezes eu consigo resolver o problema sozinho, outras preciso da ajuda do meu colega, perceber do outro lado há indivíduos que querem o mesmo que nós, e pronto, no fundo é neste confronto que é importante que a prática se inicie. Depois, as restantes componentes, nomeadamente a componente tática que acaba por estar

intimamente ligada com a técnica a partir do momento em que haja uma situação de jogo, que haja uma intenção, haja grande necessidade de serem tomadas decisões, ou seja, a partir de que a tomada de decisão passa a ser importante numa situação de jogo também essa componente está a ser trabalhada, embora numa fase inicial isso não seja o mais importante. Depois, e seguir naturalmente os diferentes escalões etários o jogo vai-se tornando mais complexo, e há outras preocupações, mas a questão tático-técnica será sempre predominante, mas depois de facto há questões de natureza cognitiva, questões de natureza emocional, questões de natureza motora que acompanham também o desenvolvimento que também são muito importantes, mas isso acontece, na minha opinião, quase naturalmente, umas coisas decorrem das outras. As questões de natureza tático-técnica acho que têm de estar sempre presentes desde o início, e as outras acabam por decorrer umas das outras ao longo dos anos e ao longo do tempo em que os atletas vão evoluindo e subindo de escalão para escalão. Torna-se difícil dizer que a partir daqui é importante isto, a partir desta idade é mais importante isto, eu consigo dizer que á medida que o processo de formação termina há questões que assumem uma importância muito maior, a diferença entre os Sub 17 e os Sub 19, eu por exemplo não tenho a mínima dúvida que um jogador que seja Sub 19, ou que esteja no último escalão competitivo de formação, Sub 18 Sub 19, e que não seja um individuo com capacidade ou com capacidades ao nível do controlo emocional, é um jogador que não está preparado para ser jogador profissional. Agora se isso acontecer aos 14 anos ou aos 15 anos, eu penso que ainda vamos a tempo de trabalhar isso provavelmente, agora quando os atletas chegam á idade do fim do seu processo de formação com muitas dificuldades a este nível, ou com muitas dificuldades de concentração no treino e no jogo, que também acontece por vezes, eu acho que já é muito complicado irmos a tempo de resolver isso, sinceramente.

JC: (De acordo com esta ordem de ideias, considera que existe um período adequado para que o atleta consiga aprender e apreender determinado número de características, tanto do domínio técnico como psíquico...)

TF3: Sim. As competências tático-técnicas tem que estar sempre presentes porque o jogo é essencialmente isso, as outras questões são muito importantes e muitas vezes nós reconhecemos a na totalidade dos nosso jogadores competências tático-técnicas se não, não estariam cá. Eu não tenho grandes dúvidas que o principal factor de selecção para os jogadores que aqui estão são o serem fortes nessa componente, o que na minha opinião muitas vezes distingue aqueles que são realmente talentos e que têm grandes condições de chegarem ao futebol profissional e eventualmente serem jogadores de elite, e os outros, acho que tem a ver com as outras componentes, acho que é aí que se faz a grande diferença, as questões mentais, psicológicas e emocionais, as questões cognitivas acho que são essas muitas vezes que permitem para ver se ele chega ou não a um nível de excelência.

JC: (De acordo com ideias que acabou de elaborar, e recorrendo um pouco à minha prática diária, umas das condições para trabalharmos esta dimensão psíquica imbuída na prática, é realmente o jogador possuir uma dimensão tático-técnica definida e trabalhada, porque o primeiro objectivo passa por termos excelentes jogadores de futebol, o que não será possível sem esta dimensão tático-técnica, e não simplesmente recorrer ao desenvolvimento da questão psíquica. Agora o objectivo

final é termos um bom jogador tacticamente e tecnicamente, que seja capaz de se socorrer de “pormenores” psíquicos, e aí têm de estar trabalhados, para dar resposta adequada as exigências colocadas pelo contexto. Daí poderemos recorrer a dois tipos de intervenção diferenciados, em primeiro lugar familiarizar o jogador com estas questões para que ele possa elaborar o seu processo de aprendizagem, ou por outro lado, e falando em questões de desenvolvimento das suas capacidades, seja capaz de potenciar todo o conteúdo já presente na sua prática diária, isto é, ser cada vez melhor. Nesta ordem de ideias acredito que o trabalho de competências psíquicas poderá funcionar e bem como um complemento á sua prática...)

TF3: Um trabalho complementar, sem dúvida.

JC: Professor, convidava-o agora a focar a nossa discussão em questões de excelência desportiva. E para começarmos esta reflexão, iríamos nos centrar no início da questão, a definição do conceito, como caracteriza um talento desportivo? Como o define?

TF3: É uma pergunta complexa, mas para mim um jogador que eu possa dizer que é um jogador talento, que é um talento, é naturalmente um jogador quer por aquilo que evidencia, quer por aquilo que se intui, ou seja, o que quero dizer com isto é que muitas vezes aquilo que ele tem é mais do domínio do potencial do que propriamente do domínio do real, ou seja, nós intuimos no jogador determinadas competências, seja tático-técnicas, ou essencialmente tático-técnicas que na minha opinião que os distinguem de todos os outros naturalmente, jogadores que, e repito, ou por aquilo que já fazem comparados com os da própria idade, ou por aquilo que ainda não conseguindo fazer mas detectando neles capacidades nomeadamente ao nível da inteligência de jogo, ao nível da capacidade de antecipação e resolução de problemas em situações ou em contextos, por exemplo, de redução de espaço e de tempo, que eu acho que é um dos principais factores de identificação de um talento, jogadores que muitas vezes conseguem resolver problemas em espaços e tempos reduzidos, ainda que depois possam ainda não os conseguir resolver totalmente porque por exemplo, a componente física não os permite, ou seja, ainda não os executam no campo do real mas percebemos que quando eles desenvolverem determinadas competências por exemplo físico-motoras vão ainda melhor conseguir resolver esses problemas, e eu acho que quando isso acontece estamos na presença de um individuo que se distingue dos outros, um talento, por aquilo que faz, ou por aquilo que se intui que possa vir a fazer quando determinadas componentes que ainda não estão potencializadas o estejam.

JC: (quando conseguimos perceber o conteúdo latente da acção...)

TF3: Sim latente, exactamente...

JC: (isto é, não avaliamos somente pelo conteúdo manifesto...)

TF3: Sim não apenas manifesto, mas latente exactamente.

JC: Referia-me há pouco que relativamente aos seus jogadores, que no seu íntimo, não exteriorizando, consegue perceber quem são os melhores, e quem são aqueles que ainda apresentam imensas dificuldades. Se eu lhe pedir para realizar uma comparação daqueles que considera

melhores, daqueles que ainda ficam um pouco aquém, que tipo de características o Professor enunciava?

TF3: Desde logo competências tático-técnicas, ou seja, há jogadores, e comparando com jogadores das mesmas posições, eu consigo distinguir entre os melhores e os piores muitas vezes por questões de natureza tático-técnicas, apesar de serem todos competentes nessa área, há uns que são de exceção, não é, desde logo, mas depois e nomeadamente no meu escalão, eu claramente consigo encontrar jogadores que são extremamente dotados do ponto de vista tático-técnico, mas a quem os reconheço falta de competências a outros níveis, em outras áreas, nomeadamente na área mental, ou na área emocional por exemplo, que vão ser grandes entraves a que eles possam ser jogadores profissionais, ou porque não são jogadores capazes de manter uma concentração permanente em situações de treino e de jogo, jogadores incapazes, ou com muitas dificuldades de compreender ou seja, questões de natureza cognitiva, de compreender determinados enunciados do jogo, perceber que o contexto do jogo mudou, e um contexto diferente, implica naturalmente respostas diferentes da sua parte, ou seja, é cognitivo, é tático, tem a ver com a compreensão do jogo, e há jogadores que esbarram nessa barreira, são capazes de ter sucesso num determinado contexto de jogo em que tenham de fazer determinado tipo de acções, mas quando o jogo lhes pede outro tipo de respostas eles já não se conseguem adaptar, portanto é uma questão de adaptabilidade, de plasticidade, lá está, a capacidade de se moldar á situação, e isto tem a ver naturalmente com questões de inteligência de jogo, com antecipação, com capacidade de leitura de jogo, e eu penso que é muito a este nível que depois as coisas se distinguem, em termos táticos, também em termos cognitivos, em termos de concentração, e em termos emocionais, lá está, jogadores que em alguns casos têm grandes qualidades mas que depois se descontrolam muito facilmente, e o seu rendimento perde eficácia por causa disso, não é, portanto eu quando olho para eles vejo isto, vejo mais facilmente por vezes jogadores com menos competências tático-técnicas a chegar eventualmente mais longe, porque são muito fortes nas outras componentes, e vejo jogadores que são mais forte do que eles na componente tático-técnica, mas por evidentes carências nas outras áreas, admito que para eles possa ser mais complicado chegarem ao futebol de alto nível, que é um futebol muito exigente a esses níveis também, não apenas em termos tático-técnicos, mas também a outros níveis.

JC: Professor, há pouco, quando falamos na formação dos jogadores não mencionou qual a idade aconselhável para iniciar a prática da modalidade. Qual será na sua opinião?

TF3: Em termos federados?

JC: Sim, em competição.

TF3: Eu penso que é a partir do que já existe, 8 anos, acho que se adequa. Agora se perguntar a minha opinião, se os jovens podem começar a praticar a modalidade, e quando digo praticar tenho de colocar entre aspas, a partir dos 3 / 4 anos, eu acho que é possível desenvolver actividades que os comecem a despertar para a prática. O que acontece se calhar em alguns casos é que se quer fazer com jovens com 3, 4, 5 ou 6 anos, aquilo que se faz com os de 10, 12, e 13 anos, ou seja, não há essa capacidade de ajustar os

conteúdos ás idades. Mas eu penso que a partir dessa idade, nomeadamente para a prática federada que penso que é a partir dos 7, 8 anos acho que é ajustado.

JC: O início da prática da modalidade em idades mais precoces poderá mais facilmente predizer o alcance do sucesso, da excelência desportiva?

TF3: Não necessariamente. Acredito que um miúdo da aldeia, por exemplo, que não tenha nenhum clube federado perto, e que continue a jogar com os amigos na rua pode vir a ter mais possibilidades de vir a ser um jogador de top comparativamente com um que comece aos 4, 5 anos numa escola de futebol, é perfeitamente possível, na minha opinião. É possível porque a riqueza do futebol de rua nessas idades, no meu entender, é perfeitamente suficiente para desenvolver os requisitos requeridos nessa idade, na minha opinião. Portanto, o futebol de rua e a riqueza do futebol de rua, na minha opinião, cumprem totalmente aquilo que um jovem com essa idade necessita eventualmente ao nível do património motor e coordenativo para vir a ser um jogador, com a vantagem de que provavelmente lhes fornece outro tipo de ensinamentos que se calhar o futebol nas escolas não o permite, por exemplo, aquela esperteza que também é muito importante.

JC: Professor, o nosso estudo tem focado também especial atenção à questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática poderá ser predictor ou indicador de uma performance de excelência?

TF3: Existem jogadores que chegaram ao top e começaram a jogar a nível federado com 16, 17, 18 anos, penso que não. Desde logo o número de anos de prática não garante que essa prática tenha sido feita em qualidade a desenvolver o potencial do jovem. Portanto a quantificação pura dos anos de prática não nos diz coisa nenhuma, diz-nos apenas que ele há tantos anos anda a tentar praticar qualquer coisa, agora se realmente está a desenvolver actividades que o façam realmente desenvolver essas suas capacidades, isso aí não está garantido. Acredito que, e nomeadamente no caso específico de futebol, acredito que uma prática de 10 anos tal como foi referenciado, uma prática rica, uma prática que realmente potencialize o que realmente distingue o jogador, que potencialize a dimensão tático-técnica, e que depois ao longo desse processo de formação seja acompanhado dos diferentes agentes que falamos há pouco, e que podem igualmente contribuir para esse desenvolvimento, acredito que isso sim, acredito que tem mais a ver com qualidade do que quantidade, como é óbvio.

JC: Como referiu anteriormente, o início da actividade desportiva poderá ocorrer por volta dos 4, 5 anos de idade. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar rendimentos superiores?

TF3: Mas quando se fala em especificidade fala-se ao nível da prática ou uma especificidade dentro dessa prática, por exemplo, especificidade posicional...

JC: (Gostaria que o Professor me clarificasse ambas as abordagens...)

TF3: Eu penso que nos primeiros anos de prática essa especificidade não deve ser procurada, ou seja, a especificidade posicional e de acções não deve ser procurada, até porque privilegiando por exemplo, jogos reduzidos, ou seja, situações de 3 x 3, 2 x 2, essas questões são esbatidas, porque os jogadores tanto estão atrás, como estão á frente, como estão á direita, como á esquerda, e em espaços reduzidos, portanto, eu acho que em idades mais jovens e no início da prática, essa especificidade não deve ser procurada, eu acho que só a partir de uma determinada altura, no meu entender, se calhar a partir dos 13, 14, 15 anos, é que podemos começar a especificar, até porque iniciam no futebol de sete, ou seja, há seis jogadores de campo, e mesmo aí estando os espaços mais reduzidos é possível haver uma maior indefinição em termos posicionais e em termos de acções. Conheço bastantes casos de jogadores e muitos passaram pelas minhas mãos, que com 11, 12 anos por exemplo, jogavam predominantemente em determinadas posições e depois onde eles acabaram por se especializar foi em posições distintas, completamente distintas. Portanto, eu acho que não se deve fechar essas possibilidades tão cedo, há especificidade do jogo, do jogar, e essa deve ser procurada muito cedo na minha opinião. A especificidade do jogar é haver uma bola, é haver colegas de equipa, haver adversários, haver balizas, essa especificidade do jogar deve estar presente, a especificidade posicional no meu entender só deve ser uma realidade, não digo imutável mas pelo muito mais definida, talvez a partir dos 14, 15 anos, e mesmo aí dando alguma margem para alguma maleabilidade também. Aí há determinadas componentes, determinados requisitos que já estão mais...bastante mais visíveis, no fundo já conseguimos olhar para um jogador e dizer que é um jogador que provavelmente vai ter mais sucesso jogando numa ou em outra posição pelas características que tem, não só em termos táctico-técnicas, mas também em termos de personalidade, não sei por exemplo, jogadores mais criativos, jogadores que gostam de criar, com iniciativa provavelmente não vão ser defesas, provavelmente vão acabar por se sedimentar em posições mais avançadas, onde esse talento, essa iniciativa possa ser mais útil para a equipa, é normal que assim seja.

JC: (Aquele conteúdo latente de que falávamos anteriormente, já o conseguimos identificar em idades mais jovens, por exemplo, 4, 5 anos, perceber se têm predisposição para dado contexto?)

TF3: Eu penso que não. Eu penso que nessa idade ainda não, porque nessa idade eles ainda têm muitas dificuldades em tropeçar e não cair, ainda estão numa fase de equilíbrios e reequilíbrios constantes, e é essencialmente uma fase de contacto com bola, de brincar com bola, dar toques com bola, de conhecer as diferentes zonas do pé, perceber as potencialidades do seu organismo. Penso que não, nessas idades ainda é um pouco cedo.

JC: Professor, gostava que apresenta-se a sua opinião quanto á discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, se genética, se a partir da experiencia adquirida. Para si um talento nasce ou faz-se?

TF3: Eu acho que a tendência será sempre atribuir a ambas, e se calhar a questão será sempre puxá-la mais para um lado, ou será um cinzento mais escuro ou um cinzento mais claro. Eu penso que tem da haver sempre uma componente genética ou deverá haver uma componente genética. Eu inclino-me mais para o talento fazer-se, no entanto, acho que nunca se fará se não houver uma componente genética que o ajude, ou seja, eu acho que o talento constrói-se através das múltiplas experiencias que vivencia, de

preferência desde muito novos, e quando de experiências não falo apenas em futebolísticas, tem a ver com o património motor q o jovem adquire desde muito novo, mas eu acho que o talento depois trabalha-se e constrói-se, tem de haver uma componente genética, uma espécie de botão *power* para isso tudo, sem isso o processo não arranca, mas eu acho que é essencialmente uma construção, nem que seja uma auto-construção, ou seja, o jovem a brincar e a descobrir brincadeiras, a brincar consigo mesmo, e a desafiar-se a si mesmo e eu acho que tem muito a ver com isso, com o prazer que tem em brincar. Mais uma vez eu chamo outras modalidades a esta discussão, o basquetebol por exemplo, eu acho que não há nenhum talento de basquetebol que não tenha passado horas e horas a jogar sozinho, a lançar, a lançar, a lançar, a imaginar jogadas, a criar jogadas, a inventar adversários, a ultrapassá-los. Eu acho que é preciso uma grande componente de criatividade e de vida interior para se chegar a ser um talento, seja em que modalidade for. Isso é construído, isso constrói-se, mesmo mentalmente se constrói. Portanto, eu acredito mais na construção do que no talento nascer pura e simplesmente.

JC: Professor., tenho uma questão que faz referência à observação de jogadores. Não sei se o professor faz observação de jogadores para pudermos futuramente integrar as equipas da formação, mas quando realizamos esta observação que características devem ser tidas em consideração? Porque uma questão é você com os seus jogadores já os conhecer e perceber rapidamente a sua evolução ou não, outra questão é observarmos um jogador pela primeira vez em que temos poucas referências ou nenhuma dos seus padrões de funcionamento...

TF3: O processo de selecção e detecção de talentos, nomeadamente quando os jogadores estão nas outras equipas é extremamente difícil de se fazer, porque nós temos de fazer uma avaliação com base naquilo que vemos naquele momento, naquele instante, naquele jogo, e nada nos garante que se fossemos ver aquele jogador uma semana antes ou uma semana depois o desempenho dele não seria completamente diferente, porque nós sabemos que isso acontece e por isso é que nós aqui no clube nunca fazemos uma avaliação apenas com uma observação. A prospecção que é feita a jogadores obedece a determinados níveis, a vários níveis de observação, os treinadores são o terceiro nível, ou seja, quando um jogador chega a terceiro nível, já passou por um primeiro e segundo, e já passaram por avaliações positivas de outras pessoas, observadores, que avaliaram positivamente, porque se não nem sequer chegam ao terceiro nível, e o nosso não é sequer o último. Portanto, isto é um processo demorado e criterioso. Aquilo para o que nós olhamos antes do que quer que seja são questões de natureza táctico-técnica, que são aquelas que mais se evidenciam em situações de jogo, ou seja, nós estamos a fazer uma avaliação acima de tudo referenciada ao desempenho que o jogador está a ter no jogo, ao desempenho futebolístico nos diferentes momentos de jogo em organização ofensiva, em organização defensiva, em transição ofensiva, em transição defensiva, ou seja nós estamos a olhar e estamos a tentar perceber o que o jogador vale nos diferentes momentos do jogo, e não tenho dúvidas ao dizê-lo que este é o principal critério de selecção porque é muito difícil chegar aos outros, seria mais fácil, se como acontece por vezes, que é depois de identificar um jogador desses pedirmos para eles virem fazer uma ou duas semanas de trabalho connosco, e aí apercebemo-nos de coisas que naturalmente não nos apercebemos numa situação de jogo, e esta é a situação ideal, e conseguimos muitas vezes ter o jogador a trabalhar inseridos no clube e isso permite-nos ver outras coisa. É evidente, e ainda recentemente tive um caso desses, fui observar um jogador que

independentemente da avaliação que fiz dele em termos tático-técnicos, o jogador foi expulso de uma forma inusual, e o jogador demonstrou um descontrolo emocional total naquele jogo, e naturalmente que fiz questão de mencionar isso no relatório, ainda que não haja nenhum campo para avaliar essas questões, mas eu fiz questão de referir isso porque acho que é um elemento importante, um jogador com 15 anos que tem um comportamento daqueles, a não ser que esteja a passar por um momento muito difícil na sua vida, é um jogador por aquilo que me foi dado a ver lá está, numa observação, o jogador não reunia condições para vir a ser um jogador de elite. Ainda que falemos de jogadores que têm alguma margem como é óbvio, por exemplo, se fosse um jogador Sub 19 diria claramente que não tinha condições. É feito desta forma o nosso processo de selecção e identificação de talentos, com diferentes observadores, em distintos contextos, jogos em casa, jogos fora, ambientes mais adversos, ambientes mais facilitadores. Isto dá a entender que, ainda que as coisas não estejam tão bem explícitas, que as pessoas estão sensibilizadas para não nos focarmos só em questões tático-técnicas por um lado, e de perceber que o contexto é diferenciador do rendimento dos jogadores, ou pode ser um factor inibidor ou potenciador do rendimento do jogador, e por isso as observações diferenciadas.

JC: (assim sendo não estão considerados outros elementos para além da questão tática e técnica, mas estão sensibilizados para os identificar...)

TF3: A nossa sensibilidade enquanto treinadores auto – sensibiliza-nos para outras questões que também são relevantes e nós achamos que são relevantes, as quais nem sempre são fáceis de detectar em 70, 80 ou 90 minutos de jogo.

JC: Professor, de minha parte, a nossa discussão termina aqui, no entanto se tiver algo a acrescentar que possa clarificar ou solidificar algumas ideias tem o devido tempo para isso...

TF3: Não... apenas tinha aqui umas indicações do que poderá ser o trabalho do psicólogo, nomeadamente ao trabalho da concentração com os jogadores, eu detecto muitos problemas em muitos jogadores com muitas dificuldades de concentração, e muitas vezes aquilo que eu acabo por vir a descobrir é que na escola também são assim, não em todos os casos, mas também acontece. Um jogador que se desconcentre facilmente, que não revele essa consistência mental acho que compromete muito o seu desempenho. A questão da liderança por exemplo, acho que é um aspecto muito importante mais dentro do grupo do que ao nível individual, porque nem todos podem ser líderes, no sentido de serem aqueles que nos momentos mais difíceis que servem de exemplo para todos os outros. Há indivíduos a quem nós reconhecemos traços de liderança fortes, mas que não a sabem exercer por vezes de uma forma muito positiva para com o grupo, as vezes fazem as coisas de uma forma mais intuitiva naturalmente, mas de uma forma um bocadinho descontextualizada e descontrolada. Às vezes fazem-no mais até para reforçarem a sua posição do que propriamente para outra coisa e acho que isso é um processo que também pode ser bem orientado. A questão do controlo da ansiedade, nós temos jogadores que continuam a ter desempenhos muito diferenciados entre o treino e o jogo, e o contrario, jogadores que em treino não revelam aquilo que muitas vezes depois de positivo fazem no jogo. Preocupa-me mais os outros casos, jogadores que em treino mostram coisas, e dão-nos indicadores que depois não confirmam em jogo, e em alguns casos, tem a ver com isso, por bloquearem, por se deixarem levar pela complexidade ou pela

envolvência do jogo. Depois temos atletas que são tímidos, atletas que são muito acanhados. Tenho jogadores na minha equipa a quem eu reconheço um grande potencial, jogadores de selecção nacional e que não abrem a boca durante o jogo, e alguns deles jogam em posições em que o abrir a boca e o falar é decisivo, porque jogam em posições em que vêem o jogo todo de trás. Acho que a questão da comunicação também entronca na área psicológica, onde o vosso contributo também pode ser importante a esse nível. E depois a questão da preparação mental para o jogo, que em alguns casos é importante, há jogadores que eu sinto que têm muitos problemas, também tem a ver com concentração, mas concentração que tem a ver mais com antecipação, não sei se através de visualização, mas não conseguem antecipar e não estão preparados no início do jogo, parece que demoram demasiado tempo a entrarem no ritmo, na intensidade e naquela dinâmica de jogo. Portanto, são alguns exemplos que eu sinto da minha experiência em que os jogadores por vezes sentem necessidade, e a vossa acção pode ser muito importante e decisiva.

JC: Professor agradeço-lhe mais uma vez o seu pertinente contributo para a realização desta investigação.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 4, Treinador de formação do escalão Sub 17
a **12 de Outubro de 2010**, Tempo de duração da entrevista: 1h 55

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema complexificado . No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinadores, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 4 (TF4): Eu encaro este fenómeno como sempre o encarei, até pela forma como eu me iniciei na modalidade, penso que isso define o início de cada jovem no futebol, porque acho que é um fenómeno social, acho que está enraizado na nossa sociedade, onde 90% da população gosta e simpatiza com o futebol, “escolhe” um clube logo à nascença, e logo à partida tem isso tipo de influência familiar, e depois naturalmente com o seu desenvolvimento e crescimento, através dos amigos e família, o futebol pode assumir um papel importante na sua vida. Eu defendo que o futebol deve ser vivido com paixão, porque acho que é um desporto vivido com paixão, ainda mais sendo um desporto rei no nosso país. Acima de tudo deve ser vivido com gosto e prazer por quem o pratica. Eu falo pela minha experiência, comecei a jogar com 10 anos, mas hoje em dia temos crianças que começam com 4, 5 e 6 anos, e acho de facto que é aí que lhes desperta o interesse e a motivação para jogar futebol, e depois naturalmente partiremos para patamares superiores. Eu acho que o futebol basicamente e na sua essência deve ser vivido com essa paixão que deve alimentar todo o seu desenvolvimento e tudo aquilo que seja o aperfeiçoamento para quem se quer tornar profissional. O futebol em si é a interligação de várias

“ciências”, acima de tudo, de vários factores que todos integrados levam a que de facto um atleta possa ser um atleta considerado de elite, ou ser considerado um atleta perfeitamente normal. Para além de ser o desporto rei, como referi à pouco, o futebol cativa as pessoas pela forma como é vivido, e isso sempre foi algo que me levou a transcender em muitos momentos, nos quais eu nem pensaria ser possível atingir esse nível ou patamar, até pelas conquistas que obtive ao longo da minha carreira também, por tudo isto só posso dizer que o futebol deve ser vivido com paixão, essa é a minha ideia base, e a partir daí, é o meu alicerce para o trabalho que tento desenvolver no futuro, é isso que eu agora tento transmitir como treinador, independentemente no passado ter sido jogador, tento transmitir isso aos meus colegas. Mas é essa paixão que me alimenta, a qual me ajuda a transcender e a ultrapassar momentos difíceis e muitos momentos bons que eu tive, com os quais essa paixão foi glorificada.

JC: Nós ao exercermos a nossa profissão de psicólogos junto de escalões de formação, de que modo podemos contribuir para que o jogador seja capaz de atingir um nível de excelência? O Professor considera que poderia usufruir dessa prática na formação dos seus jogadores?

TF4: A minha perspectiva, e a minha experiência ao longo do tempo, foi que, essencialmente o jogador era um grande entravo à entrada da psicologia no futebol, até porque o próprio jogador sempre se acha superior a essas situações, e muitas das vezes é retraído, ou sente-se retraído em abordar essas questões até por uma perspectiva um pouco de grupo, o jogador sente-se um pouco inibido em falar das suas dificuldades em grupo. Depois individualmente já se solta mais, já se sente mais à vontade, se calhar até vai expor tudo aquilo que o preocupa e muitas das vezes o inibe de ter um rendimento dentro das expectativas que toda a gente pretende. Acho que a evolução da psicologia nos últimos 15 anos, desde que eu saí de um “semi-profissionalismo” para uma parte profissional mais intensa, mais exigente, acho que essa evolução foi brutal, até pela nova abertura e mentalidade dos jogadores que se calhar têm um pouco mais de formação, não digo que os anteriores não tivessem esse conhecimento, mas de facto tinham um pouco mais de limitação porque estudar, antigamente, para um jogador de futebol era muito complicado, era um nível de exigência muito alto para quem queria conjugar as coisas. Hoje em dia não, e penso que na nossa formação é uma regra, conjugar as coisas. Eu jogava futebol porque era a minha paixão, estudava, não era a minha paixão, não era uma obrigação mas era algo que eu sentia que era útil, e a minha família ao longo do tempo me fez ver que isso seria importante na minha vida. Sempre consegui conciliar as duas coisas e concluí ambas as fases. A minha abertura para com a psicologia do desporto é total, até porque eu acho que em muitos momentos eu tento ser o maior “psicólogo”, porque muitas das situações que se deparam num dia – a – dia de trabalho com o grupo de atletas que muitas das vezes são frágeis psicologicamente, porque se escudam na mais pequena desculpa para não desenvolver algo que é necessário e indispensável às suas capacidades e ao seu rendimento. Por isso mesmo recorro muitas das vezes a situações da psicologia para lhes fazer ver que têm tudo a ganhar e muito pouco a perder ao recorrer à psicologia e a ter este tipo de abordagem.

JC: (O Professor sente que os técnicos e jogadores só realçam o papel da psicologia, ou recorrem às áreas da psicologia, quando estão a ter um fraco rendimento?).

TF4: Sem dúvida. Estou completamente de acordo em relação a isso porque essa é a nossa forma de pensar, mas é uma forma de pensar geral, e digo isto porque a relação é exactamente igual às doenças, nós só quando estamos doentes é que corremos à medicina não fazemos nenhum tipo de prevenção, o meu termo de comparação é sempre esse. Eu sou defensor de uma velha máxima que tive de um treinador quando era mais jovem que dizia “nem quando ganhamos tudo está bem, nem quando perdemos tudo está mal”, e portanto a perfeição é difícil de atingir, já toda a gente o repetiu, mas eu acho que a persistência é o mais complicado de se ter no futebol, e no futebol de alta competição quando muitas das vezes há resultados e equipas que são de facto superiores às outras e que têm muitas vezes resultados fracamente positivos recorrentemente, todas as semanas, e que depois se têm duas semanas de fracasso ou insucesso, as leva a questionar tudo. Portanto isto é um questão de processo, é uma forma de pensar, é uma questão de mentalidade que está enraizada que nós demoraremos se calhar algumas décadas a desenraizar e a fazer com que as pessoas percebam que de facto se tivermos uma estrutura física forte, e principalmente a nível mental, nós poderemos suportar todo este tipo de situações que muitas das vezes nos são favoráveis, mas em muitas outras são desfavoráveis mas estamos preparados para isso.

JC: (por exemplo, quando falamos de jogadores de elite, e comparando-os com outros jogadores da mesma idade mas com uma qualidade inferior, eles já são muito bons, ou seja, poderemos encarar a psicologia por outra vertente, aquela que permite, ao jogador, potenciar as suas capacidades para ser cada vez melhor...e penso que esta perspectiva ainda não se “enraizou” no terreno... porque apostar apenas em fortes meios para apagar incêndios, quando também tenho a possibilidade de os combater antes de eles acenderem, por exemplo, limpando os terrenos?...penso que é esta mensagem que deve passar, trabalhar na antecipação!)

TF4: Concordo completamente!

JC: Professor, em campo, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas para cada posição assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-tecnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...Acha possível a construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado às diferentes posições ocupadas pelos diferentes jogadores em campo?

TF4: Individualmente, provavelmente, seria complicado fazermos este tipo de caracterização, mas não digo que num futuro próximo haver esse tipo de especificidade em relação a cada um dos posicionamentos em campo. Agora o que se faz, e é bom que as pessoas também tentem perceber que, nós dentro da estrutura temos especificamente delineado aquilo que deverão ser as características das mais diversas funções em campo, mas isso são as referências que nós temos, agora cada jogador, e eu não me canso de dizer isto, tem as suas próprias características, por isso muitas das vezes nós temos quatro jogadores para a mesma posição e todos eles são completamente diferentes. Portanto, nós temos ideias base, características base e situações que nós entendemos como sendo indispensáveis para o desempenho das suas funções. Agora, de facto uns deles vão exponenciar isso ao máximo e vão-se conseguir superar e ser muito melhores em todas essas funções, e outros se calhar vão ficar muito aquém. Portanto, se calhar a

parte da psicologia poderá ser muito importante, aqueles que de facto são bons poderão atingir patamares melhores e mais elevados, mas o mais importante será aqueles que estão mais aquém das exigências, e encararem essa dificuldade como algo que podem superar e podem fazer com que essa diferença se torne muito menor. Acho que acima de tudo tem de haver um pensamento colectivo muito forte, tem de haver uma estrutura mental forte e aí devemos tentar e preparar cada um dos atletas para aquilo que poderão ser as dificuldades. O nosso objectivo é fazê-los superarem-se, terem obrigatoriedade de pensarem por eles próprios, sabendo que as ideias base são aquelas, e eles têm a liberdade para poderem assumi-las, para poderem desempenhar aquilo que eles acham, porque a paixão deles tem de prevalecer em relação a todas as indicações e a toda a robotização que nós queiramos implementar, por isso mesmo cada atleta é um atleta, cada um pensa pela sua cabeça, e às vezes surpreendem-nos pela positiva, outras vezes decepcionam-nos mas isto é a nossa vida e passa a ser aquilo que eu acho mais atractivo nesta actividade. Agora, deveremos aprofundar o conhecimento específico e próprio de cada atleta, daí termos um departamento específico para guarda-redes, temos um departamento próprio que trabalhar com os defesas, médios e avançados especificamente, porquê? Porque cada posição, apesar do futebol ser um jogo colectivo, cada posição tem a sua especificidade própria, é evidente, daí termos de fazer um trabalho próprio para cada uma das várias posições dentro da globalidade do que é o futebol, e do conjunto e do colectivo que tem de ser o jogo de futebol. acho que isso é algo que vamos continuar a explorar, e penso que não há fórmulas mágicas, mas há fórmulas que nos permitem de facto aproximar mais daquilo que nós pretendemos, agora que é um trabalho árduo é, e não há conjunto nem grupo de jogadores iguais e se calhar de um ano para o outro há uma alteração radical, aquilo que desenvolvemos para uma dada idade, no ano seguinte para o mesmo escalão já não tem nada a ver, temos de trabalhar e procurar soluções de outra forma para os fazer perceber exactamente isto que nós pretendemos, que de facto o colectivo vai ter de prevalecer sempre, sendo que o desempenho individual de cada um deles vai ser importantíssimo e fundamental para o desempenho colectivo.

JC: (um exemplo desta questão que estamos a discutir, as diferenças dos jogadores, será verificarmos que num mesmo jogo, se um treinador pretende, e corrija-me se estiver incorrecta, um jogo mais circulado poderá utilizar um médio centro adaptado a essa necessidade do jogo, se por sua vez pretende um jogo mais rápido, com maior velocidade, substitui para a mesma posição um jogador que melhor se adapte a essa condição de jogo...ou seja...até mesmo as substituições da própria equipa concedem um contexto de jogo e uma identidade colectiva distinta, apesar da situação competitiva ser a mesma...)

TF4: Eu acho que o trabalho que para mim me dá mais gozo e que me cativa mais no futebol, é fazer com que o jogador entenda como é que deve interpretar o jogo, o próprio jogo diz-lhe tudo o que pretende. Eu não gosto muito de estar no banco e ter de estar ao gritos, eu acho que o próprio jogador tem a sua própria autonomia para saber mediante aqueles ensinamentos que lhe foram transmitidos, aquilo que é o funcionamento da própria equipa e aquilo que o próprio jogo lhe está a dar, saber de que forma ele poderá interpretar e tirar partido daquilo que o jogo lhe está a dar. Acho que realmente esse é o nosso verdadeiro trabalho, e muitas das vezes na formação surgem algumas decepções porque existem jogadores que têm muitas capacidades físicas e técnicas, mas depois a nível mental e de interpretação do jogo ficam muito

aquém daquilo que nós pretendemos. Portanto, daí nós fazermos avaliações de um atleta que muitas das vezes tem 11 / 12 anos e nós reconhecemos um potencial tremendo, mas depois o próprio desenvolvimento do jogo em si e o próprio desenvolvimento das suas capacidades, ficam aquém ou às vezes superam-se. O nosso trabalho, naturalmente, vai ser mais incisivo naqueles que vemos que têm potencial e que querem, e querem não é a vontade deles, mas a própria forma em si de eles trabalharem e de se desenvolverem levou a que nós víssemos que eles vão ser muito melhores que os outros, e daí não vamos excluir os outros logicamente, mas vamos dar um pouco mais de atenção aqueles que nós vemos que têm um potencial muito mais definido.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite? Considera-se um pilar primordial na formação desportiva dos seus jogadores?

TF4: Eu acho que o pilar, e continuo sempre a defender que, o verdadeiro pilar são os pais, eles têm de ser para nós o alicerce base, porque os pais dando uma boa educação mais facilmente nós vamos ter a receptividade por parte dos atletas. É lógico que uma figura como eu, quando chegou para treinar os Sub 17, sou uma figura respeitada, o meu currículo permitiu que eles vissem em mim alguém respeitável, respeitável porque eu os vou respeitar. Logicamente, a minha função aqui é fazer um complemento de educação e dar-lhes a forma como eles muitas das vezes não esperariam que eu lhe desse, pensavam que eu era um pessoa distante e eu não sou, sou uma pessoa extremamente interactiva, gosto muito de conhecer e saber quais são as vivências deles, familiares, escolares, tudo isso me permite ter um relacionamento mais próximo, e eu ao estudá-los, permite-me saber como estar perante eles ao conhecê-los em outros contextos. Depois o ensino da modalidade de futebol é o que é mais fácil para mim porquê? Porque vão para o treino naquela 1h30m e só querem aprender e estão disponíveis para tudo, depois o resto que vem a seguir, que será ir para a escola, o estudar é extremamente importante. Nesta idade, 16 / 17 anos todos eles alimentam o sonho de serem jogadores profissionais, de estarem nas selecções, de ter um contrato de formação, mas de facto os que se conseguem manter são aqueles que construíram a sua formação baseada nos parâmetros da nossa estrutura e conseguiram por muitas vezes superar o que lhes era exigido, sendo cada vez melhores. É um trabalho árduo, mas é como eu disse no início, é um trabalho que a paixão leva a que no final eu me despeça deles de modo comovido por tudo aquilo que foi vivido, por tudo o que foi alcançado, para mim é um trabalho muito rico ao nível das relações humanas. A mensagem que fica para eles é que lhes agradeço todos os momentos de aprendizagem que me proporcionaram, e ter tido a oportunidade de ter também, de algum modo, contribuído para a sua formação. Isso sim para mim é que foi rico, não só pelo facto de serem campeões, mas pelo trabalho que desenvolveram de modo árduo e exigente, querendo ser sempre melhores no dia – a – dia que os levaram a superar as dificuldades.

JC: Para além da importância dos treinadores muito bem realçada por si, na formação de jogadores, considera que poderão existir outros contextos primordiais ou agentes formativos no alcance de performances de elite?

TF4: Sim os pais assumem um papel de extrema importância, e com o crescimento dos filhos muitas das vezes, podem perder o relacionamento com eles, se este não for preconizado de modo harmonioso, podendo perder até o estatuto da figura de autoridade como normalmente é atribuída à figura paterna ou até materna. Por exemplo, tenho pena de ouvir alguns pais dizerem-me para eu falar com o filho porque o filho já não os ouve. A mim esta situação entristece-me, porque o respeito pela figura dos pais é algo inquestionável, sabendo também que não existem pais perfeitos, e que têm os seus problemas, muitas vezes divorciados em que o conciliar da educação dos filhos pode-se tornar algo mais complicado no dia – a – dia. Para mim, a figura dos pais deve prevalecer em todo este processo e ser a mais importante, e os jogadores reconhecerem isso, não é só reconhecerem o futebol como a sua paixão e ser o mais importante de tudo, e depois independentemente do que os pais lhes digam, eles não aceitem, eu não concordo. Por exemplo, quando os problemas surgem na escola ou em outros contextos, eu chamo atenção admitindo por vezes a proibição da entrada no balneário se os comportamentos se voltarem a repetir. Infelizmente, hoje vivemos uma realidade que todos os pais querem que os filhos sejam os Cristianos Ronaldo, e isso condiciona muito o processo de educação, distorcendo um pouco aquilo que é a verdadeira paixão dos filhos, por vezes impondo um nível de exigência exagerado e inadequado às verdadeiras competências dos filhos. Os filhos poderão não ser excelentes profissionais, mas se calhar vão ser excelentes engenheiros ou arquitectos ou até mesmo médicos fantásticos, mas muitas das vezes os pais condicionam o futuro dos filhos àquilo que são as suas próprias expectativas e ao que gostariam que acontecesse ao filhos. Nós idealizamos o melhor para os nossos filhos, mas depois eles têm de seguir o seu próprio trilhar com base na educação que nós lhes damos, e muitas vezes os pais invertem estes princípios e condicionam a educação do filho e o próprio desenvolvimento, quer a nível familiar, quer ao nível escolar, e naturalmente ao nível futebolístico.

JC: Que tipo de preocupações, nos distintos domínios, o Professor tem ou, o próprio escalão de Sub 17 concerne?

TF4: É uma idade extremamente complicada exactamente por tudo o que estamos a falar. Porque é uma altura em que eles querem assumir a sua própria personalidade, já querem ter o seu poder de decisão, já questionam os pais e até os treinadores. A nível físico, já deram o salto pubertário que normalmente ocorre entre os 15 /16 anos, é a idade que lhes permite estarem no limiar do adulto, e por isso mesmo todos esses factores conjugados levam a que a idade em causa seja bastante específica e necessita de algum cuidado de análise. Se houver atletas que tenham um acompanhamento bastante intenso por parte dos pais, e quando as questões surgem para as quais não têm resposta, eles conseguem ultrapassar mais facilmente estas dificuldades. Por exemplo, os atletas que estão institucionalizados desenvolvem estas de relação de proximidade com os técnicos e com os outros jogadores, devido à distância a que estão dos pais, no entanto não deixa de ser fora do ambiente familiar. Mas eu acho que tenho o meu trabalho facilitado, porque tenho um grupo muito solidário, muito preocupado entre eles. Eu também fiz a minha parte, realizei uma intervenção individualizada antes de iniciarmos o trabalho antes de iniciarmos os trabalhos colectivos, e vi logo que o relacionamento era forte, porque já andavam juntos alguns anos, temos atletas que já estão cá desde os 7 anos, e portanto, à medida que vão chegando novos elementos, vão sendo acolhidos na família. Se nós queremos que eles sejam atletas de alto rendimento, de elite,

temos de permitir uma formação condigna. O suporte, fundamentalmente, dos pais, do treinador e principalmente pelos colegas de equipa e até do treinador torna-se fundamental e mais fácil o alcance de bons rendimentos.

JC: Professor, convidava-o agora a focar a nossa discussão em questões de excelência desportiva. E para começarmos esta reflexão, iríamos nos centrar no início da questão, a definição do conceito, como caracteriza um talento desportivo? Como o define?

TF4: Esta resposta é aquela que eu gosto de dar diversos exemplos, e dou o meu caso concreto, eu sempre me considerei um jogador normal, banal, que era extremamente exigente porque sabia das minhas limitações, sabia que tinha muitas limitações, e por isso mesmo só me transcendendo e trabalhando arduamente diariamente é que sabia que podia superar e atingir um nível que muitos outros quase sem trabalho o tinham, mas atingi um nível elevado, eu tenho um orgulho enorme na minha carreira. Sempre disse que era um jogador médio que tinha uma capacidade mental extraordinária, era um resistente, um lutador nato que me levou sempre a acreditar que era possível, fui sempre atrás daquilo que era a minha paixão, e se ela me permitiu jogar na alta competição, se me permitiu atingir níveis elevados, e provar aquilo que eu gostei imenso que foi conquistar títulos e ganhar, foi aí que eu vi que o trabalho para mim não tinha dias, era mesmo todos os dias, de manhã, à tarde e à noite, era o que fosse necessário, e este é um dos exemplos. Eu acho que certas características já nascem connosco, é a genética, mas depois podem ser muito potenciadas ou não. Eu acho que podem perfeitamente serem exploradas e potenciadas, agora, que muitos deles que conheci e com quem joguei, para além de tudo eram excelentes profissionais porque sabiam quais as suas capacidades e sabiam muito bem aquilo que queriam, e eu a esses atletas tirava-lhes o chapéu, porque são o protótipo do que é um atleta de alta competição. É um atleta que tem determinadas características que sabe que são fortes e potencia-as, sabe que tem determinados defeitos, porque todos os atletas têm as suas limitações, por vezes tentava disfarçá-las e tentavam camuflar essas dificuldades que tinham, mas trabalhavam bem e eram extremamente competitivos. Penso que um atleta extremamente competitivo, com uma excelente qualidade e, acima de tudo com uma percepção do que é o jogo e tendo uma noção exacta daquilo que podem ser os seus objectivos, eu acho que isto torna um atleta de alta competição fantástico e faz com que qualquer equipa o queira ter. Já vi dezenas, e não vou dizer nomes porque acho que esse não é o objectivo, mas já vi dezenas de exemplos de atletas que aos 18 anos tinham vidas principescas, contratos milionários, cláusulas de rescisão brutais, e neste momento nem na 2ª Divisão B jogam. E nós podemos e devemos prevenir este tipo de casos, e aí a psicologia assume também um papel importantíssimo.

JC: Especificamente no seu escalão de Sub 17, como poderemos distinguir estes talentos dos demais? Que características evidenciam?

TF4: Há um atleta que para mim é extraordinário, porque aquilo que eu pensava dele e para ele, ele surpreendia-me sempre pela positiva. É um atleta excelente profissional, óptimo aluno, muito bem educado, tem uma percepção de jogo como poucos. Em termos físicos é muito inferior aos outros, mas ele superava-as com a qualidade técnica que tinha, agora, naturalmente, em outros escalões e quando chegar a sénior a dificuldade será outra, mas surpreendeu-me porque de facto teve a capacidade para tornear,

teve a inteligência suficiente para tornar o que seriam as grandes dificuldades dele naquele escalão. Depois temos 3 ou 4 elementos, que lhe reconhecemos potencial quer físico, quer técnico, e não conseguiam atingir um patamar mais elevado porque o nível mental deles não lhes permitia ter esse nível de exigência para com eles próprios e ao mesmo tempo torná-los competitivos o suficiente. Eles sabiam que de facto eram melhores que os outros colegas que estavam a trabalhar na mesma posição deles, agora aquilo que eles transponham para o campo em competição era muitas das vezes aquém daquilo que nós perspectivávamos e daquilo que esperávamos deles para o desenvolvimento deles.

JC: Professor, gostava que apresente-se a sua opinião quanto á discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, se genética, se a partir da experiencia adquirida. Para si um talento nasce ou faz-se?

TF4: Não acho que só pela experiência adquirida que se vai tornar um atleta de elite, vamos tomar um caso concreto, como por exemplo, o Cristiano Ronaldo. Acho que é inato nele, aquilo são as características que ele tinha geneticamente, que depois foram desenvolvidas e potenciadas, e acho que ainda podem ser ainda mais. Mais uma vez falo na minha experiência própria, e recordo-me de colegas nas camadas jovens, que não tinha essas características inatas, onde o único meio para atingir um bom desempenho foi sem dúvida o próprio trabalho, o qual encurtou a distância mas nunca permitiu que eles fossem como os outros que já nascem com algo. Agora de modo resumido, penso que é a conjugação dos dois factores, acho que a própria genética faz com que a gente nasça com dadas características, que depois naturalmente com a experiência podem ser potenciadas e com o trabalho desenvolvidas, e assim atingirem-se patamares mais elevados, não de perfeição, mas um nível elevado de qualidade.

JC: Professor,, tenho uma questão que faz referência à observação de jogadores. Quando realizamos este tipo observação que características, dos diferentes domínios, devem ser tidas em consideração?

TF4: Apesar de quando nós fazemos um observação, fazemos duas ou três vezes para o mesmo jogador em jogos diferentes, a avaliação que fazemos pressupõe uma avaliação física, técnica, tática e mental. Física, técnica e tática facilmente nós conseguimos depreender do próprio jogo, mental, por determinado tipo de comportamentos que têm em campo, eu pelo menos sinto, se é um jogador competitivo ou não, se é um jogador que se não o estimularmos vai-se acomodar, se é um atleta que com bola é capaz de fazer maravilhas, mas sem bola não se preocupa com a equipa, e penso que tudo isto pode definir um pouco as capacidades mentais de um atleta. E isso aí acho que em dois ou três jogos são facilmente perceptíveis. Agora, há atletas que dentro do campo são uns monstros e cá fora são uns cordeirinhos, têm personalidades completamente distintas, dentro do campo transcendem-se porque ali é o mundo deles. Eu tive montes de exemplos que dizia que não eram as mesmas pessoas dentro e fora de campo, e eu próprio também era assim, eu cá fora sou muito calmo, e dentro do campo muitas vezes exteriorizava tudo, porque era o meu mundo, a minha paixão, era aquilo que eu vivia e vibrava completamente. Esse tipo de avaliações podem ser feitas, agora a parte que eu considero mais complicada é de facto a parte mental, porque é bom termos atletas com bom funcionamento em competição, mas também ao nível do grupo em outros contextos, e muitas vezes só depois de o jogador estar contratado é que nós vamos ver como ele é.

Acho que se consegue fazer uma boa avaliação inicial, sendo a minha avaliação essencialmente física, técnica e tática, mental só por alguns comportamentos evidenciados pelos atletas ao longo do jogo, e esta é a minha base de avaliação. Procuramos jogadores que vêm para cá ajudar que é mais um, não é “o jogador”.

JC: Professor, há pouco, quando falamos na formação dos jogadores não mencionou qual a idade aconselhável para iniciar a prática da modalidade. Qual será na sua opinião?

TF4: Eu acho que o futebol nessas idades, 4 / 5 e 6 anos, é de facto para brincar, desenvolvendo a paixão na liberdade do jogo, não é nós treinadores estarmos ali a condicionar “tens que ir para a frente...tens de ir para trás...agora tens de fechar...agora tens de fazer compensação”, nestas idades não faz sentido nenhum. Este é momento certo para eles desenvolverem competências técnicas, o passe, os apoios, tudo isso que é importante que no futuro para eles vai ser um complemento fundamental para tudo o que seja desenvolvimento técnico e tático. Não sou nada contra eles iniciarem nessas idades, onde eles têm oportunidade de aprender a brincar. Agora a partir de uma idade que eles começam a ter uma percepção diferente do jogo 11 /12 anos, é altura onde eles começam a ter um pouco mais de conhecimentos, já estão muito mais receptivos àquilo que nós lhes dizemos, porque atrás já superaram aquilo que é o entusiasmo do jogo. E eles vão dando indicações daquilo que necessitam e do que nós lhes podemos dar, e aí vem a nossa percepção das coisas. Há crianças com 11 anos que se calhar não conseguem ter essa percepção, e outras na mesma idade já nos estão a pedir algo mais, daí tentamos dentro da nossa estrutura, que os atletas que evidenciem já uma considerável evolução comparativamente com os da mesma idade, treinem e joguem num escalão a seguir, alimentando a exigência nestes jogadores e motivando-os para eles serem cada vez melhores. Mas, se virmos que ele está a reagir mal regressa à base, e volta ao seu circuito normal. Não digo desenvolver acção tácticas aprofundadas, aos 11 e 12 anos, mas sim terem a noção da disposição em campo, conhecerem o posicionamento dos atletas, ou seja, dar-lhes umas noções gerais e depois, a partir daí, ir complexificando. Há alguns que iniciaram aos 4 e 5 anos e já desenvolveram aptidões e aquela parte de brincadeira, técnica e tática e tudo mais, e para eles aos 10 anos já não é novidade e já nos pedem muito mais, os outros que começam a jogar mais tarde, para eles o interesse é passar bem se calhar, começam a ter a percepção muito mais tarde.

JC: Esse início da prática em idades mais jovens, poderá predizer mais facilmente o alcance da performance de elite?

TF4: Eu nessas idades consigo perceber quem tem mais jeito e mais potencial, agora dizer que ele irá ser, não, nós temos sempre potenciais agora torná-los realidade, só o desenvolvimento do trabalho e a receptividade que criança vai ter, é que podem predizer isso. Mas por exemplo, poderá não ser predictor, porquê? Porque temos casos, por exemplo, o Liedson, começou a jogar aos 17 anos e trabalhava, e não teve aquelas noções técnico-tácticas iniciais, e tem uma percepção de jogo fantástica. Há aqui algumas coisas que por mais que queiramos procurar a lógica das coisas, não vamos conseguir explicar. E é isto o futebol, e é por isto que é tão apaixonante e tão interessante.

JC: Professor, de minha parte, a nossa discussão termina aqui, no entanto se tiver algo a acrescentar que possa clarificar ou solidificar algumas ideias tem o devido tempo para isso...

TF4: ok!

JC: Professor agradeço-lhe mais uma vez o seu pertinente contributo para a realização desta investigação.

Anexo 7. Entrevistas dos Treinadores do Grupo Não-Elite

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 8, Treinador de formação do escalão Sub 14 a 14 de Outubro de 2010, Tempo duração da entrevista: 50 min

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-socio-desportivo complexo. No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinador, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 8 (TF8): Eu acho que iríamos mais pela primeira afirmação como sendo um sistema psico-socio-desportivo complexo, porque é um âmbito difícil de compreender, é um âmbito que engloba 22 jogadores, mas esses 22 jogadores consoante a forma de pensar de cada treinador, têm uma forma de agir, e essa acção tem de ser focada e direccionada para um todo que é o grupo, ou seja, tem que pôr o chamado modelo de jogo em acção, pondo o grupo a pensar de uma certa maneira. Além disso é um desporto que engloba massas, e ao englobar massas, vai englobar economicamente, envolvendo também o marketing, patrocínios. Move também a população, logo aí existe uma grande afluência, onde poderemos afirmar que a seguir aos Jogos Olímpicos, o Campeonato do Mundo é o evento mais presenciável pelos indivíduos. Como é um âmbito vastíssimo, move curiosidade, ao mover curiosidade engloba o porquê de ser assim, o como gerir um grupo, o como colocar um grupo a funcionar da forma como funciona, ou o treinador pôr os jogadores a pensar da forma que ele pensa, o porquê da equipa A conseguir um contexto de sucesso comparativamente com a equipa B, sendo o mesmo numero de jogadores, existirão outros factores de qualidade que diferenciem rendimentos. Por isso, penso eu, que é um contexto muito complexo, porque é de facto de difícil percepção e compreensão.

JC: Neste momento assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma importância (a mesma mediatização) ás diferentes modalidades. O que torna o futebol como um fenómeno tão especial?

TF8: É um fenómeno que em vez de mexer tostões move milhões. É lógico que vende muito mais e tem muito mais assistência um jogo de futebol na televisão do que um jogo de hóquei em patins. Neste contexto vimos cada vez mais o futebol a subsistir à frente das restantes modalidades. Por exemplo, foi criado o canal *Sport TV* para o futebol e não para o desporto, toda a sua programação é no geral, programas que fazem referência ao futebol. Se formos para outros países europeus a cultura não é tão futebolística como é por exemplo em Portugal, em Inglaterra, em Espanha, e depois depende de outros factores, por exemplo, quando recebemos o Euro 2004, a partir daí notou-se uma maior predisposição para a proximidade à modalidade. Na minha opinião existem vários factores que convergem para esse fenómeno, mas hoje em dia a comunicação social é o fio condutor. Por exemplo, Portugal pode ser campeão do Mundo em hóquei em patins, mas se um clube da 1ª Liga for campeão nacional, a primeira página dos jornais é da 1ª Liga e não da Nação, por assim dizer.

JC: **Em campo, sabemos que para cada posição, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas assentes num modelo de jogo minimamente definido e estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-técnicas, mas sim saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...**

TF8: Depende do contexto em que vamos abordar a questão. Falou de competências técnicas, tácticas, físicas e psicológicas, no meu contexto de análise, um atleta deverá ter estas quatro componentes, porque um atleta pode ser bom ao nível técnico, pode ser bom a nível táctico, pode ser bom a nível físico, mas pode em termos psicológicos ter pouca confiança, pouco espírito de sacrifício, com problemas de ansiedade, com problemas de insegurança. Um bom atleta deverá englobar estas quatro componentes. É lógico, que se calhar para uma posição específica, poderá corresponder competências mais específicas, ajudando-o mais naquela posição, por exemplo, um médio centro tem de ser tecnicamente mais evoluído em detrimento de um defesa. Ninguém quer ter um atleta que não consiga conjugar estas diferentes componentes, sendo o psicológico também fundamental, pois se não estamos bem connosco próprios não vamos estar dispostos para praticar, ou para realizar o que melhor se pede.

JC: **Na sua opinião quais os contributos que a psicologia do desporto poderá fornecer de modo a propiciar uma formação de excelência nos seus jovens jogadores?**

TF8: Muitas vezes nós somos tanto treinadores, e não digo psicólogo, mas temos de ser amigos deles, temos de os saber ouvir, temos de saber compreender como por exemplo, em dias fazer uma dada acção e no dia seguinte não fazer. Há situações que ocorrem ao nível do quotidiano que nos leva a alterar o nosso estado psicológico, hoje poderemos estar com uma maior alegria ou predisposição para praticar aquela actividade, e amanhã pode não acontecer, e cabe ao treinador distinguir esses momentos, apesar de ter dadas características hoje elas podem não aparecer, pode estar mais desmotivado, ou não estar tão predisposto, ou teve uma semana mais complicada, também deveremos compreender, antes demais compreender o atleta. Por exemplo, num exercício pode estar impresso uma situação que treine essas características psicológicas, de algum incentivo ou de premiar uma situação.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF8: A minha primeira função é ser pedagógico perante eles, eles verem o futebol como uma aprendizagem, nunca pondo de parte todas as outras características que o futebol tem, de que ninguém gosta de perder, ninguém gosta de sofrer golos, nenhum treinador gosta de dar uma ordem e eles não a cumpram ou façam algo diferente ao que foi dito. É lógico que as nossas ideias devem ser conjugáveis com as características deles. A importância que eu tenho, é isso, ser pedagógico de forma a criar e formar um jogador completo, onde quero chegar com o completo é, a nível das quatro componentes que nós já falamos, mas também formar o homem, e o homem relaciona-se em ser ético, ter *fair-play*, ser cordial para com as outras pessoas, saber estar, por exemplo, às vezes temos jogos em que o árbitro tem uma decisão contrária ao que nós defendemos, mas a decisão está tomada não adianta estar ali a discutir, ou seja, tem que haver um equilíbrio e às vezes é mais importante o cumprimento de uma situação dessas.

JC: (Por vezes esse comportamento cordial, que refere, é solicitado e exigido aos jogadores, o qual por vezes é quebrado pela acção do treinador, será o lema “olha para o que eu digo, não olhes para aquilo que eu faço?”)

TF8: Isso poderá acontecer, e acontece muitas vezes, e até às pessoas mais cordiais acontece. Há momentos de saturação e essa saturação deve-se ao facto, talvez de um acumular de situações. Podem haver dois pontos de vista, ou as coisas não estão a correr como o grupo deseja, ou por um acumular de situações similares que conduz a essa saturação. Por exemplo, quando surge uma discussão com a equipa de arbitragem, cabe muito mais o treinador ou ao dirigente assumir essa posição do que aos jogadores. Eu não posso pedir a um jogador para não discutir com o árbitro, quando eu estou no banco a gesticular constantemente, é lógico que isso não deve ser uma norma, mas existem momentos em que poderá ser necessário. Há formas de protesto, e há formas de insulto e discussão.

JC: Considera que poderão existir, outros contextos primordiais no alcance dessas performance de elite como a família, outros agentes desportivos (dirigentes, árbitros, médicos, colegas de equipa...)...todas essas pessoas que interagem com a formação do jogador poderão contribuir para o alcance de performances de alto nível?

TF8: Podemos ver de duas formas, a importância dos agentes desportivos num contexto a nível de formação, mas formação essa com dificuldades, e a nível de formação ao nível da elite. Temos dois mundos e duas realidades diferentes. A primeira realidade muitas vezes precisa do treinador amador, porque gosta e porque gosta dos miúdos, e a segunda realidade, muitas vezes é profissional que além do treinador estar lá por gosto, está lá porque é remunerado e está num contexto que se formou para isso. Aqui existe logo uma intervenção diferente do agente desportivo, o treinador. Por exemplo, o treinador amador poderá muitas vezes reconhecer mais facilmente estas competências psicológicas, porque o profissional está contratado para dadas funções e possivelmente tem outros elementos que ajudam a sua função, como um psicólogo. A família, no sistema amador, são uma peça fundamental, trazem os miúdos, levam os miúdos, ajudam no possível a nível de material, e muitas vezes ao ajudarem, pensam que isso

lhes dá autoridade para chegar ao ponto de que não já intervenção deles. No profissional já não acontecerá tanto isto, penso que eles não irão discutir, porque para os pais o jogador está no topo, e muitos dos pais de hoje em dia querem que os filhos de tornem Cristiano Ronaldo. No nível de elite, penso que os pais não questionam regras, porque sabem que o filho deles está ali, mas amanhã poderá sair e entra um jogador igual ou até melhor que o filho.

JC: (de acordo com essa ordem de ideias, eles ajudam e promovem a formação do jogador, ou por outro lado levantam imensas barreiras?)

TF8: Levantam imensas barreiras, imensas barreiras, como experiência própria. Os pais não deveriam ter acesso ao local dos treinos. Não é apenas o meu trabalho em si que é questionado, é tudo que está à volta. Por exemplo, se houver um pai de um miúdo que o coloque no *ballet*, ele não questiona o professor de *ballet*, porque nem se quer sabe o nome dos movimentos, nem questiona a técnica. Agora no futebol, se ele vê o filho a fazer um remate e o treinador não dá feedback, ou se por um lado dá um feedback contrário aquilo que o pai acha correcto questiona logo o trabalho. Porque o pouco que ele vê na televisão dá-lhe a sensação que percebe dando-se no poder de opinar.

JC: (Para além da importância que referiu do papel do treinador e dos pais na formação do jovem jogador, os outros agentes desportivos poderão também de alguma forma condicionar a formação do jogador, como sendo árbitros, enfermeiros, dirigentes...?)

TF8: São importantes e são fundamentais, são fundamentais. Sem um corpo clínico estruturado, o trabalho poderá estar em perigo. O treinador é o rosto visível de todo o trabalho que existe por de trás. É lógico que existem muitos clubes em que os treinadores fazem mil uma funções. Mas o treinador é o rosto visível do trabalho realizado, e é lógico que mais depressa apontam o dedo a ele do que se aponta a algum outro elemento do corpo clínico. Neste corpo clínico incluímos os adjuntos, os enfermeiros, os psicólogos, mas infelizmente nem todos os clubes têm possibilidade para isso, como por exemplo também, para nutricionistas, com treinadores vocacionados so para a especialização da técnica e da tática.

JC: Professor, falemos agora da questão dos talentos no desporto. Para si como define este conceito de talento desportivo?

TF8: O que é para mim um talento? É uma pessoa que realiza a actividade para a qual está direccionada, com a melhor competência possível. Neste contexto do futebol, é aquela que realiza a modalidade em si e que tem um contributo fundamental no contexto de jogo que lhe permite evidenciar-se junto dos restantes colegas, ou em momentos fundamentais mostra a qualidade e o talento que tem.

JC: Professor, actualmente treina o escalão de Sub 14, quais são as características que o escalão evidencia as quais permitem distinguir os melhores jogadores daqueles que ainda apresentam bastantes dificuldades?

TF8: O que os diferencia? Os anos de prática, a capacidade de análise do jogo, a velocidade de reacção de jogo, qualidade técnica e tática. Cada jogador tem as suas características umas evidenciam-se mais

que outras. A qualidade não é só o jogador pegar na bola e fintar toda a gente, ele tem de saber em que direcção deve fintar, o porquê dessa decisão, se fosse só o nível técnico, ele andava para trás e para a frente a fintar, mas não, ele finta sempre com um objectivo, por exemplo do golo, já aí é tático, e se ele parte para cima de um jogador tem confiança, não é inseguro, isso já é psicológico, se for rápido já é físico ou seja, é um englobar de características que lhe permitem evidenciar-se dos demais, dos jogadores que estão menos aptos para a modalidade em si.

JC: (em termos dessa diferenciação é capaz de especificar competências psíquicas que diferenciam os seus jogadores, lá está, uma vez mais os mais aptos, e os menos aptos...)

TF8: Lá está, isso é difícil no contexto em que eu estou. Eu estou a treinar uma equipa primeiro ano Sub 14, que joga contra atletas Sub 15, ou seja, é um contexto em que se nota bastante quando se joga contra atletas da mesma idade, ou mais velhos, e isso evidencia-se porquê? Porque a nível morfológico, anatómico, essas divergências e essas alterações notam-se a olho nu, e ao notar-se a olho nu, e por mais confiante que ele seja, um homem de 1,70m mete mais respeito do que um homem de 1,50m. a nível psicológico acredito que a minha equipa seja forte, mas amanhã será mais forte porque estão a crescer num contexto exigente.

JC: Na sua opinião, qual é a idade aconselhável para o início da prática da modalidade de futebol?

TF8: Iniciar a prática desportiva quanto mais cedo melhor, não digo apenas direccionada para o futebol, e o mais cedo...eles começam a caminhar aos dois (risos), por exemplo, o simples caminhar é uma actividade que eles fazem, é uma actividade física que eles aprenderam, e mesmo num contexto de não caminhar, um miúdo já tem a noção de pegar num objecto e brincar com ele ou atirá-lo, ou seja, ele já realiza a sua própria actividade. Falamos em idades de 3, 4 anos, em que devem ter algum contacto com o desporto, e quando digo desporto, englobo as diferentes modalidades. Em contexto federado, pela experiencia que eu tenho, 8 anos, mas num contexto diferente.

JC: Existem crianças que aos 5 / 6 anos já estão a iniciar a prática da modalidade de futebol. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar o top?

TF8: Depende da forma como for visto, depende da forma como for encarado, toda a gente vai para um jogo e ninguém quer perder, logo aí já estamos a especializar o miúdo e a inculcar um caminho de vitória e especialização, e que do outro lado também estão atletas que querem vencer. Por mais amador que um clube seja, ninguém chega a um jogo e diz “hoje vocês vão-se divertir, vamos perder e vamos embora todos contentes”, isso não acontece, nem que seja uma equipa que só tenha derrotas ao longo do ano no campeonato, entra sempre em campo para um dia atingir a primeira vitória. Digo 8 anos, porque é uma idade que eles já começam a perceber que jogam futebol e não á bola. Enquanto nos miúdos de 4 anos só pensa em ter a bola para ele, não pensa partilhar com os colegas, nos 7 e 8 anos já existe a noção da existência dos companheiros, se não existe companheiros, existe ele e mais alguém e já começa a ser possível trabalhar algo.

JC: Professor, o nosso estudo tem focado também especial atenção á questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática será só por si suficiente?

TF8: Na minha maneira de ver, a prática deliberada não pára nos 10 anos, um jogador com 10 anos de prática é talento, mas se não continuar a praticar ele deixa de ser talento. Todo o talento aparece quando existe a oportunidade, ou seja, se nós temos jogadores que não têm oportunidade, ele nunca há-se ser realçado. Existe muito mais para além da quantificação dos anos de prática, por exemplo, o número de horas que ele disponibilizou, o número de minutos e segundos que ele predispôs para praticar a modalidade, vendo desse prisma, é lógico que lhe permitiu atingir um talento de qualidade de jogo, de qualidade técnica e todas aquelas competências de que falamos antes, mas que por si só não chega. Um talento neste clube, não é um talento como no Porto, Benfica ou Sporting, um talento num clube pequeno, se tivesse as mesmas oportunidades comparativamente com os talentos dos clubes de elite, o seu talento poderia ser duas vezes ou três vezes mais.

JC: Professor, a discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, genética ou através da experiência adquirida, tem gerado opiniões distintas entre a comunidade científica. Para si, na sua opinião, um talento nasce ou faz-se?

TF8: Um talento faz-se. Pode um miúdo estar mais predisposto devido a uma educação que teve devido a uma maior variabilidade de experiências a todos os níveis. Agora, não nasce, porque se nascesse... toda a gente era jogador de futebol, ou seja, não era toda a gente jogador de futebol mas por exemplo, se o meu pai for nadador, e eu não for aprender a nadar, eu não sei nadar. A genética dá-nos características anatómicas que poderão ser desenvolvidas para a modalidade que eu pratico. Existem um conjunto de informações que o predispõe para aquilo, mas se não forem trabalhadas e desenvolvidas elas não se manifestam. Por exemplo, na musculação, temos a secção transversal do músculo, se não for trabalhada ela não vai desenvolver.

JC: Professor, para concluir esta conversa, tenho uma questão que faz referência á observação de jogadores, á selecção dos melhores. Não sei se o professor faz observação de jogadores...

TF8: Sim...

JC: Ao seleccionarmos jogadores, como sendo os melhores para servir o nosso clube, são considerados diferentes domínios, como por exemplo, técnico, o tático, o físico, o sócio-afectivo, o psicológico?

TF8: Se eu anteriormente falei que todas as características e competências me chamam à atenção, eu quando olho para um atleta, ele para se evidenciar tem de ter qualidade a nível técnico e a nível tático, e a partir daí compete também a mim perceber se o jogador tem as restantes características, se ele se evidencia pelo aspecto físico, ou tático, ou técnico, que se enquadra no contexto em que eu quero criar. O contexto psicológico e emocional, é analisado no jogo como pode ser analisado fora de jogo. Quando

vejo um atleta que o gostava de o ter na minha equipa, gosto de receber todo o tipo de informação que possa ajudar o meu trabalho. Se me vierem contratar como treinador de futebol, de certeza que não vêm por eu ser bonito ou bem parecido, vão sim saber se eu tenho competência para o contexto que me vão recrutar.

JC: Professor, por mim dou por terminada esta interessantíssima conversa, se tiver algum assunto acrescentar ou alguma questão estou á disposição...

TF8: Não,... penso que não!

JC: Eu agradeço-lhe o que e como transmitiu os seus conhecimentos, Agradeço ainda os exemplos práticos, os quais realçaram a pertinência das questões abordadas...Mais uma vez lhe agradeço a sua disponibilidade e colaboração.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 7, Treinador de formação do escalão de Sub 15 a 12 de Outubro de 2010, Tempo de duração da entrevista: 55min

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-sócio-desportivo complexo. No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinador, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 7 (TF7): Eu acho que podemos ver das duas formas. Nós sabemos que o Futebol mexe com muita coisa, mexe com muita gente, portanto se nós quisermos ver o jogo em si só, se calhar podemos ver de uma forma mais simplista nesse sentido, e realmente são 11 jogadores de cada lado, uma bola, mais três árbitros, e portanto poderemos ver dessa forma. Agora se vemos tudo o que envolve, tudo o que está á volta dele, toda a paixão que há pelo futebol, isso...acho que o torna muito mais complexo, comparando com essa visão simplista...

JC: Vê o futebol como algo complexo? Uma ciência a ser estudada?

TF7: É algo que deverá ser estudado, mas que não se pode resumir a isso, no meu entender, não se pode resumir a algo científico, acho que tem muitos mais factores que tem influência...

JC: Como por exemplo...

TF7: É um bocadinho...todas as emoções que o Futebol nos trás, e eu transporto isso para o futebol, e para tudo o que fazemos na vida...nós também temos que colocar algumas emoções naquilo que fazemos, e não nos resignarmos só aquilo que supostamente será ou se diz que é...em termos científicos é assim...eu acho que devemos acrescentar sempre mais alguma coisa...e acho que no futebol também o deveremos fazer.

JC: Neste momento assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma importância (a mesma mediatização) às diferentes modalidades. O que torna o futebol como um fenómeno tão especial?

TF7: Eu se calhar, sem me ter debruçado muito sobre isso, acredito que seja ... primeiro porque é uma modalidade bastante antiga ... e que por vários motivos, em termos do impacto que cria nas pessoas e na comunicação social, é muito mais explorado e torna-se muito mais visível. Acredito também que se outras modalidades tivessem tido a divulgação que o futebol sempre teve, poderiam também desenvolver-se bastante. Neste momento acho que pelo facto de ser uma modalidade bastante antiga, uma modalidade que arrasta muita gente, o torna assim tão mediático...

JC: (podemos considerar uma reciprocidade entre a sociedade e o futebol...a sociedade influencia o futebol...e o futebol a sociedade, talvez até uma questão cultural...)

TF7: Exacto...

JC: (por exemplo, assistimos a diferentes tipos de futebol no mundo...)

TF7: Sim sim sim...até porque nós conseguimos identificar muitas vezes, na forma de jogar, conseguimos identificar algumas zonas do mundo...pelas formas de jogar das suas equipas.

JC: Em campo, (e realço se cometer alguma falha ao falar no domínio técnico e tático, relembro que não é uma área que domino), sabemos que para cada posição, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-técnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...

TF7: Exacto...sinto que é importante...há determinadas características em termos psicológicos que nos gostamos de ver em certas posições e em certos atletas. Que isso faça parte daquilo do que é o nosso modelo de jogo, e que seja algo que nos leve a escolher este ou aquele, talvez não será o mais importante...não será. Mas penso que em algumas posições, por exemplo, o caso do guarda-redes, como posição muito específica...que é importante algumas características em termos psicológicos...pensamos que sim...

JC: (como por exemplo...)

TF7: O facto por exemplo de nós termos um guarda-redes que seja extrovertido, isto no sentido que ... nós pretendemos ter um guarda-redes que comunique com a equipa, portanto, nesse sentido seria importante termos alguém que seja capaz de o fazer, que não seja, por assim dizer, envergonhado, e que esteja ali caladinho e todo tímido. Este caso será até o exemplo mais visível...será mesmo o caso do guarda-redes, mas acreditamos também que nas outras posições existam algumas características também importantes para eles...

JC: Acha possível e útil, a par da realização do modelo jogo em termos táticos e técnicos, os psicólogos sejam capazes de proceder a uma construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado a cada posição...

TF7: Eu penso que sim... que juntamente com um perfil técnico do jogador, poderá ser importante ter um perfil psicológico adaptado a cada posição...penso que sim... será um caminho o qual se poderá seguir.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF7: Nós aqui acabamos por ter...como nós trabalhamos quase com um treinador por equipa...não temos a situação dos adjuntos, não temos preparadores físicos...acabamos por dentro do nosso grupo assumir quase todas as funções. Costumo dizer-lhes também que pretendo que eles me vejam como treinador deles, naturalmente, mas ao mesmo tempo como um amigo deles, como alguém a quem eles possam recorrer, isto no sentido de que muitas vezes...uma má prestação de um atleta tem algo por de trás e até não tem nada a ver com o treino, ou com o futebol, poderá ser um problema na escola, ou em casa, e que muitas vezes nós não sabemos, não temos conhecimento e portanto se eles tiverem o á vontade e a capacidade de vir ter comigo neste caso, e explicar a situação, isso também é importante para ele, será importante para mim como treinador e para a equipa também. Nesse sentido, eu até lhes costumo dizer que tudo o que têm para dizer dizem dentro do grupo e dizem-me a mim e á minha frente, e para fora do grupo não sai nada, portanto estão á vontade para me dizer seja o que for, com o devido respeito, com o saber manter a distância entre o treinador e o jogador, mas estão á vontade para me dizer tudo e para darem a opinião acerca de qualquer aspecto seja do treino quer seja da vida deles. Portanto, nesse sentido acho que assumimos um bocadinho o papel em todos os aspectos...

JC: Sente-se confortável nessa posição? Pelo facto de estar abarcar contextos que poderão até ser um pouco sensíveis?

TF7: É assim, confortável no sentido de me sentir á vontade em todas as situações? Não! Porque há situações que claramente poderão passar o meu domínio, e portanto, nesse sentido, seria sim importante ter alguém que ...para quem eu pudesse encaminhar algumas situações. Mas sabendo eu da nossa realidade, e sabendo eu que somos nós que temos de assumir esse papel, procuro colocá-los á vontade ...e procuro eu estar minimamente informado...até porque como trabalho na escola, acabo também por lidar com essas situações na escola.

JC: Considera que poderão existir, outros contextos primordiais no alcance dessas performance de elite como a família, outros agentes desportivos (dirigentes, árbitros, médicos, colegas de equipa...)...todas essas pessoas que interagem com a formação do jogador poderão contribuir para o alcance de performances de alto nível?

TF7: Sim...nós..e eu falo por mim, em termos técnicos, em termos táticos, eles têm de saber, têm que perceber que só a mim é que respondem, ou seja, é como lhes costumo dizer “vocês em casa podem ouvir o que quiserem, podem ter os pais a dizer que devem jogar por ali ou por acolá, agora em campo vocês

têm de responder aquilo que eu digo, bem ou mal é aquilo que eu digo”. Acredito que em termos directivos eles também têm as suas funções, os directores têm as suas funções, e eu não me intrometo nas funções deles, ou seja, tudo o que seja assunto directivo, encaminhado para eles, da mesma forma que acho que eles não se devem intrometer naquilo que é o meu trabalho, também o faço com o trabalho deles. Em termos do que são as funções dos pais, é claro que é muito importante, e também dependendo das idades, quanto mais novos forem, mais eles ouvem os pais, portanto se nós estivermos a dizer uma coisa aqui, e eles chegarem a casa e ouvirem algo completamente diferente, isso muitas vezes cria ali algum tipo de conflito por parte do miúdo...

JC: Imagine um jogador que têm pai-treinador ou ex-praticante da modalidade, o qual pensa que sabe e que vai ajudar o filho com as suas indicações, imagine, talvez porque não concorde com algo que o Professor fez... depois o jogador vai ter de responder ao Professor porque realmente é a figura de autoridade no futebol, mas o pai é essa mesma figura num contexto diferenciado...

TF7: Se nós conseguirmos ter toda a gente a caminhar para o mesmo lado, as coisas são muito fáceis e até muitas vezes a propósito dos pais que normalmente são os que nos criam mais problemas, por assim dizer, dou-lhe o exemplo do grupo de pais do meu plantel deste ano, á 2 anos em infantis que fomos campeões distritais, e eu até cheguei a comentar que eles foram muito importantes nesse sentido, porquê? Porque eles formaram um grupo que efectivamente apoiava sempre. E eu por exemplo, nunca mais me esqueço que no final de um jogo, já perto do final do campeonato, o qual fomos vencer fora, ao sairmos todos do balneário estavam lá os pais todos a bater palmas aos miúdos, ou seja, quando todos puxamos para o mesmo lado, tudo se facilita, e portanto devemos ter em conta isso tudo. É preciso saber no entanto manter algumas distâncias, mas também tentar puxar para o nosso lado...

JC: Professor, actualmente treina o escalão de Sub 15, quais são as características que o escalão evidencia e quais são as suas principais preocupações?

TF7: É uma idade já por si complicada, estando na adolescência, em que eles estão muitas vezes a querer dar um passo maior do que aquilo que deviam. Em termos futebolísticos, nós tivemos uma passagem do futebol de 7 para o futebol de 11, dos Sub 14 do ano passado, estamos numa competição que sabemos que a nível nacional é do melhor que há, e... eu sinto algumas dificuldades em eles perceberem a realidade em que estão. Eles vêm de um campeonato distrital do ano passado, e entram no campeonato nacional com uma realidade completamente diferente, são jogos com outra qualidade, com outra competitividade, e eu muitas vezes sinto que eles demoram muito tempo a perceber onde é que estão, e o pensar que ainda estão no campeonato que estavam o ano passado, e isso é complicado. Depois nesta idade, uma das situações que também se torna complicado é ainda a diferença em termos físicos que há de umas equipas para as outras nestas idades, e eles olharem muito a isso, e isso nota-se porque os primeiros jogos notou-se isso...muito. O facto de nós irmos disputar uma bola com um adversário que é não sei quantos centímetros mais alto do que nós e mais forte, isso notava-se claramente, na forma deles estarem dentro de campo. Essas situações foram se calhar as mais complicadas de combater neste escalão.

JC: (como se trabalha essa questão?...se é que se trabalha...)

TF7: Pois..se é que se trabalha! Eu, sinceramente a forma de trabalhar isso foi muito em termos de mentalidade, foi tentar fazer-los perceber, e por exemplo neste caso até lhes dei assim quase de barato nos primeiros jogos sim senhor, mas chegou ali a uma certa altura, ao 5º ou 6º jogo que eu fiz-lhes ver que “atenção a partir de agora o físico já não é desculpa, já tivemos estes 4,5,6 jogos para perceber as coisas, até aqui até poderíamos justificar que eles são mais fortes, são mais rápidos, agora já não podemos”. Quer dizer, se se pode trabalhar isso em termos de trabalho visível em termos de motor, de certo modo, o facto de utilizar ali a gaiola para fazer jogos reduzidos, a que obriga mais contacto físico, o espaço é mais reduzido, também acaba por trabalhar um bocadinho isso, mas essencialmente aquilo que eu dizia era que nós tínhamos de mudar a nossa mentalidade, e mudar a forma de ver as coisas, e não olha para o adversário como alguém mais forte e mais alto mas olhar como alguém igual a nós, e portanto acaba por ser um bocadinho assim a forma que tenho de trabalhar isso.

JC: E em termos psicológicos? Que características atribui a esta idade?

TF7: Acho que é uma idade para já de descoberta, em vários campos. É uma idade em que eles muitas vezes têm dificuldades em perceber o porquê que jogam, o porquê que jogam, porque jogam mais ou jogam menos, e cria logo ali muitas coisas á volta...se não jogam ...ou é porque o treinador não gosta ou é porque... Nesse sentido acho que é uma idade um pouco complicada, também não é nada de muito transcendente... mas é um bocadinho complicado.

JC: Já que fala nessas questões de desenvolvimento e maturidade, não sei se o exemplo que lhe vou apresentar agora já lhe aconteceu, mas por vezes verificamos que jogadores, por exemplo, Sub 14 realizam treinos e competições por escalões de Sub 15 e por vezes até mesmo Sub 16. Concorda com esta transição, ou poderemos considerar como uma situação contra-natura?

TF7: Exacto... eu sou de acordo. Eu acredito que quanto mais dificuldades impusermos aos nossos atletas, ou seja, quanto maior for o obstáculo que eles tiverem melhores jogadores vão ser, se eles são capazes de resolver o problema que é colocado por alguém maior que ele, eles só vão ter melhorias na sua qualidade. Portanto eu acredito que quanto mais dificuldade nós formos capazes de colocar aos nossos atletas melhor vai ser para a evolução deles. Por isso sou a favor dessa situação...

JC: (de promover a contínua estimulação...não permitindo a estagnação das suas capacidades, é isso?)

TF7: Sim...exactamente!

JC: Professor, falemos agora da questão dos talentos no desporto. Para si como define este conceito de talento desportivo?

TF7: Bom...se calhar não é uma definição muito fácil de se fazer. Eu se calhar não olharia, como muita gente faz, olhar para aquele jogador que faz uma finta muito bonita, ou que dribla muito bem. Para mim um jogador de excelência é aquele que na sua posição (ou melhor se conseguir fazer 2 ou 3 posições), consegue fazer quase sempre bem aquilo que é pretendido para aquela posição. E muitas vezes até pode ser um jogador bastante discreto, mas se realmente consegue ser o melhor a fazer aquilo que lhe é pedido

e que se pretende naquela posição, para mim é um jogador de excelência. Muitas vezes um jogador que é vistoso, para quem está na bancada a ver, é ótimo claro, mas só que se formos espremer a acção dele retiramos pouca coisa, retiramos...

JC: (para si o talento desportivo deverá permitir a repetição de boas acções, não sendo apenas um acto isolado, digamos assim...)

TF7: Claro, exactamente!

JC: Professor, considerando os indivíduos mais talentosos da equipa que treina actualmente, comparativamente com aqueles menos talentosos, que características psicológicas conseguem identificar para realçar esta distinção de rendimentos?

TF7: Se calhar, assim de repente, não...porque nunca me preocupei em estar a fazer algo desse género. Agora acredito que se me debruça-se sobre isso que seria capaz de o fazer, porque acredito sinceramente que aqueles que estão mais perto da excelência têm algumas características em comum...acredito nisso...

JC: (como por exemplo, Professor...)

TF7: Por exemplo, a capacidade de trabalho. Para mim um atleta que no treino não tem a capacidade de trabalhar no seu limite, não tem a capacidade de se sacrificar...aquilo que lhes peço muitas vezes é... hoje no treino só consigo durante 30 minutos estar no limite e começa-me a dar o cansaço, se eu me deixar ficar pelo cansaço amanhã não vou ser capaz de fazer durante 35 minutos. Portanto, essa será uma característica de alguém que estará perto da excelência, aqueles que chegam ali e são capazes de dar mais um bocadinho para que no dia a seguir já ser capaz, acredito portanto que essa será uma característica de topo.

JC: E em termos tácticos e técnicos, quais as acções que nos poderão alertar para o facto de estarmos presente de um jogador potencialmente de elite?

TF7: Penso que logo de início...a relação com bola. Porque um jogador que não consiga ter uma relação com a bola é muito complicado de jogar. Quando digo relação com bola, e voltando um bocadinho atrás...não tem a ver com o drible, não tem a ver com outro elemento específico, é aquilo que lhes costumo dizer “nós temos de ser bons tecnicamente”, é ao nível da recepção de bola, ao nível do passe...porque, por exemplo, um exemplo muito concreto desta época, quando lhes disse que a grande diferença entre nós e o FCPorto, foi que enquanto nós para recebermos a bola, a bola bate no nosso pé e a bola vai 2 metros para a frente e nós a termos que a dominar outra vez...enquanto a equipa do Porto não, recebia e já estava a fazer passe. Não eram muito exuberantes ao nível do drible, só que em termos técnicos...ou seja era esse a grande diferença...isto é, estamos a falar de uma equipa de excelência, com jogadores de excelência... e essas seria a grande diferença entre as duas equipas. Portanto, desde logo para mim é fundamental a relação com a bola, e depois também acho que um jogador inteligente, e aí não terá tanto a ver com os aspectos técnicos, mas em termos tácticos um jogador inteligente poderá sobressair, porque se perceber os momentos de jogo, sempre a cada momento que vão reconhecendo, mais facilmente será compreender o que se vai passar no jogo.

JC: Essas características que me acabou de referir, se lhe pedir para seleccionar um jogador que as conjuga no seu todo, quem identificaria?

TF7: Sim...acho que há muitos. Assim se calhar á cabeça de repente vem alguns mais mediáticos e fala-se muito, por exemplo no caso da selecção espanhola, o Barcelona, jogadores como o Xavi, acho que claramente encaixam nessas características, a relação com bola e a inteligência da forma como joga.

JC: Na sua opinião, qual é a idade aconselhável para o início da prática da modalidade de futebol?

TF7: Acho que...eles neste momento começam com 8 anos, e eu penso que estamos perante a idade certa...mais um ano menos um ano, mas penso que andar á volta disso...

JC: Existem crianças que aos 5 / 6 anos já estão a iniciar a prática da modalidade de futebol. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar o top?

TF7: Eu acho que fazendo várias coisas poderá retirar e retira alguns benefícios, pois poderemos ir buscar algumas coisas a outras modalidades que poderão ser importante nos futebol. Se isso poderá ser feito antes da idade dos 8 / 9 anos? Sinceramente não sei. È algo que também me deixa a pensar. Agora acredito também que para chegarmos á excelência em determinada modalidade, temos de direccionar a nossa prática para essa modalidade, chegando ali a uma altura que acho que deverá ser feito, se será ali exactamente aos 8 anos... não sei...

JC: Verificamos através da análise de dados que a idade de início de prática dos jogadores é variável, desde os 8 anos até mesmo aos 14 anos. Acha que esta diferença de idade de início da prática da modalidade poderá predizer o alcance de rendimentos superiores?

TF7: Falando de uma realidade que eu conheço, não tenho assim conhecimento de ninguém que tivesse iniciado mais tarde, e que, já não digo que chegasse á excelência mas que se destacasse de alguma forma. Pela realidade que conheço, acredito que começando mais cedo há mais probabilidades de chegar á excelência, claro que sim.

JC: Professor, referia á pouco o facto de o jogador ter de trabalhar muito, referindo também o facto de treinar sempre bem, o nosso estudo tem focado também especial atenção á questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática será só por si suficiente?

TF7: Penso que não porque...se nós reduzisse-mos as coisas dessa forma seria muito fácil nós criarmos jogadores de excelência. Eu penso que é mais do que isso, a prática é importante, claro que sim...acredito também que há algo de genético também. O facto de que ele tem jeito para o futebol...eu acredito que possa haver algo, claro que a prática é importante, não podemos reduzir só á prática e ás horas de prática, se não seria muito simples nós criarmos jogadores de excelência...

JC: Nessa ordem de ideias poderíamos complementar essa prática com...

TF7: Horas de prática...eu acho que também as experiências que eles vivem, porque é aquilo que eu dizia á pouco, se eu tiver um atleta que tem muitas horas de prática, mas dentro do grupo dele não tem ninguém que lhe crie obstáculos, não me acredito que ele vá evoluir...portanto o nível em que ele está e a experiências que lhe são colocadas, acho que é muito importante para esse desenvolvimento dele.

JC: Professor, falava-nos á pouco das questões genéticas, e realçando esse factor, a discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, genética ou através da experiencia adquirida, tem gerado opiniões distintas entre a comunidade científica. Para si, na sua opinião, um talento nasce ou faz-se?

TF7: Eu acredito que é um bocadinho a junção das duas coisas...que possa haver ali algo de genético também, de certo modo já há um inclino para a prática de futebol, na situação de ter jeito para jogar futebol ou ter jeito para outra coisa. Agora claro depois tem de ser com a prática também...não é só a genética... não acredito que seja apenas um dom natural, acredito que seja uma junção das duas coisas...

JC: (daí a continuação da tentativa de atribuição de qual a verdadeira origem...ou aparecimento do talento. Acreditamos que nascemos com um código genético que nos possibilita o alcance de por exemplo, uma dada altura, ou de mais algumas características necessárias para a prática da modalidade de futebol, especificando para cada modalidade...)

TF7: Exacto...exactamente...

JC: (mas, acreditamos também, que se a oportunidade para eu despoletar, e colocar em prática esta predisposição, não aparecer, a genética por si só demonstra-se ineficaz na explicação de performances de excelência)...

TF7: Claro...exactamente...isso é um exemplo, concordo perfeitamente!

JC: Professor, para concluir esta conversa, tenho uma questão que faz referência á observação de jogadores, á selecção dos melhores. Não sei se o professor faz observação de jogadores...

TF7: Sim sim...

JC: Ao seleccionarmos jogadores, como sendo os melhores para servir o nosso clube, são considerados diferentes domínios, como por exemplo, técnico, o tático, o físico, o sócio-afectivo, o psicológico?

TF7: Para além das características técnico-táticas, que são sempre importantes, por vezes algumas preocupações em termos físicos, até para algumas posições especificas, por exemplo na questão do defesa-central ser alto, mas não só, ou seja, e por exemplo, a época passada havia um miúdo de outro clube daqui da zona que nos poderia interessar só que eu vim a saber que ele era um miúdo que tinha muitos problemas, e com aquela idade já saía muito e já bebia muito, portanto eu já não prestei mais atenção aquele miúdo, porque para nós também é importante ter um perfil de jogador com algumas

características, não só em termos de jogador, não só em termos técnicos, não só em termos físicos, mas também em termos psicológicos. Portanto acaba por haver essas três preocupações quando observo adversários que nos possam interessar.

JC: Considerando o domínio técnico e tático como domínios primordiais num jogador de futebol, porque realmente o jogador tem de conhecer o jogo e tem de o saber jogar, mas por vezes quando chegam aos clubes detectam-se lacunas em termos cognitivos, competências psicológicas e até em termos de uma estrutura familiar pouco consistente. Ao integrarem o clube, percebemos que todas as esperanças nele depositadas são confrontadas com algumas realidades as quais não estávamos á espera...

TF7: Já aconteceu...

JC: Estas situações poderão ser prevenidas, acha ser possível conseguirmos á partida fazer uma triagem destes casos?

TF7: Eu acho que é importante... acho importante. Nós normalmente fazemos observação directa, não temos ninguém que esteja a trabalhar especificamente nisso. Portanto, acabo por ser eu que faço observação dos meus adversários e portanto, eu já acabo por ter essa preocupação, e esse foi o exemplo que eu me lembro desse miúdo no ano passado. Mas isso é algo que me preocupa também!

JC: Professor, por mim dou por terminada esta interessantíssima conversa, se tiver algum assunto acrescentar ou alguma questão estou á disposição...

TF7: Não penso... que não!

JC: Eu agradeço-lhe o que e como transmitiu os seus conhecimentos, Agradeço ainda os exemplos práticos, os quais realçaram a pertinência das questões abordadas...

TF7: Exacto...

JC: Os quais enriquecem o fundamento deste trabalho. Mais uma vez lhe agradeço a sua disponibilidade e colaboração.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 6, Treinador de formação do escalão de Sub 16

a 5 de Outubro de 2010, tempo de duração da entrevista: 1h10min

Joana Cerqueira (JC): Quando recorremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-sócio-desportivo complexo. Concorda com esta designação?

Treinador de Futebol 6 (TF6): Sim concordo, penso que, todas as componentes que integram o jogo só por si, e tudo o que delas sobressai, ou seja, o que é que as pessoas vêem nunca é uma coisa constante, está sempre em mutação, uma coisa que nunca é linear. Daí haver sempre uma indefinição quanto ao resultado, daí as acções realizadas pelos jogadores nunca serem as mesmas perante o mesmo problema, daí originar também nas pessoas que vêem por vezes angustia, outras vezes uma inesperada felicidade porque não estavam é espera que acontecesse aquilo.

JC: **Muitas vezes em situações de análise á opinião de pessoas que vêem o futebol ouvimos expressões como “ é um jogo simples, são 22 jogadores, 2 treinadores, 1 arbitro e uma bola”, mas para nós que pensamos e observamos o futebol sabemos que é, e deverá ser muito para além deste tipo de abordagem, tem de haver algo mais para além desta realidade...**

TF6: Tem...no meu entendimento, eu acho que quem joga, quem está no jogo tem sempre ,como você disse, são duas equipas, mais os árbitros...e existem muita imprevisibilidade no jogo, eu acho que isso é que provoca, costuma-se dizer que é o caos no futebol, é um pouco isso o que acontece, provocando tantas emoções contraditórias em quem ve o jogo, em quem está espera que aconteça determinada coisa na sua equipa e depois o resultado é outro e vice-versa.

JC: **Neste momento assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma importância ás diferentes modalidades. O que torna o futebol como um fenómeno tão especial?**

TF6: Eu acho que é pelo facto de ser um espectáculo que foi sempre mais mediatizado que os outros, é sempre, no meu entender, muito mais difícil de ser bem jogado do que os outros, (como dizer) ... acho que poderá não ter uma explicação lógica, se calhar uma questão cultural, já vem de há muitos anos, as pessoas sempre gostaram muito mais do jogo do futebol do que por exemplo do rãguebi, embora tenha quase o mesmo numero de jogadores (ate tem mais jogadores), mas o facto de ser jogado com os pés, nem toda a gente consegue joga-lo bem jogado, eu acho que é um pouco por isso. Os outros desportos colectivos não têm tanta beleza estética como o futebol, eu digo isto porque gosto do futebol.

JC: **Em campo, (e realço se cometer alguma falha ao falar no domínio técnico e tático, relembro que não é uma área que domino), sabemos que para cada posição, existem comportamentos e acções táticas e técnicas específicas assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções tático-tecnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também elas específicas...**

TF6: (o tipo de comportamento que o jogador deve adquirir em determinada função...?)

JC: **Sim se falarmos em liderança, motivação ou até concentração, se as podemos atribuir a posições específicas...**

TF6: Costuma-se dizer, e eu também partilho dessa opinião, que numa equipa devem existir 3 pilares, um DC MC e um PL, devem ser os jogadores mais importantes de uma equipa, não menosprezando os outros, mas esses indivíduos devem possuir uma personalidade bem forte, bem vincada, devem saber...devem

exercer no campo essa capacidade de liderança, essa forma diferente...mais positiva que os outros, de forma a que os outros sejam imbuídos desse espírito ganhador, de conquista, de vitória. Embora nós nas camadas jovens, eu pessoalmente, não olho muito para essa vertente, porque é difícil...embora seja aqui que comece, mas é difícil dizer logo á partida este vai ser um bom DC LD MC, um bom PL, porque, por vezes as características deles mudam, e face ás exigências actuais do futebol, os treinadores seniores preferem mais jogadores polivalentes, que sejam também ganhadores, que sejam fortes na liderança, com um bom perfil de treino, mas que, sejam polivalentes, que consigam fazer mais que uma posição, porque também lhes é útil.

JC: Acha possível e útil, a par da realização do modelo jogo em termos tácticos e técnicos, os psicólogos sejam capazes de proceder a uma construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado a cada posição...

TF6: Para cada posição penso que não...para cada posição não sei ate que ponto seria necessário para o próprio atleta, mas para cada sector...(está a falar nas camadas jovens?)

JC: Sim...

TF6: Acho que...tenho indivíduos, tenho jogadores que quando eu os critico de maneira positiva eles têm uma reacção negativa pós critica eles não conseguem manter o mesmo padrão de treino que tinham até ali, acomodam-se. Eu também os testo nesse sentido. Existem outros que não que reagem bem a uma critica positiva, e querem até melhorar o seu treino, e outros acomodam-se. Aqueles que são menos bons também há aqueles que reagem de modo positivo e negativo face a mesma situação. Depois o meu trabalho acaba aí. Quer dizer, se calhar nessa altura entraria o vosso.

JC: Com esta sua introdução, questiono sobre o facto se acha útil a presença se um psicólogo junto dos escalões de formação? Se poderá estar ao dispor do treinador para colmatar algumas lacunas que o trabalho possa ter...

TF6: Até hoje, que eu saiba, nada nesse sentido está a ser feito, ou se foi feito seria apenas em meia dúzia de clubes..Mas eu acho que era uma experiência...que eu encararia de uma maneira positiva..acho que traria vantagens ao clube e aos jogadores, principalmente porque nós deparamo-nos com alguma falta de tempo para abarcar todas as componentes do treino e portanto essa componente psicológica talvez ajudasse e fosse ajudar a colmatar a nossa falta de tempo e de conhecimento para abordar essa questão.

JC: Está neste momento sensibilizado para a existência e aperfeiçoamento dessas componentes psicológicas?

TF6: Estou porque nós treinadores nem sempre temos as ferramentas ideais, ou nem sempre temos a competência necessária para trabalhar o jogador nesse sentido, porque falta-nos, por vezes bagagem científica para conseguir com que o jogador consiga potenciar as suas capacidades...nesse aspecto penso que seria positivo. Agora o que acontece é que por vezes os clubes não têm meios financeiros capazes de suportar ... e nem sempre estão abertos ...e nem sempre compreendem esta prática.

JC: (poderá até haver um desconhecimento da prática do psicólogo, colocando-se um primeira barreira, e depois claro surgem as questões económicas...)

TF6: Exacto.. por exemplo eu falo muito com outros treinadores (por vezes não temos é tempo)..mas trocamos bastantes impressões acerca destes aspectos, por exemplo a reacção de um jogador face a uma derrota...ou até mesmo durante o próprio jogo, onde existem uns que se motivam, existem outros que não, mas nós ficamos por aí, não conseguimos depois avançar no trabalho...

JC: (Conseguem realmente detectar a necessidade..mesmo em termos individuais mas depois...)

TF6: Falta-nos o resto, e tentamos fazer á nossa maneira, a qual nem sempre será a mais adequada, lá está.

JC: Neste sentido, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF6: Acho que nós devemos acima de tudo ter um papel multifuncional , mais na prevenção do desaire, ou seja, nós temos aqui alguns jogadores que são capazes de chegar aí, porque têm...como já ouvi falar...se o talento é inato ou não, eles têm talento e têm que ter capacidade de trabalho, porque só por si o talento não basta, e nós podemos fazer ver de que é possível, desde que eles consigam interiorizar que têm que trabalhar, têm que treinar bem para chegar a esse nível.

JC: Considera o treinador como elemento primordial no alcance desse nível de excelência?

TF6: Nós somos apenas...nós somos mais uma ajuda para o jogador, não , eu acho que não consigo eu sozinho com a minha formação ou com o meu conhecimento potenciá-lo de maneira a que ele atinja esse grupo de elite...ele chegar a uma equipa da 1ª Divisão...a uma equipa de top. Agora podemos potenciar as suas capacidades, e ajudá-lo nesse sentido mas se eles também não tiverem força de vontade se não fizerem o que lhes compete...se não tiverem uma boa vida fora daqui ... se não souberem preparar mentalmente para isso ...porque eles têm de querer muito....se já sabem é meio caminho andado, agora têm de saber usar esse conhecimento da melhor maneira...saber usar esse seu jeito, esse dom natural da melhor maneira para conseguir chegar lá, por isso é que nem todos chegam, por isso muitas promessas ficam pelo caminho.

JC: Considera que poderão existir, outros contextos primordiais no alcance dessas performance de elite como a família, outros agentes desportivos (dirigentes, árbitros, médicos, colegas de equipa...)...todas essas pessoas que interagem com a formação do jogador poderão contribuir para o alcance de performances de alto nível?

TF6: Podem, muitas vezes, por exemplo a família, é pernicioso no sentido de exigir ao filho, de modo obcecado, que ele consiga atingir esse objectivo e por vezes isso é nefasto para o jogador. Por vezes um jogador saber que é mais do que os outros, e depois não conseguir ter a humildade suficiente para, por exemplo, em situações adversas num jogo, saber imiscuir, saber por de lado perante a confrontação do arbitro, ou seja estar a ser demasiado arrogante “como sou o melhor a mim é-me permitido tudo”, isso por

vezes também é pernicioso, e se nós não conseguirmos travar esse tipo de comportamentos, temos de o fazer sentir que ele por aí vai acabar cedo para a carreira.

JC: A conjugação dos diferentes agentes desportivos poderá seguir a mesma linha de raciocínio, porque vocês poderão fazer cá um trabalho exemplar e adequado às necessidades evidenciadas, e por vezes os jogadores podem chegar a casa, e face às mesmas situações têm informação contraditória. Imagine um jogador que têm pai-treinador, o qual pensa que sabe e que vai ajudar o filho com as suas indicações, mas no fundo poderá estar a prejudicar o formação do filho...

TF6: Isso acontece e nós alertamos os jogadores nesse sentido também, porque não são poucas as vezes que eu lhes digo, não adianta nós treinar-mos muito bem aqui, se depois lá fora, funciona tudo de maneira diferente daquilo que nós idealizamos, ou os pais, no sentido de o ajudar, ajudam mas no fundo estão a prejudicar, dependendo também da própria maturidade do jogador, ele saber distinguir aquilo que tem de absorver deverá filtrar o que interessa, ou a que não interessa, neste caso, e dar ouvidos a quem percebe minimamente do assunto. Por vezes confrontamo-nos com pais que já foram jogadores e que têm algumas competências no treino ou no jogo, e também tentam passar essa experiência para o filho, agora também caberá ao filho, ao jogador filtrar esse tipo de informação da melhor maneira possível.

JC: Professor, actualmente treina o escalão de Sub 16 (primeiro ano juvenil), quais são as características que o escalão evidencia e quais são as suas principais preocupações?

TF6: Este escalão vem dos iniciados, e é o 2º ano que eu treino este escalão (faseados, treinei á três anos, depois tive e deixar, e este ano pude regressar, fui convidado e então estou aqui). Noto em termos comportamentais, mesmo quando os treinei antes, que evidenciam o mesmo tipo de atitudes, reacções. Neste momento estão numa idade que são muito ariscos, muito palradores, e estão numa idade que necessitam colocar em prática tudo aquilo que foram aprendendo até agora, estão a passar para outro patamar, onde a exigência vai sendo cada vez maior, e nós temos de nos concentrar nisso, o estarem mais concentrados no treino, o que é sempre complicado para um treinador. Noto que tenho de ser muito disciplinador, e eles gostam disso, porque, eu falo por mim, sou uma pessoa muito brincalhona com eles e tal, mas depois quando eles abusam eu sou disciplinador e eles gostam, gostam de sentir o treinador com autoridade, não em demasia mas, como dizer, eles transfiguram-se, sendo mais dosséis de treinar, e a nossa preocupação é começar a prepará-los para uma exigência cada vez maior no treino, a concentração no treino, a intensidade no treino, porque por vezes perde-se muito tempo (falando em processo de treino) em transições de exercícios e nós temos o tempo controlado ao minuto, por isso o tempo do treino é pouco se nós não conseguirmos aproveitar da melhor maneira, portanto a minha maior dificuldade é essa, fazer com que eles não se dispersem em momentos chave do treino, e nos próprios exercícios consigam potenciar já de uma forma mais concentrada e mais regular (sem muitas paragens, brincadeiras, costumam muitas vezes divagar). A nossa preocupação é essa, aproveitar ao máximo o tempo de treino para que eles possam aprofundar e melhorar as suas capacidades.

JC: Que características já deverão os jogadores ter adquirido no início do 1º ano de juvenil, e quais aquelas que irão estar adquiridas aquando do termino do escalão de sub 16?

TF6: Nós temos um modelo de jogo preconizado, que eles já dominam, e temos outra alternativa ao modelo de jogo que está definido, e o modelo de jogo que está definido, eles conseguem fazer sem problema algum, porque já começaram há 2 anos a aprender, desde o 1º ano de iniciados. Nesse aspecto, quando chegarem aos juniores já vão ter outra bagagem, além do modelo de jogo que já dominam, têm de dominar um segundo modelo, um modelo de jogo alternativo, e é isso que neste primeiro ano vamos fazer com eles, além de conseguirem dominar o modelo de jogo que está definido para todos que praticam futebol de 11, dos iniciados até aos juniores, vão ter de saber colocar em prática um modelo de jogo alternativo, este sim é o objectivo principal que nós temos, além de outros mais detalhados que têm a ver mais com funções que eles têm no campo, saberem jogar, saberem estar no campo, saberem posicionar-se da melhor maneira, quer no aspecto ofensivo quer defensivo (quer quando perdemos bola, quer quando ganhamos bola), saberem como reagir em determinadas zonas do campo, mediante a pressão do adversário, mediante a pressão que podemos exercer no adversário, é uma série de coisas importantes que eles também deverão saber fazer e de pensar, têm de saber pensar o jogo de modo mais adulto, ganhar maturidade.

JC: Já que fala nessas questões de desenvolvimento e maturidade, não sei se o exemplo que lhe vou apresentar agora já lhe aconteceu, mas por vezes verificamos que jogadores, por exemplo, Sub 14 realizam treinos e competições por escalões de Sub 15 e por vezes até mesmo Sub 16. Concorda com esta transição, ou poderemos considerar como uma situação contra-natura?

TF6: Partilho da opinião que poderá ser benéfico para um jogador se ele reunir fisicamente, e voltando atrás, penso que mais que o aspecto físico, será mesmo a inteligência do jogador que pode fazer a diferença, e cada vez nós vemos mais isso, não é, há uns anos atrás, vários treinadores diziam que nos seniores só deveriam estar jogadores com uma dada altura mínima (ate o próprio Mourinho disse isso), que não era aconselhado ter laterais “baixinhos” (especificando as posições em campo, os laterais). Como vou eu dizer a um jogador, “és muito baixinho, escusas de ser lateral direito”, claro que não vou dizer isto, penso até ser um pouco redutor nós pensarmos nisso, embora ajude a equipa em determinados aspectos, mas também pode prejudicar noutros. Penso ser benéfico se ele reunir uma série de condições, se ele for inteligente a jogar, se merecer (nós aqui fazemos isso como um prémio), se nós entendermos que ele tem perfil de jogador ideal para poder ir a um escalão superior, mas acima de tudo tem de se distinguir naturalmente dos demais, e tem no fundo de ser um exemplo a seguir pelos colegas, e tanto é que quando fazemos isso aqui, não noto, por parte dos colegas de esse jogador, qualquer tipo de ciúmes quando isso acontece, pelo contrário, reconhecem que tem valor para ir treinar ou ir jogar. Nós temos um juvenil que esta semana vai treinar aos seniores, porque tem qualidade (foi-nos pedido) e nós achamos que tem qualidade, e já demonstrou que tem, já é a 2ª vez que irá lá. É um jogador que nós sabemos que não vai modificar a sua atitude, a sua maneira de ser, o seu treino...tem mesmo perfil para isso.

JC: Dizia anteriormente que estes distinguem-se dos demais, quais as características que permitem esta distinção?

TF6: Eu penso que é pela sua postura, em campo e fora dele, e por tudo aquilo que ele consegue, sem abrir a boca, consegue demonstrar aos demais, aos seus colegas, aquilo que ele vale, o seu potencial nas

suas acções em campo, na sua leitura de jogo, na sua inteligência que põe no jogo, lá está, há alguns que são habilidoso, que têm muito jeito, mas não tem maturidade suficiente para conseguirem lidar com isso, há outros que não. Aqueles que se distinguem dos outros, são os que têm uma maturidade acima da média para a idade deles, portanto entendem o jogo como poucos, já entende como um júnior ou como um sénior.

JC: (A sua definição de talento no desporto, engloba esses jogadores que já têm uma série de características acima da média para a idade deles...)

TF6: Poderá ser uma das características importantes para um jogador de top, embora, aquilo como estava a dizer, há aqueles que também são muito bons mas que não deixam de ter reacções e comportamentos próprios da sua idade. Por exemplo, temos aqui um jogador que, na minha opinião, tem todas as qualidades para vir a ser jogador de top, mas a sua postura fora de campo, não faz transparecer isso, não anda ai a gabar-se que é este ou aquele, o seu comportamento é o mais discreto possível, uma pessoa às vezes nem dá por ele, mas em campo dá logo nas vistas, sobressai naturalmente face aos demais, portanto, é mais maduro, mas existem outros também muito bons, mas gostam muito de falar e se exhibir, e são muito bons na mesma, não deixam de ser potenciais craques também (apenas são mais vaidosos).

JC: Professor, a discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, genética ou através da experiencia adquirida, tem gerado opiniões distintas entre a comunidade científica. Para si, na sua opinião, um talento nasce ou faz-se?

TF6: Na minha opinião é uma coisa que já nasce connosco, o jeito, sei lá aqueles gestos...aqueles reflexos que nós temos, a bola vem e nós travamos, vem qualquer coisa em direcção á cara e nós temos o gesto de meter a mão, com a bola é a mesma coisa, eu atiro a bola a um miúdo de 2 anos, há uns que fazem de uma maneira, há outros que fazem de outra, e aqueles que com o desenrolar dos anos vão tendo essa apetência para o jogo. Acho que é algo que já nasce com eles, embora acho que cientificamente não há nada que o diga...

JC: (daí a continuação da tentativa de atribuição de qual a verdadeira origem...ou aparecimento do talento. Acreditamos que nascemos com um código genético que nos possibilita o alcance de por exemplo, uma dada altura, ou de mais algumas características necessárias para a prática da modalidade de futebol, mas, acreditamos também, que se a oportunidade para eu despoletar, e colocar em prática esta predisposição, não aparecer, a genética por si só demonstra-se ineficaz na explicação de performances de excelência)...

TF6: Exacto...como por exemplo o caso do Cristiano Ronaldo, o pai nunca foi jogador (salvo o erro)...

JC: Teve uma série de contra-tempos e infelicidades...como por exemplo o falecimento do pai... momentos que poderiam abalar uma carreira desportiva...

TF6: E no entanto, uma coisa que ele sempre fez foi, treinar bem, treinar para cada vez ser melhor, portanto não basta apenas ter o talento, se não o trabalharmos para melhorar, o jogador não consegue chegar ao top. O jogador tem de trabalhar muito para exponenciar as suas capacidades...

JC: Professor, já que refere o facto de trabalhar muito, e estava a referir o facto de treinar sempre bem, o nosso estudo tem focado também especial atenção á questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática será só por si suficiente?

TF6: Penso que não, por aquilo que vejo, porque não tenho muito conhecimento (não porque não tenha vontade, mas não tenho tempo). Nós vemos clubes de top, como Manchester United, Barcelona, Real Madrid esses clubes de top, de certeza absoluta que eles têm todas as condições e mais algumas, para terem treinadores de excelência nos escalões mais jovens, olheiros para a captação dos melhores, com as características que consideram as melhores para o tipo de jogo que eles fazem no clube. Vejo o Barcelona a jogar como joga agora mas tem jogadores da cantera que chegavam ao limite das suas capacidades, até a um rendimento de excelência, tendo eles 26 ou 27 anos. Existem jogadores como Puyol, que já lá estão desde as camadas jovens de formação...

JC: (é resumir o fenómeno futebolístico, á quantificação de horas e anos de prática...)

TF6: Acho que é essencial para p jogador jovem chegar á elite, tendo uma serie de qualidades inatas e jeito para o jogo, acho que é essencial, primeiro ter treinadores...bons treinadores de formação. Por vezes existem jogadores, nos quais se depositaram muitas esperanças e depois aparece a desilusão, ou por falta de acompanhamento psicológico, e por estarem naqueles ambientes, podem não conseguir...

JC: (gerir todo aquele ambiente...)

TF6: Portanto muitas vezes ficam pelo caminho, e eu continuo a dizer que não é pela falta de bons treinadores ou de bons métodos de treino que isso acontece, acho que é muito por...mais pela exigência mental... há muitos que não conseguem aguentar a pressão. Tenho colegas que saíram daqui para o Sporting, uns conseguiram adaptar-se outros não, uns foram campeões e choravam que queriam vir embora, com 14/15 anos, para vir para junto da família.

JC: Na sua opinião, qual é a idade aconselhável para o inicio da prática da modalidade de futebol?

TF6: Eu comecei aos 17 anos, e ainda consegui de certa forma, fazer um percurso engraçado, mas senti falta de bases, de algumas bases, porque o treino agora está muito mais aperfeiçoado do que no meu tempo, do que há 30 anos, está muito diferente para melhor. Penso que a partir dos 10 anos, embora se comece aqui aos 6 / 7anos, mas acho que vai muito a tempo porque o jogador de futebol consegue apreender muito depressa a informação. Agora começa-se (já li alguma coisa sobre isso), a quantificar o numero de horas de treino, anos...mas posso-lhe já agora dizer, nós não tínhamos á 30 anos camadas jovens (escolas), portanto começávamos a treinar nos infantis, começávamos com 11 / 12 anos, e já viu a quantidade de craques com um percurso fantástico, com inicio apenas aos 11 anos...

JC: Existem crianças que aos 5 / 6 anos já estão a iniciar a prática da modalidade de futebol. Acha que esta especificidade precoce pode de certa forma ser um perigo, ou por sua vez, ser a solução para alcançar o top?

TF6: Depende da maneira como é ministrado o treino, depende da abordagem feita pelo treinador, perante miúdos, deverão abordá-los de maneira mais lúdica, que não haja tanta exigência do ponto de vista de resultados, que não se ponham demasiados objectivos (porque eles sentem). Também tenho um filho que joga ai e raramente falo com ele de futebol, nem tenho a possibilidade de ver os jogos, mas não falo muito com ele, precisamente por causa disso, para que ele não interiorize que o objectivo principal é ganhar é ganhar ... não... pergunto apenas se ele se diverte. Eles devem estar nesse sentido, de se divertirem no jogo e de começarem a aprender umas noções do que é o jogo, mas têm é de praticar, porque era o que nós fazíamos nas idades deles, hoje em dia já não o poderemos fazer na rua...existem o triplo ou quadruplo de carros que andam nas estradas, as condições mudaram, e então preferem tê-los aqui a treinar do que tê-los em casa a “chatear”, ou de estarem agarrados aos computadores. Eu acho que não é prejudicial desde que a vitória não seja vista pelo clube e pelos treinadores como o único objectivo, acho que isso é prejudicial para os miúdos...

JC: (será então importante definir bem as etapas de desenvolvimento para não saltarmos fases importantes do desenvolvimento enquanto até seres humanos, porque para além da preocupação em formar bom jogadores, é essencial a preocupação de formar bons seres humanos...)

TF6: Que saibam distinguir o que é certo e errado, porque eles sentem também as injustiças...

JC: Professor, para concluir esta conversa, tenho uma questão que faz referência á observação de jogadores, á selecção dos melhores. Não sei se o professor faz observação de jogadores...

TF6: Não faço. Faço por ventura nos jogos ao observar as equipas adversárias...

JC: Ao seleccionarmos jogadores, como sendo os melhores para servir o nosso clube, são considerados diferentes domínios, como por exemplo, técnico, o tático, o físico, o sócio-afectivo, o psicológico?

TF6: Em primeiro lugar tento perceber o entendimento que ele tem no jogo propriamente dito, as acções que ele executa quer com bola quer sem bola, como reage em determinada situação, embora o que salta á vista é a qualidade dele enquanto jogador, mesmo sem bola dá para ver se ele consegue ter uma boa percepção do jogo colectivo, se individualmente também tem qualidade, mas a parte mental também tem... perante um resultado negativo também dá para ver como ele reage (ou até mesmo positivo) mas nós nesse aspecto, eu penso assim, temos de fazer mais que uma análise do jogador. Aliás por vezes cometemos erros porque só conhecemos a parte desportiva do individuo e não conhecemos o resto do percurso dele lá fora, como ele é, qual o comportamento dele...e por vezes temos desagradáveis surpresas...porque descuramos um pouco essa vertente...

JC: Considerando o domínio técnico e tático como domínios primordiais num jogador de futebol, porque realmente o jogador tem de conhecer o jogo e tem de o saber jogar, mas por vezes quando chegam aos clubes detectam-se lacunas em termos cognitivos e competências psicológicas. Acha ser possível conseguirmos á partida fazer uma triagem destes casos?

TF6: É difícil fazer essa triagem. Chegam cá, e não têm conhecimento do modelo de jogo, e primeiro que se habituem...depende da inteligência que ele tenha no jogo, e por vezes os colegas também, como são novos vêem-no como elemento estranho e por vezes não ajudam e ele tem de se afirmar pela sua qualidade, e nós temos de o ajudar nesse aspecto, na integração do jogador no grupo para que não haja qualquer tipo de problema. Agora é difícil para nós fazer essa triagem, abordando essas diferentes componentes, é um pouco complicado, pois não sabemos se ele vai ser capaz de se adaptar ou não. Por vezes existem jogadores que nós escolhemos, e não conseguem adaptar-se...

JC: (é um fenómeno que não depende unicamente do jogador, é um contexto onde as relações se estabelecem são imensas...)

TF6: Em relação a esse aspecto, as equipas de top fazem muito isso, fazem esse tipo de observações, vão buscar jogadores de 18 / 19 anos, e permitem sempre um período de adaptação, falando no caso específico do Bebe, não conheço o processo de integração dele, mas nota-se que é um jogador que ... era desconhecido, ninguém sabia quem ele era e ...perante tudo aquilo que fez até hoje conseguiu-se adaptar aquele nível, aquele grau de exigência..mas ele próprio terá sido mentalmente muito forte para poder superar essa barreira...ele sente que estava cá em baixo...

JC: (do desconhecido para a ribalta...)

TF6: E é muita coisa junta que ele tem de aguentar e só com muita ajuda chega lá, porque ele de certeza que sozinho não chega lá...se não tiver quem o ajude será muito mais difícil para ele. Penso que ele, em termos familiares, tem uma historia complexa e difícil, mas ás vezes são esses que vencem...

JC: (pelas dificuldades que têm..)

TF6: Conseguem singrar...porque sabem o que custa. E pronto.

JC: Professor, por mim dou por terminada esta interessantíssima conversa, se tiver algum assunto acrescentar ou alguma questão estou á disposição...

TF6: Por mim é tudo. Obrigado.

JC: Obrigado eu pelo seu contributo.

Entrevista realizada ao Treinador de Futebol 5, Treinador de formação do escalão de Sub 17
a 16 de Novembro de 2010, Tempo de duração da entrevista: 55min

Joana Cerqueira (JC): Professor, quando recorreremos á bibliografia na tentativa de explicar o fenómeno futebolístico, verificamos que alguns autores apontam o futebol como um sistema psico-sócio-desportivo complexo. No entanto existem a versão de quem vê o futebol, como um fenómeno simples, com 22 jogadores, treinador, árbitros e uma bola. Na sua opinião como poderemos ou

deveremos encarar o fenómeno futebolístico?

Treinador de Futebol 5 (TF5): De simples acho que de facto tem muito pouco, eu sou apologista e acredito mais na tese do fenómeno como psico-socio-desportivo complexo. Aliás nem concordo que se possa analisar o jogo de futebol como 11 + 11, o campo, treinadores, e está a jogar. É um conjunto de comportamentos condicionados por todo um passado, toda uma formação cívica, toda uma educação, por isso vejo isto como algo bastante mais complexo.

JC: Algo a ser estudado cientificamente? Uma ciência?

TF5: De ciência...acho que tem de ciências! Várias ciências, e então poderemos dizer que são 11 jogadores em campo, 11 de um lado e onze do outro, uma bola e claro, presentes várias ciências.

JC: (como por exemplo...)

TF5: Sociologia, Psicologia, Motricidade...e não me ocorre mais nenhuma, concordo mais com isso, não sei se poderei falar numa ciência, e se o fizer, é uma que aglutina todas estas.

JC: Neste momento assistimos a uma realidade desportiva que não atribui a mesma importância (a mesma mediatização) às diferentes modalidades. O que torna o futebol como um fenómeno tão especial?

TF5: Eu acho que tudo isto tem essencialmente a ver com factores culturais, mas eu também acho que somos educáveis, não é, e as pessoas têm sido educadas desta forma, têm sido educadas a beber futebol. Há períodos em que isso não acontece, e nós tivemos a performance da equipa de rugby, que momentaneamente no país só se falava de rugby, da prestação deles perante equipas profissionais de dimensão mundial. Já tivemos a mesma situação aquando campeonatos do mundo de andebol, agora são situações que no tempo são muito reduzidas. Porque de facto, não se investe nessa educação. De facto não faz sentido que nós percamos tanto tempo só a pensar no futebol quando até se calhar é das modalidades que menos títulos traz para o nosso país. Agora é uma coisa que já está enraizada, vem já de há muito muito tempo e está a ser bastante difícil, pelo menos eu sinto isso para com as outras modalidades, é uma luta bastante desigual quando tentam disputar a primeira página com o futebol. O que é preciso fazer para mudar isso? Não sei, se calhar muitas coisas...se é que é preciso. Por exemplo, os nossos vizinhos espanhóis, apreciam um conjunto de modalidades mais variadas do que nós, eles vivem com uma intensidade brutal o basquetebol, se calhar também conseguem títulos, foram campeões do mundo, eles vivem com uma intensidade brutal o hóquei em patins, nós também já fomos várias vezes campeões do mundo, eles também o são. Nós não somos adeptos dos Jogos Olímpicos, nós não ficamos uma tarde a ver as várias modalidades dos Jogos Olímpicos, não sei o que é preciso fazer, mas j é uma luta desigual é, e que já vem de há muito tempo, e eu acho que o investimento teria de ser mais profundo para obtermos mais resultados.

JC: Nós ao exercermos a nossa profissão de psicólogos junto de escalões de formação, de que modo podemos contribuir para que o jogador seja capaz de atingir um nível de excelência? O Professor considera que poderia usufruir dessa prática na formação dos seus jogadores?

TF5: A psicologia esteve sempre cá, acho que só houve a percepção da existência dela quando começou haver uma ou outra pessoa a conseguir manipular alguns factores psicológicos e a tirar proveito deles. Agora também há muito psicólogo de supermercado a tentar trabalhar a psicologia no futebol, não quer dizer que não consigam alguns resultados, até posso usar o exemplo do *Mister Scolari*, parecia de facto um psicólogo, que só dava importância à questão da convivência, à questão da religião, à questão da crença, e parecia gerir muito bem isso, agora se geria bem, poderia ter sido gerido melhor, poderia ter sido potencializado por alguém com formação. Ao trabalhar com um psicólogo ele teria de acompanhar o meu trabalho, a baliza de trabalho dele teria de ser definida por ele, eu não consigo dizer que vou contratar um psicólogo para trabalhar comigo e ele tem de trabalhar certas áreas. Eu acho que, a necessidade de intervenção do psicólogo surge no quotidiano, na reacção a uma decisão de um treinador, na reacção a um problema na família, na reacção a um conflito no treino.

JC: (eu, lá está, e sublinho eu, adopto a postura de ajuda ao departamento técnico porquê? Basta reflectirmos naquilo que nós queremos...queremos bons jogadores de futebol, para isso têm de ter uma componente técnica e táctica para o serem, e aliada ao treino destas componentes surge o treino psicológico como mais um recurso para alcançar performances de excelência. Não defendo a total independência entre os diferentes departamentos, deverá haver uma troca constante de informação. Defendo sim que deverá existir um líder do processo capaz de coordenar os diferentes domínios da acção do jogador, neste caso o treinador, daí eu o questionar em que lhe poderemos ser úteis, porque acredito que as situações ao acontecerem no terreno, o treinador consegue delimitar perfeitamente até onde se estendem as suas competências, e tomar a decisão da entrada de um novo técnico para trabalhar aquela área específica, neste caso o psicólogo. E o mesmo se aplica ao psicólogo, deverá perceber os conceitos técnicos e tácticos, trabalhará-los? Nem pensar).

TF5: Eu concordo perfeitamente com o que disse, até porque parece-me já pacífico, pelo menos dentro de um determinado nível que a importância do psicólogo é indiscutível. Agora ainda não conseguiram colocar o psicólogo num sitio em que seja de facto útil, e não pode ser num gabinete debaixo da bancada do outro lado do estádio e dizer a um jogador “se tiveres problemas, passa no psicólogo”. Eu acho que para ele recorrer ao psicólogo ele tem que acreditar no psicólogo, tem de ser uma pessoa das suas relações, e daí acho que faz sentido, se a equipa técnica é formada por dois treinadores, mais um treinador de guarda-redes, mais um fisioterapeuta, mais um médico, mais um psicólogo, que terá de estar presente no quotidiano, porque à partida uma pessoa com formação conseguirá detectar situações para desenvolver, para trabalhar no dia a dia, auxiliando o treinador.

JC: Professor, em campo, sabemos que para cada posição, existem comportamentos e acções tácticas e técnicas específicas assentes num modelo de jogo minimamente estruturado para os diferentes escalões. Neste momento, não é meu objectivo, aprofundar essas acções táctico-técnicas, mas saber se para cada posição em campo poderemos atribuir competências psicológicas também

elas específicas? Acha possível e útil, a par da realização do modelo jogo em termos táticos e técnicos, os psicólogos sejam capazes de proceder a uma construção de um “modelo de jogo psicológico” adaptado a cada posição?

TF5: Perfeitamente, em função do perfil que o jogador tem ele tem mais ou menos condições para jogar em determinadas posições com determinadas funções e tarefas no campo.

JC: (a posição específica em campo poderá exigir competências psicológicas específicas?)

TF5: Diferentes, sim, concordo com isso.

JC: (poderia ilustrar com um exemplo...)

TF5: Conseguimos perceber isso através do número de intervenções dos vários jogadores no campo, e as suas diferentes intervenções, para perceber que o jogo passa muito mais pela interacção e pela acção de alguns jogadores relativamente a outros. Um guarda-redes terá de ter competências psicológicas completamente diferentes, não têm que ser diferentes, eles podem ser todos um super atleta, mas sabendo à partida que é impossível termos onze super atletas, um jogador que joga numa função que sabe quando erra e a equipa perde, ou fica mais próximo disso, com certeza deverá ter outras competências do que um jogador que sabe que se falha, a seguir terá outra oportunidade para se redimir, que é o caso do avançado. Um jogador que tem de liderar de alguma forma a equipa no campo, e há às vezes um jogador no centro da defesa que o faz, há um jogador no meio campo que o faz, há o jogador que é a voz de comando, há o jogador que é capitão que tem de liderar todo o movimento colectivo, tem de ter um conjunto de competências específicas. Eu acho que não estou a conseguir explicar-me muito bem ou estou?

JC: (o que me está a querer dizer é que não são competências exclusivas das posições, elas estão presentes em todos os jogadores, poderão é ser mais ou menos requisitadas consoante as acções desenvolvidas em campo, consoante as suas funções?)

TF5: Exactamente! Isso mesmo.

JC: Professor, que importância confere ao seu papel enquanto treinador na formação de jovens jogadores, os quais poderão ser jovens promessas de elite?

TF5: Uma vez estando neste clube, o meu papel não é tão decisivo como seria em outro clube, uma vez que há uma lógica de trabalho aqui que já vem há uma série de anos, há um conjunto de procedimentos que não foram implementados por mim. Reconheço que sou importante, reconheço que posso criar empatias com alguns jogadores e de alguma forma influenciá-los, posso explorar neles determinadas competências que até hoje ainda não tinham sido exploradas, daí haver uma vantagem muito grande no facto dos atletas não terem o mesmo treinador durante anos seguidos, porque se por um lado é uma mais valia, por outro pode castrar esses jogadores, vai-lhes ser solicitado basicamente as mesmas coisas. Mas uma vez que há este modelo de jogo, que há um regulamento que é cumprido escrupulosamente, eu acho que sim, o clube tem um papel fundamental naquilo que estes miúdos possam ser como futebolistas mais do que o treinador, apesar de reconhecer que é importante o meu papel, mas não o mais importante.

JC: Considera que poderão existir, outros contextos primordiais no alcance dessas performance de elite como a família, outros agentes desportivos (dirigentes, árbitros, médicos, colegas de equipa...)...todas essas pessoas que interagem com a formação do jogador poderão contribuir para o alcance de performances de alto nível?

TF5: Acredito que todos esses possam colaborar em diferentes percentagens provavelmente, mas acho que a escola tem um papel importante, a família tem um papel absolutamente decisivo, e esta modalidade ainda tem muitas carências nesse aspecto. Ainda há uma percentagem bastante significativa de pais que vêem isto com alguma obsessão e põem em causa eventualmente a escola, põem em causa a educação dos próprios filhos por causa do futebol, e eu acredito que isso também vá ter repercussões, as quais não serão as melhores.

JC: (a importância do papel dos pais na formação do jogador é variável consoante a idade ou escalão competitivo?)

TF5: A sua importância é realmente mais evidente nos escalões mais novos Sub 12, 13, 14, porque aí, e eu trabalhei em anos passados com esses escalões, e eu via duas realidades, miúdos com muito sucesso e miúdos com pouco sucesso, e acho que é importante saber gerir esse sucesso, da mesma forma importante sustentar tudo o que é preciso fazer quando um miúdo não tem sucesso, quando o miúdo não joga, quando percebe que existem miúdos melhor que ele, acho que a intervenção da família é importante, é dar-lhe a perceber que há todo um percurso pela frente. O trabalho do treinador com os pais, por vezes, a colaboração não é fácil, acho que é outra área ainda com dificuldades, e os clubes têm um papel importante nisso. Por exemplo, eu achava extremamente interessante no início de cada época haver uma formação para os pais, pelo menos um elemento do agregado familiar era obrigatório, com directores, o presidente, treinadores, explicar regulamentos, explicar o porquê de determinadas exigências, e levantar alguns problemas que sabemos que vão surgir ao longo do ano.

JC: Professor, actualmente treina o escalão de Sub 17, quais são as características que o escalão evidencia e quais são as suas principais preocupações?

TF5: Ora bem, a primeira preocupação que tive quando os abordei foi explicar-lhes que eles estão numa fase que já se aproxima da fase final da sua formação juvenil. Acho importante eles neste momento perceberem que podem entregar ao treino de duas formas a isto, primeira de uma forma séria não abdicando daquilo que é fundamental, família e escola, estar nisto com rigor, vir aos treinos, estarem concentrados nos treinos, ter vontade de melhorar tudo aquilo que seja possível melhorar, e a segunda, encarar isto como um espaço lúdico, naturalmente há espaço para esses momentos, mas se um treinador tiver de escolher entre dois jogadores que tiveram a mesma prestação, mas um trabalha a 200% , está concentrado, encara os jogos como é suposto encarar, o treinador à partida vai escolher esse. No entanto, eu acredito que tenho jogadores a jogar, os quais ponho em campo e percebo que isto para eles ainda é um espaço lúdico, os quais ainda não têm grandes expectativas de seguir uma carreira profissional como futebolistas. No entanto, o meu papel é alertá-los para essas opções, e alerta que já não há muita margem de manobra, por exemplo, comparando com um escalão Sub 12. Outra preocupação minha é não

condicionar a escola porque, por exemplo, temos agora um miúdo que se encontra ausente dos treinos porque o desempenho dele na escola não foi o melhor, os pais hierarquizam as prioridades, onde a escola está acima de qualquer actividade desportiva. Reconheço que existem pais no qual essa hierarquia não está organizada da mesma forma. Outro aspecto importante são as relações interpessoais, porque nestas idades num balneário formam-se vários balneários, e tento aperceber-me disso, tento intervir quando me apercebo dentro daquilo que domino e sei.

JC: E em termos psicológicos... Que características atribui a esta idade? Como poderemos distinguir os atletas através destas características?

TF5: Acho que pode haver várias coisas mas aquela que para mim é fundamental e sobressai claramente em relação às outras é a reacção ao insucesso, neste caso por exemplo, à desvantagem no marcador, ao facto de não ser convocado, ao insucesso num gesto técnico, às distintas dificuldades que encontram no campo. Por norma, os bons são aqueles que vão buscar a bola e têm pressa para retomar o jogo porque acreditam que as coisas podem ser diferentes, porque acreditam que podem mudar o rumo dos acontecimentos. Os menos bons são atletas mais conformados, mais derrotistas.

JC: Professor, referia á pouco o facto de o jogador ter de trabalhar muito, referindo também o facto de treinar sempre bem, o nosso estudo tem focado também especial atenção á questão da prática deliberada, onde os investigadores referem que se os jogadores apresentarem um mínimo de 10 anos de prática deliberada, esta poderá ser a chave para o alcance de altos níveis de excelência desportivos. A quantificação de horas e anos de prática será só por si suficiente?

TF5: Será um pouco redutor falarmos apenas em números de anos ou horas, claro que é uma variável mas depois falta a qualidade, e a qualidade do treino acaba por ser fundamental. Quer dizer, o treinador até pode treinar durante 10 anos os jogadores, mas se o treino não for de qualidade, se não for ao encontro das necessidades do jogador, pouco adiantará essa quantificação de horas e anos de prática. Por exemplo, um treino com mais qualidade poderá compensar algumas dificuldades do jogador, e estes atingir o sucesso desportivo antes desses 10 anos de experiencia desportiva.

JC: Na sua opinião, qual é a idade aconselhável para o inicio da prática da modalidade de futebol, sendo que poderemos encarar a prática de modo federado, ou através da experimentação?

TF5: Depende, eu acho que o federado não traz qualquer tipo de problema se for enquadrado e se tivermos um conjunto de regras que tornem o desporto mais inclusivo, ou seja, onde toda a gente possa jogar, onde toda a gente possa participar. Sinceramente, neste momento não estou muito a par com o que se passa com os escolinhas e com os infantis, não sei se proporciona a participação de toda a gente na competição, se assim for, eu não vejo qualquer problema miúdos de 7 anos começarem a competir. Se não for dessa forma parece-me estar a ser bastante precoce proporcionar a uns miúdos largas horas de competição, e outros à partida já estão castrados relativamente ao tempo de prática em idades tão novas. Por exemplo, em termos de especialização especifica numa dada posição isso aqui não acontece tão cedo quanto isso, ainda nos Sub 17, acontece em alguns casos e em outros ainda não está definido. O miúdo joga a médio centro, e no outro pode jogar a lateral direito. Agora o que considero é que em idades mais

jovens, os atletas pudessem praticar outro tipo de desporto para além do futebol, no entanto também sei que em termos de tempo, e por exemplo de transportes o clube não tem possibilidade, e por isso eu acho que eles têm de optar demasiado cedo, e o que os faz decidir entre o futebol e uma coisa qualquer tem pouca substância, poderão depender de factores que se revelarão poucos importantes no futuro.

JC: Professor, falemos agora da questão dos talentos no desporto. Para si como define este conceito de talento desportivo?

TF5: Um talento desportivo é um miúdo que tenha competências técnico-táticas da modalidade específica, neste caso o futebol e para além dessas competências, tenha um conjunto de competências psicológicas, a vontade de superação, de se vencer, de se ultrapassar constantemente, ter uma boa capacidade de reacção ao insucesso, com mais trabalho, que acredite de facto nas capacidades que ele tem, e que tenha uma perspectiva humanista da modalidade, uma boa capacidades de relacionamento com o todo, com os colegas, treinadores e todo o clube. Um talento é um miúdo que consiga fazer isto na perfeição, agora existe? Não, os miúdos apenas se aproximam destas características.

JC: Essas características que me acabou de referir, são as que utiliza para diferenciar os seus jogadores muito bons dos bons?

TF5: Por exemplo, vejo isso quando vejo um jogador a assumir o risco, e esse é o bom, é aquele que quer bola, é aquele que quando as coisas estão a correr menos bem quer a bola, tem confiança nas suas acções. O menos bom é aquele que se esconde do jogo quando as coisas não correm bem, que normalmente se caracteriza por um miúdo que não abre a boca, que se desresponsabiliza, que se afasta do centro dos problemas, que se afasta do sítio onde as coisas estão acontecer, que eventualmente até arranjar pretextos para sair daquela confusão. Os bons assumem, lideram, e são normalmente aqueles que dão um grito de revolta dentro do campo de insatisfação mas ao mesmo tempo querem lá ficar para dar a volta. Em termos de concentração acho que os diferencia, o bom está concentrado na tarefa e isso percebe-se porque o foco atencional dele é o jogo, e eu consigo identificar isso, uns estão focados no jogo, outros em mim, outros na bancada, outros estão focados em tudo e ao mesmo tempo em nada, e dessa forma menos concentrados, e dessa forma erram mais.

TF5: Professor, realçando a discussão sobre qual a verdadeira origem das capacidades talentosas dos jogadores, genética ou através da experiência adquirida, tem gerado opiniões distintas entre a comunidade científica. Para si um talento nasce ou faz-se?

TF5: A minha opinião é que de facto as duas estão combinadas, eu acho que existe um conjunto de características anatomo-fisiológicas que não têm a ver com a formação do atleta, há uma predisposição, por exemplo, o tipo de fibras musculares, ou tem mais massa magra ou tem menos massa magra, ou seja há uma predisposição. Depois tem a ver com o resto que é a formação numa determinada modalidade, e as duas podem combinar uma coisa melhor ou uma coisa menos boa, e eu acho que aos 7 / 8 anos é possível ver isso, porque deparamo-nos com um grupo de 15 atletas e verificamos que ao nível físico eles se distinguem claramente, o muito rápido facilmente se detecta, e não tem a ver com o processo de treino a que está sujeito, parece-me algo mais inato, que depois quando associada a aquisição de um conjunto de

técnicas fazem a diferença, e temos miúdos que estão claramente em patamares superiores relativamente aos colegas de equipa, e vejo aí uma maior predisposição para o sucesso, ou melhor, mais condições garantidas para o sucesso, não quer dizer que os outros não cheguem lá, mas quando os outros têm aquelas características é sinal de um potencial jogador que poderá chegar à elite.

JC: Professor, para concluir esta conversa, tenho uma questão que faz referência á observação de jogadores, á selecção dos melhores. Ao seleccionarmos jogadores, como sendo os melhores para servir o nosso clube, são considerados diferentes domínios, como por exemplo, técnico, o tático, o físico, o sócio-afectivo, o psicológico?

TF5: Ok, nós temos uma lista hierarquizada, nós temos 22 atletas e eu tenho esses atletas organizados qualitativamente do 1 para o 22. A minha preocupação quando estou a observar um atleta não é que ele seja tão bom como o meu numero 1, 2, 3 ou 4, mas que tenha qualidade suficiente para entrar no meio do grupo e arrastar o ultimo para fora, ou seja, dá um margem de erro pequena. Normalmente as referências que temos de dado miúdo é por ele se destacar na equipa adversária muitas vezes por acções individuais, porque as colectivas são muito condicionadas, mas muitas vezes eles destacam-se e depois chegam cá ao nosso contexto e depois é que vemos o que ele realmente vale. Agora poderá, e já aconteceu, chegarem cá e não corresponderem aquilo que pretendemos. Em termos psíquicos, não é o primeiro domínio a ser considerado, a primeira é claramente a inteligência de jogo, o comportamento técnico-tático. No entanto o que acontece muitas vezes é um miúdo jogar num clube mais pequeno onde em termos colectivos não existe muita qualidade, e o miúdo que evidencia bastantes capacidades individuais e seu comportamento emocional vai ser algo aberrante, o qual poderá não acontecer se for transferido para outro clube adequado ao nível dele.

JC: Professor, por mim dou por terminada esta interessantíssima conversa, se tiver algum assunto acrescentar ou alguma questão estou á disposição...

TF5: Não, mas foi giro, porque estou a falar de assuntos que já não discutia algum tempo.

JC: Eu agradeço-lhe o que e como transmitiu os seus conhecimentos, Agradeço ainda os exemplos práticos, os quais realçaram a pertinência das questões abordadas... Os quais enriquecem o fundamento deste trabalho. Mais uma vez lhe agradeço a sua disponibilidade e colaboração.